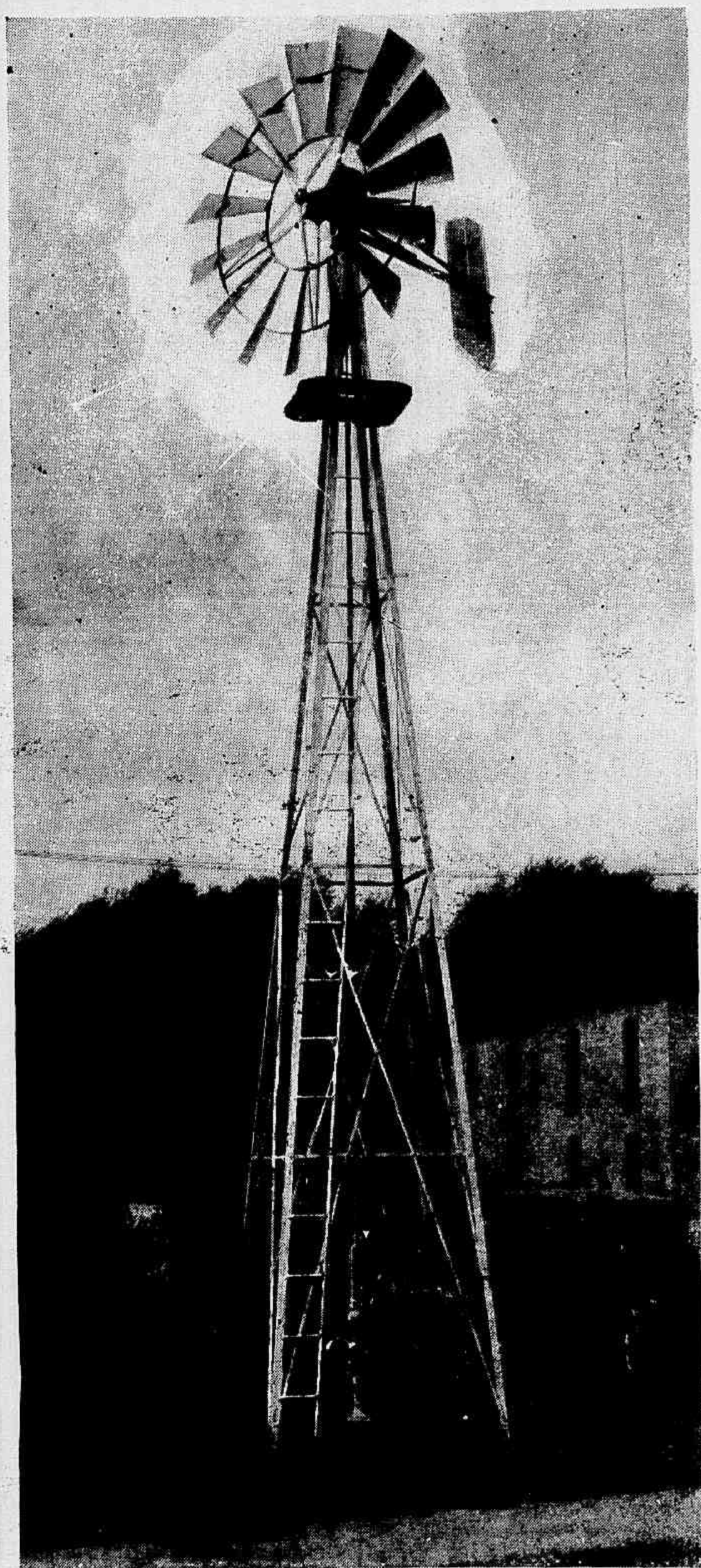
R I I A MANA

52



MOINHO DE VENTO



RESOLVA seu problema d'água para sempre, adquirindo um moinho completo — "MONARCH".

Milhares em uso ★ Grande produção de água ★ Lubrificação contínua por um ano ★ Não requer engenheiro para montar.

Examine a tabela abaixo e escolha o tipo mais apropriado para seu uso

ESPECIFICAÇÕES

Completos com roda, tôrre e cilindro

RODA	TÔRRE	PÊSO
240 cms.	8 m 40 cms.	380 kgs.
240 cms.	10 m 50 cms.	430 kgs.
240 cms.	12 m 60 cms.	510 kgs.
300 cms.	8 m 40 cms.	600 kgs.
300 cms.	12 m 60 cms.	810 kgs.

CAPACIDADE DE ELEVAÇÃO DE ÁGUA POR HORA

RODA DE 240 CMS.		RODA DE 300 CMS.		CILINDRO
Elevação	Quant.	Elevação	Quant.	Diâmetro
Metros	Litros	Metros	Litros	
66	450	115	510	1 11/16"
45	700	72	820	2
30	780	50	1000	2 1/2"
22	1500	34	1700	3

A produção é calculada com vento de 30 Kms. por hora; com vento de 2[illegible] **Kms., 90% — 18 Kms., 80% — 15 Kms., 65% das capacidades.**

PEDRO PESSANO NETTO — URUGUAIANA ★ **SOUZA PINTO** & CO. LTDA. — BAGÉ ★ **CASA DO LAVRADOR** — PELOTAS ★ **ISNARD & CIA.** — Rua 24 de Maio 90 — SÃO PAULO ★ **DUMMAR & CO.** — Cx. Postal 143 — FORTALEZA

Agente:

D. G. COIMBRA — CAIXA POSTAL 2885 — **Rio** de **Janeiro**

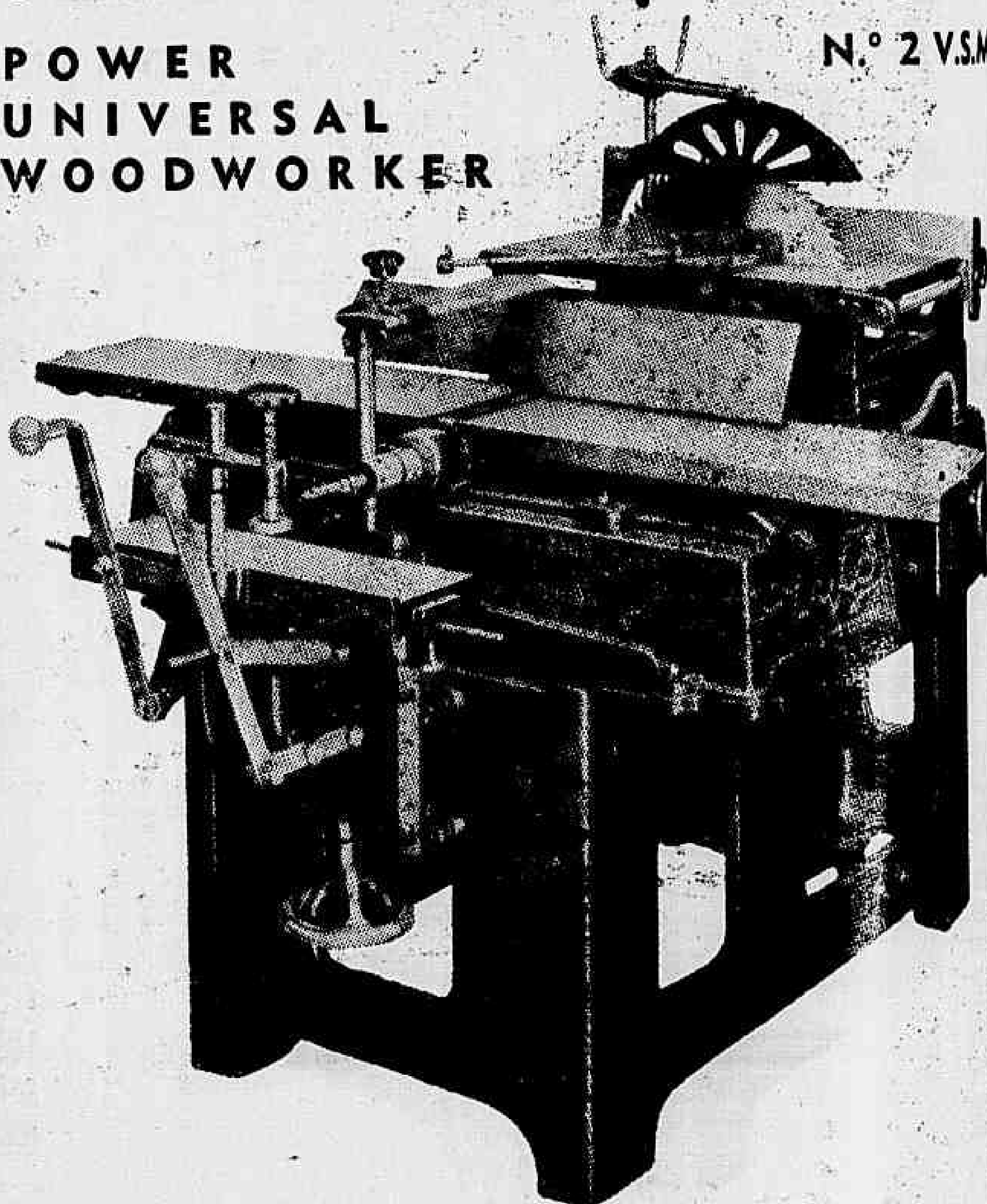
Fabricante:

BAKER MFG. CO. — 60, WALL TOWER — New York

CARPINTEIRO RÁPIDO

N.º 2 V.S.M.

POWER UNIVERSAL WOODWORKER



MAQUINA "ZYTO" U.º 2, COMPLETA, PARA TRABALHAR MADEIRA (serra de 38cms. de diymetro, corta 13 cms.) motorizada. Chanfra, fura, desbasta, moldura, aplaina, etc. — Mesa de 60x45 cms. Uma carpintaria completa. Simples. Sólida. Construção inglêsa. Ocupa pouco espaço.

Indispensável para Carpintarias, Marcenarias, Fábricas, Ca[illegible]tarias, Oficinas, Serrarias, Cervejarias, Fábricas de tecidos, Atacadistas, Constr[illegible]ros, Usinas, etc.

Queira pedir informações a

MIDDOWS LTD. — CAIXA POSTAL 3441 — **RIO**
ISNARD & CO. — RUA 24 DE MAIO, 90 — **S. PAULO**
DUMMAR & CO. — RUA MAJOR FACUNDO — **FORTALEZA**



Fotografia tirada na «Pedra da Paciência», em Pão de Açúcar, por ocasião da passagem do Imperador Pedro II e comitiva, em 1859, ao subir o São Francisco para visitar a cachoeira de Paulo Afonso. Assinalados: 1 — O Imperador; 2 — a Imperatriz; 3 — a Princesa Isabel; 4 — o Barão de Piaçabuçu.

D. PEDRO II NA "PAULO AFONSO"

*O nosso segundo e último imperador era um homem dedicado ao culto do
elo. Seu pai, o soberano galanteador e
revido, que as crônicas celebrizaram, te-
endo que o filho se convertesse numa se-
unda edição de Príncipe "sassaricador",
eu-lhe como preceptora a mais virtuosa
as damas do Império, a condêssa de Bel-
onte. Mas Pedro II não trazia no sangue
germe de Maria I, nem de Carlota Joa-
uina, nem do Príncipe Maluco. Êle rece-
era, em cheio, os dons da herança ma-
erna, os cromósomas de uma estirpe es-
irtual e limpa. E Pedro II, desde muito
ovem, denunciava possuir qualidades de
stadista, de homem probo, de natureza
cima do comum. Os contrastes estabele-
idos entre êle e o pai, sob o ponto de
ista moral e intelectual, ainda mais avul-
aram em seu favor, no conceito do povo
dos analistas. Já adulto, era grande de-
orador de cultura. Lia muito. Conhecia
árias línguas, inclusive a dos nossos ín-
ios. Apaixonado pelas conquistas do pro-
esso e do espírito, auxiliou com trinta
il contos a reforma da indústria açu-
areira de Campos e se emocionava com
problemas das sêcas do nordeste. Pe-
o II era abolicionista. Doía-lhe n'alma
r o que era a escravatura negra. Tôdas
etapas em favor da emancipação, ante-
dentes ao 13 de maio de 1888, receberam
us aplausos. Na visita a Paris, não foi
eber em cabarés ou examinar os antros
o apachismo: quis ver, fito a fito, a ca-
ça de Victor Hugo. Ali, ao ser tratado
Majestade, respondeu: "Agora só vejo
na Majestade: a Majestade do Talento".*

*edro II era poeta, filósofo, poliglota, cor-
al, humano. Uma criatura sem mãe aos
ze meses de idade e sem pai aos nove
os, filho de um príncipe estouvado e epiléptico, resplandeceu como estrêla de primeira grandeza em meio a cerrações e brumas em terrenos pantanosos. Patriota dos mais firmes, repeliu com dignidade a arrogância estrangeira contra a soberania do Brasil, sendo dêle a famosa expressão: "Prefiro a morte a viver sem honra".*

Um dia, interessando-se pelas possibilidades da cachoeira de Paulo Afonso, antevendo numa visão divinatória o que seria, no futuro, a fôrça hidráulica da poderosa catadupa, lá se foi êle, com pequena comitiva, em direção do nordeste. Não sabemos qual o itinerário. Temos, porém, em mãos uma fotografia histórica tirada em Pão de Açúcar, cidade do baixo S. Francisco, situada entre Belo Monte e Piranhas, em Alagoas. É claro, pois, que Pedro II subiu o São Francisco, via Penedo, que era o último pôrto a dar abrigo seguro a pequenos navios.

Chegando a Pão de Açúcar foi o soberano e a imperatriz, a princesa Isabel e demais membros da caravana, recebidos e hospedados pelo barão de Piaçabuçu (àquele tempo se grafava Piassabussú), Cel. João Machado de Novais Melo, homem de prol e político de largo prestígio em tôda aquela região sertaneja. D. Pedro e sua real espôsa descansaram durante um dia, vendo e admirando a região, onde começa outra fisionomia no traçado do grande rio, iniciando-se, lá para as vizinhanças de Entre-Montes, os cortes abruptos, os taludes alcantilados e imensos, as correntezas perigosas, dentre elas se destacando a da "Pedra do Mateu", sorvedouro de canoas e de vidas. A natureza se encrespa e prenuncia o fim da navegabilidade do S. Francisco, em Piranhas. A fidalguia do barão de Piaçabuçu cativou os imperadores que, em reconhecimento pela hospedagem, ofereceram aos anfitriões, uma bandeja de ouro, tôda feita de esterlinos, ligadas as moedas umas às outras, obra de delicada manufatura e de grande beleza artística. Êsse mimo passou do velho barão para seu filho Miguel de Novais Melo, juiz de Direito de Penedo, onde morreu. Sua espôsa, Rosa de Albuquerque Novais, perdeu de vista muita coisa vinda daqueles tempos românticos e felizes, no tumulto de inventários e partilhas, e de novas núpcias. E a bandeja de esterlinos encantou-se...

A fotografia que ilustra esta crônica nos foi oferecida pelo dr. Paes Barreto, juiz aposentado e residente em Belo Horizonte, neto do barão de Piaçabuçu. O autor desta crônica, casado com uma neta do mesmo hospedador dos soberanos, se dispusesse de tempo e de dinheiro, investigaria o caso da bandeja, não para recuperá-la, pois já deve ter-se convertido, há mais de meio século, em matéria fundível... Mas converteria tudo isso numa novela de sabor bem brasileiro, tendo por fundo a visita do Imperador e a hospitalidade do barão. Isso, porém, só será possível hoje ao senador Novais Melo, ex-Ministro da Agricultura, pois também é neto do velho latifundiário de Pão de Açúcar e dispõe de tempo e dinheiro para tais esportes.

Prosseguindo sua viagem, Pedro II chegou à cachoeira, do que há uma placa de bronze comemorando a real visita. Conta-se, porém, que S. M., em certo trecho da estrada, visitou uma escolinha perdida naquelas caatingas de macambira e xiquexique. Ao transpor a porta, sem qualquer aviso prévio, surpreendeu a professôra que, segurando a mão de um menino, com a direita erguia acima da cabeça a palmatória e exclamava raivosa: "Vamos, seu arralaxado; subistantivo vareia ou não vareia?!"

RENATO DE ALENCAR

Sumário

REPORTAGENS

No Trampolim da Gávea 7/10
Duas vitórias de Fangio 11/13
Enquanto a cidade dorme (Domingos de Lucca Jr.) 19/21
Um brasileiro no Scala de Milão 28/29
Fluminense — campeão de 51 (Levy Kleiman) 55/57

LITERATURA

D. Pedro 2.º na Paulo Afonso (Renato de Alencar) 3
A Prova (Geo William) 18
Afonso Pedro (E.M. Raide) 26
O golpe de misericórdia (Péricles Leal) 34/35

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 4/5
Personagem da Semana 5
Puxe pelo cérebro 48
Palavras Cruzadas 49
Tudo isto aconteceu 50/51
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 14
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Amor à primeira vista 38

CINEMA

Fora da Tela 44/45
Pobre Coração (Cine-Novela) 52/53

HUMORISMO

Tá bom tá (Théo) 6
Êste mundo e o outro (Darcy) 15

CURIOSIDADES

Pequena História do Box (Dudley Lister) .. 16/17

FEMININAS

Week-End na Cozinha 27
Carnaval (Ramon) 36/37
Tafetá 40/41
Silhuetas Elegantes 42/43

E X T R A

EU VI A GUERRA DE PERTO (Fernanda Reis) 30/33

ILUSTRAÇÕES

M. Queiroz — Orval — Jerônymo Ribeiro — Rafael.

FOTOS

José Santos — Dario Terini — Arquivo — Avulsas.

C A P A :

CYD CHARISSE

(Foto M.G.M.)

A SEMANA

A taça da amargura



O corredor Fangio, "ás" argentino do volante, chegou ao Rio para as corridas de Interlagos e do "Trampolim do Diabo" (Gávea), e, desde que botou o pé no aeroporto do Galeão, até ao escrevermos esta nota, só tem sofrido contrariedades. Parece que o simpático automobilista veio perseguido por "embrujos" de algum espírito-de-porco lá de seu formoso país. Vejamos: Ao descer do avião, conduzindo duas taças que o general Perón e sua espôsa ofereciam a vencedores brasileiros das duas provas, Fangio teve que suportar uma detenção exagerada e absurda por parte de um inspetor de Imigração, tendo sido preciso pedir a intervenção do Ministro do Trabalho. Em S. Paulo, quando rodava, após sua vitória em Interlagos, pelas ruas da capital, foi prêso sob a alegação por parte de um guarda de trânsito, de que seus documentos não estavam em ordem. Mais tarde, quando Fângio se dirigia, em companhia de uma senhora, para um banquete em sua honra, foi detido por um policial, sob o pretexto de que a dama não estava vestida decentemente. Tudo isso com o indefectível comparecimento aos distritos, explicações, telefonemas urgentes para os representantes do Automóvel Clube do Brasil, pessoas influentes na política, enfim, todo um cortejo de complicações positivamente deploráveis. E, no dia 18 de janeiro, tendo Fângio que chegar dentro da hora para o respectivo treino na estrada da Gávea, com a pista fechada, só deu as caras quando já os organizadores estavam desiludidos de que êle comparecesse à experimentação. E, quando faltavam minutos para encerrar-se o horário, chega Fângio! Que teria havido então? Algum "boi" na linha?

Até os Índios desertam

HÁ no interior de Pernambuco um aldeiamento de silvícolas já civilizados, nas proximidades de Águas Belas, a terra natal de Lampião. Êsses índios estão em decadência. Mas, como a situação lhes impõe a endogamia, isto é, o casamento entre êles mesmos, a raça vai atravessando os anos e a povoação se mantém sabe Deus como. Dedicam-se a pequenas indústrias caseiras, como a de manufatura de chapéus de palha, esteiras do mesmo material, espanadores, etc. Gente inculta, completamente analfabetos, são uma espécie de ilha etnográfica naquele sertão já sem vestígios de selvagens. Pois agora chega ao Rio um jovem tapui, de dezenove anos, vindo de sua "ocara" para fazer uma visita ao general Rondon que, segundo constara entre os de sua tribo, estaria muito doente. Os serviços de Rondon em matéria de índios se fizeram muito mais ativos no oeste brasileiro e nas matas amazônicas. Em todo o nordeste brasileiro não há mais nem rastro de índio, e a povoação silvícola de Águas Belas é coisa já muito antiga. Não deixou, pois, de causar espanto o cuidado que teve Ubirajara Mendes de vir de tão longe para fazer uma visita ao protetor dos índios. Mas, chegando ao Rio, depois de estafante travessia de sua terra ao Recife, dali a Petrolina, de Petrolina a Joazeiro (Bahia) e dali, pelo S. Francisco, até Pirapora (Minas). De Pirapora desceu para Belo Horizonte, de trem, e da capital mineira para o Rio pela Central. Há um mês que viaja. Mas, ao chegar aqui, já declarou aos jornais que vai pedir um emprêgo ao gal. Rondon, pois quer ficar no Rio. Êsse índio é um símbolo e um sintoma. É alarmante.



Abandonem o navio



O cap. Kurt Carlsen, do "Flying Enterprise", cargueiro de 6.700 toneladas, estêve com o seu nome no noticiário da imprensa mundial. E' que êsse bravo marujo, vendo o seu barco prêsa de terrível tempestade, tudo fêz a fim de evitar o naufrágio do navio carregado com vários milhões de dólares de carga. Segundo asseveram, o valor do navio e da respectiva carga se elevava a quatro milhões de dólares. Logo que o cap. Carlsen percebeu que não era mais possível salvar o navio, gritou para a marinhagem: "Abandonem o barco!" Os marujos lhe obedeceram e foram recolhidos pelos rebocadores enviados para seu salvamento, assim como por outros navios que acorreram em auxílio do cargueiro da Isbrandtsen. Sòmente êle permanecia a bordo, apesar da inclinação cada vez mais perigosa do "Flying Enterprise". Às dezesseis horas do dia 10 de janeiro, ainda estava o cap. Carlsen a bordo. As vagas revôltas cobriam o navio de vante à ré. Logo que começou a afundar, o bravo marujo subiu à chaminé, esperando o momento final. Às dezesseis e dez minutos, êle saltou para o mar, sendo recolhido a bordo do grande rebocador "Turmoil", despachado para salvar o navio ou recolher seus tripulantes. O cap. Carlsen, a bordo do rebocador, ainda teve tempo de olhar, pela última vez, os restinhos do seu navio, que mergulhava, definitivamente, no âmago das ondas. Nesse instante, comovido, êle fêz um aceno com as mãos despedindo do seu barco. Dos vapores em volta, sirenas e apitos estrugiram, enquanto vários foguetes luminosos subiam aos ares e vinham cair na superfície das ondas como lágrimas dos marujos ao seu segundo lar que afundava.

EM REVISTA

Locomotivas



NOTICIAS de Rennes, França, dizem que, numa das fábricas de maquinaria ferroviária, foi experimentada uma locomotiva fabricada para o Brasil. Essa máquina rodou na linha Guingamp-Carhaix (será isso mesmo?), ficando provada a sua perfeita estabilidade, sua fôrça e eficiência. Essa primeira locomotiva, de uma série de outras iguais, no total de noventa, tem onze metros de comprimento, velocidade de sessenta a setenta quilômetros horários e pesa, carregada, sessenta-e-nove toneladas. Serão construidas as restantes nas oficinas Creusot, Fives de Lille e Caille, contando com os mais recentes e modernos aperfeiçoamentos. As experiências foram presenciadas por muitas autoridades de ambos os paises. No número dessas noventa locomotivas, vinte-e-quatro são mais poderosas e serão construidas nas mesmas oficinas. Excelente noticia para os brasileiros; mas, como não pode deixar de ser, tomamos a liberdade de lembrar ao nosso Govêrno, ou às autoridades federais a quem couber a direção da sugestão, que não se esqueça da questão dos trilhos e do leito de nossas vias-férreas. Uma locomotiva que desenvolva boa velocidade para subir nossas rampas nas serras aí pelo interior, é uma mão na roda, como diz o matuto; mas, de que servirá uma máquina dessas se o leito das estradas não permite desenvolver velocidade? Sempre que um trem procura chegar mais cedo, ou na horinha da tabela, descarrila. O motivo é óbvio: o leito da estrada estava em má situação. Que venham as novas e modernas locomotivas para nossas estradas de ferro; mas que os respectivos leitos fiquem em condições de suportá-las em velocidade.

A Futura Catedral do Rio



O arquiteto capixaba Clemente Holzmeister acaba de projetar a futura catedral do Rio de Janeiro. Trata-se de um engenheiro civil cujo nome é conhecidissimo em várias capitais da Europa, tendo mesmo adquirido essa fama através de suas arrojadas plantas de templos católicos, urbanizações e edificios públicos. Igrejas da Áustria, a "Cidade do Dr. Fausto" em Salzburgo, edificios em Ancara, Turquia, etc., deram ao nosso patricio um renome universal. E' êle o autor do monumental projeto da catedral de Belo Horizonte, já em inicio de execução, a qual abrigará doze mil fiéis. E' dêle o projeto para a futura catedral carioca. O que o prof. Holzmeister idealizou é qualquer coisa de revolucionário. Levou dez dias elaborando o plano a pedido do arcebispo cardeal d. Jaime Câmara. A sugestão do engenheiro capixaba, e que é catedrático da Academia de Belas Artes de Viena, espanta a quantos examinam as linhas arquitetônicas do monumental templo católico. Inspirado nas montanhas que circundam o Rio, o projeto termina em duas elevações laterais de cem metros de altura. Ao centro da depressão, de onde se irradiam as duas alas em ascensão, ergue-se a tôrre, em forma de agulha, com 170 metros, tôda revestida de azulejos azuis e côr de ouro. Pela disposição interior, o altar-mor poderá ser visto de qualquer ponto do interior do templo. Sua capacidade é de 20 mil pessoas. Será a maior catedral do mundo e levará uns dez anos para ser concluida. O arrojado plano do nosso patricio surpreenderá a quantos estão habituados com a tradicional feição das nossas igrejas.

A Rainha de Sabá



NARRA a história que, um dia, a famosa Rainha de Sabá, ofuscada pelas riquezas e sabedoria do não menos famoso Rei Salomão, saiu de seus dominios em Shabva para ir fazer uma visita ao soberano da eqüidade. Mas, segundo alegam os arqueólogos e historiadores habituados a lidar com as coisas mais velhas do mundo, jamais se descobriu onde ficava realmente êsse dominio da Rainha de Sabá. Em que região estava Sabá? E a Rainha dêsse reino encantado teria existido mesmo? Até hoje estas perguntas ficaram sem resposta. A lenda encobre tudo com o seu manto de fantasias. Mas agora, segundo noticias vindas de Londres, o ex-oficial da RAF, de nome Gilbert Harris, resolveu esclarecer tudo. Para isso entrou em negociações com a Universidade da Provincia do Cabo, África do Sul, a qual se comprometeu a financiar a expedição de Harris. Êle já contratou um arqueólogo e um fotógrafo, bem como vários carregadores nativos. Seu objetivo é o de internar-se através de tribos árabes com o fito de descobrir a "cidade perdida", em que pontificava a Rainha de Sabá. Êle sabe que a região por onde vai andar está infestada de tribos árabes muito brigonas e valentes. Em seu mapa há uma designação que muito lhe faz cócegas: o local em que deve estar, sob camadas de areia, a terra de Shabva (Sabá?), desaparecida há séculos, mas ainda com vestigios acima do oceano de areia. Harris declara que êle sabe qual a rota seguida pela Rainha de Sabá quando de sua visita ao Rei Salomão. E está disposto a levantar o véu de tantos mistérios. Se há algo de verdade, êle a revelará ao mundo. Se não... Que outros visionários o imitem.

A PERSONAGEM DA SEMANA


Froilan Gonzalez

MAIS uma vez o esporte forneceu motivo para esta coluna. A nota sensacional da semana que passou, — à parte o triunfo conquistado pelo Fluminense — foi a vitória do corredor argentino Froilan Gonzalez, levantando o primeiro lugar no «XI Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro», na pista do famoso Circuito da Gávea, o popular «Trampolim do Diabo». Gonzalez, que veio da Argentina com o seu patrício Fangio, é campeão de seu país e o terceiro do mundo. Eram quinze os disputantes, tendo largado 14, em virtude de um defeito do carro 42. Desde o início, verificou-se que o duelo seria travado entre Chico Lândi, brasileiro, e Gonzalez. Suas máquinas eram de potência ligeiramente diferente, com vantagem para o argentino. Fangio, que foi o herói de Interlagos dias antes, desistiu na primeira volta, por ter-se quebrado o diferencial de seu carro. Daí em diante, Lândi se manteve à frente até à oitava volta. Precisando reabastecer-se, perdeu 58 segundos, tendo Gonzalez tomado a dianteira. As esperanças dos torcedores seriam a chance que Lândi ia também ter, quando o argentino fôsse ao «box» para abastecer-se ou proceder a qualquer reparo ou substituições em sua «Ferrari». E assim sucedeu; mas, desenvolvendo velocidade audaciosa e alucinante nos zigue-zagues da Gávea, Gonzalez conseguiu retomar a frente e nela se conservou até ao final da vigésima volta. O esportista platino bateu todos os recordes na performance do dia 20 de janeiro, com a fantástica média horária de 90km321; o nosso patrício marcou o segundo lugar, com 89km038, tendo cabido ao mesmo, um recorde: a volta mais rápida em corrida com 7'11"6/10. A grande multidão que enchia os lugares mais acessíveis da pista, não se cansou de aplaudir os concorrentes, e rendeu tôdas as suas homenagens ao herói do dia, o argentino Froilan Gonzalez, que leva para Buenos Aires o maior prêmio em dinheiro, além de taças, inclusive a instituída pelo Ministério da Aeronáutica. Parabens ao vencedor pelo feito sensacional numa pista da natureza daquela, e cercado de competidores de grande classe.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar Ventre-Livre ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de Ventre-Livre hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando Ventre-Livre.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

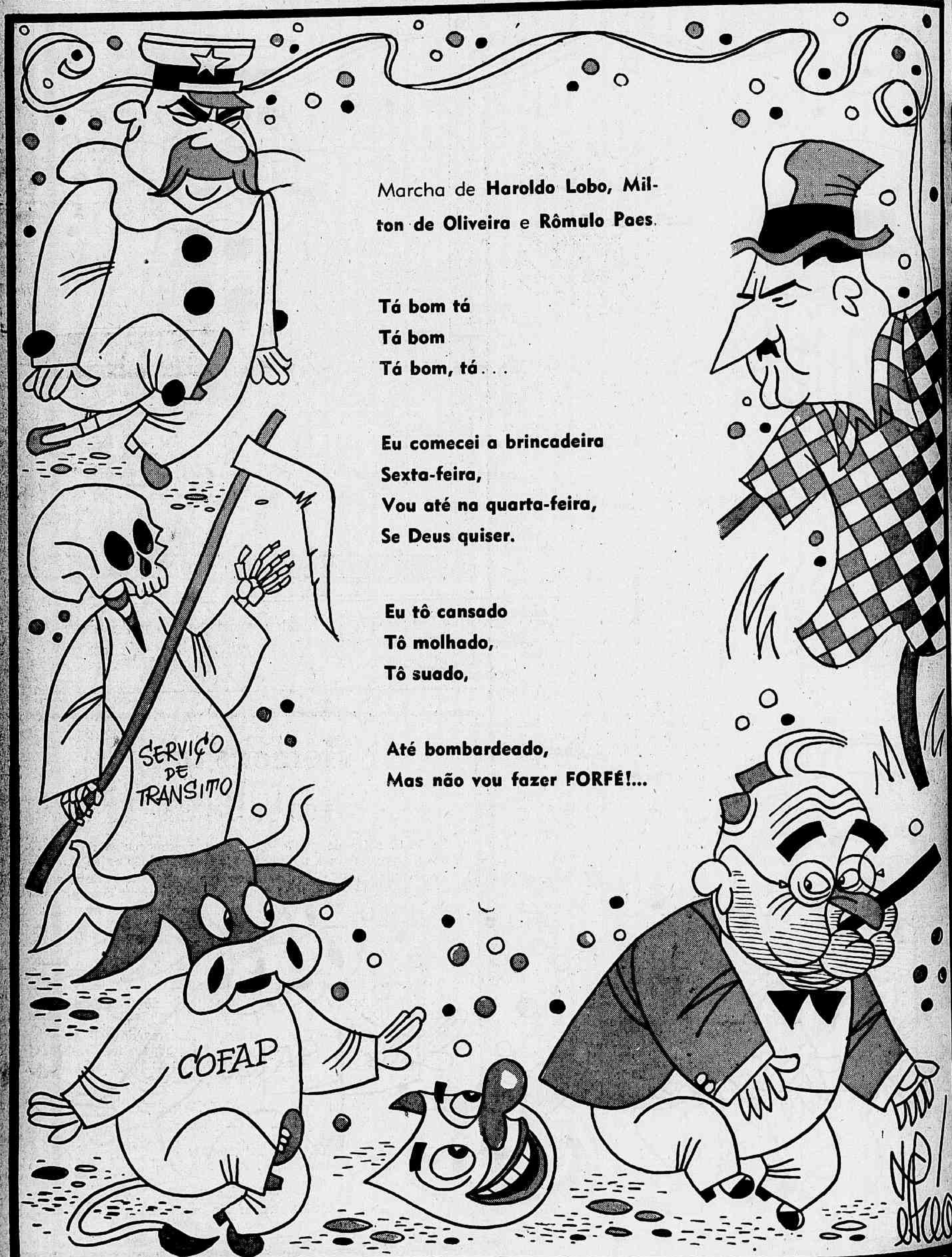
• • •

Lembre se sempre: Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa alguns vidros de Ventre-Livre

TÁ BOM, TÁ!..



Marcha de **Haroldo Lobo, Milton de Oliveira** e **Rômulo Paes**.

Tá bom tá
Tá bom
Tá bom, tá . . .

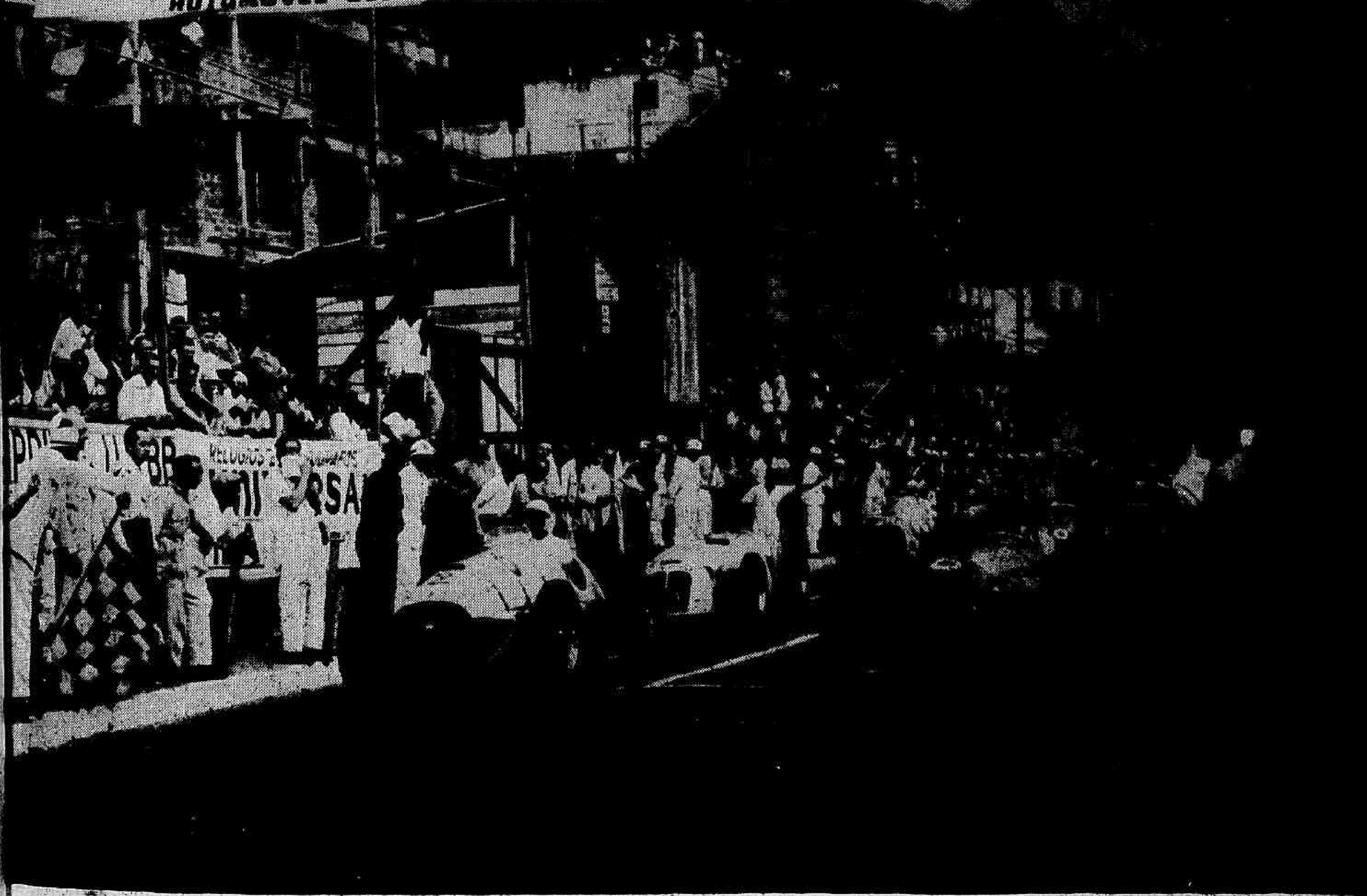
Eu comecei a brincadeira
Sexta-feira,
Vou até na quarta-feira,
Se Deus quiser.

Eu tô cansado
Tô molhado,
Tô suado,

Até bombardeado,
Mas não vou fazer FORFÉ!...

VENCE O ARGENTINO GONZALEZ

NO TRAMPOLIM DA GÁVEA



Dado o sinal da partida, arrancam Fangio e Landi no primeiro pelotão; Gonzalez e Mário Valentino no segundo; Credentino e Abrunhosa, Boneto e Anuar, Benedito Lopes, Pinheiro Pires e os demais, sob os primeiros aplausos dos populares. Era o início do XI Circuito da Gávea, destinado a marcar outro grande sucesso.

POR DUAS VÊZES CHICO LANDI ASSUME A LIDERANÇA DA CORRIDA FAMOSA ★ MAS A SORTE E A BOA MÁQUINA SORRIRAM A GONZALEZ ★ O QUE FOI O XI CIRCUITO DO FAMOSO CERTAME BRASILEIRO ★ E FANGIO, QUE BRILHOU EM SÃO PAULO, NÃO FOI ALÉM DA SEGUNDA VOLTA, NA GÁVEA...

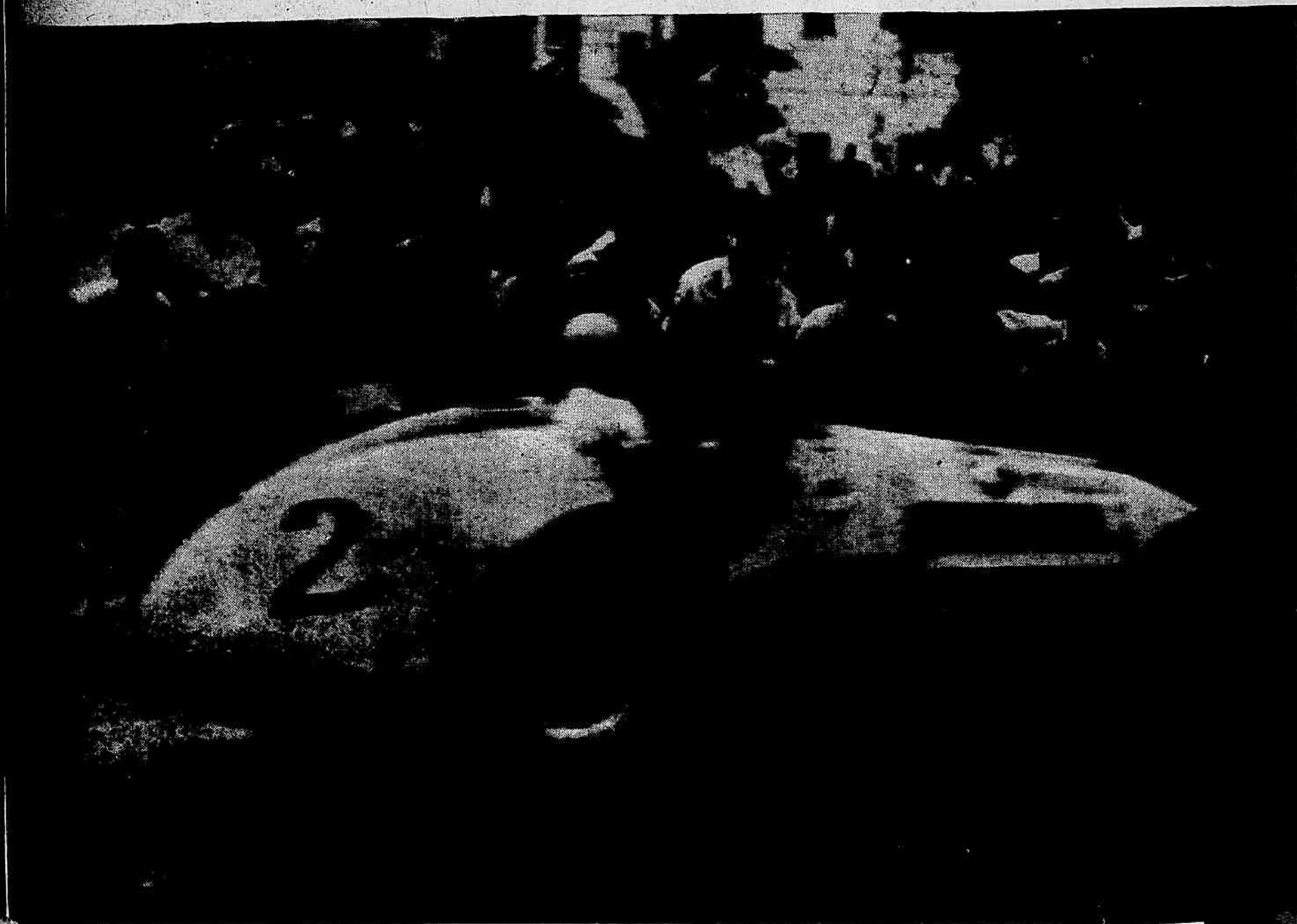
PELA décima primeira vez grande parte da população carioca afluiu para o extremo sul da cidade com o propósito de assistir ao já tradicional e famoso Circuito da Gávea, que teve êste ano a presença de algumas das mais ilustres personalidades do automobilismo mundial. Desde as primeiras horas da manhã de domingo, 21 de janeiro, numeroso público se movimentava para conseguir o melhor local de onde presenciasse a passagem dos concorrentes. E muitas centenas, senão milhares de pessoas, haviam passado a noite nos pontos mais estratégicos, no Leblon, na Avenida Niemeyer, em Marquês de São Vicente, enquanto os mais previlegiados dormiam tranqüilamente nos carros de sua propriedade. As emissoras estavam com seus postos de observação distribuidos em todo o percurso da pista e as tôrres de comando no local da partida. Dos Estados chegavam desde a ante-véspera muitos curiosos, ávidos de assistir à grande competição em que se defrontariam Fangio, campeão mundial, que vinha de arrebatar o título da vitória em Interlagos. Às nove horas em ponto, quando tôdas as máquinas estavam alinhadas para a partida, sentia-se claramente, em cada fisionomia, nervosismo indisfarçável, cada competidor mais ansioso de ser o primeiro a arrancar e a chegar; e cada espectador disposto a divisar numa curva da pista, ou numa reta mais ampla, o primeiro volante.

Finalmente, dado o sinal da partida, dá-se a arrancada inicial. Fangio e Landi, o argentino e o brasileiro, figuram no primeiro pelotão; Gonzalez, de quem não se esparava uma «performance» tão feliz, no segundo; Credentino e Abrunhosa, Boneto e Anuar, Benedito Lopes, Pinheiro Pires, todos, enfim, davam início à competição que adquiriu, já, foros mundiais.

O primeiro carro a despontar nas proximidades da Gruta da Imprensa foi o de Juan Manuel Fangio, desenvolvendo extraordinária velocidade. Logo atrás,



Os carros fazem curvas fechadas mostrando a perícia de seus volantes; outros passam, como perfeitos meteoros, à frente do povo que se comprime nas calçadas, para lá dos cordões de isolamento. A desistência de Fangio, visto que o diferencial de seu carro está quebrado e para substituí-lo seria necessário muito tempo, é recebida com grande pesar.





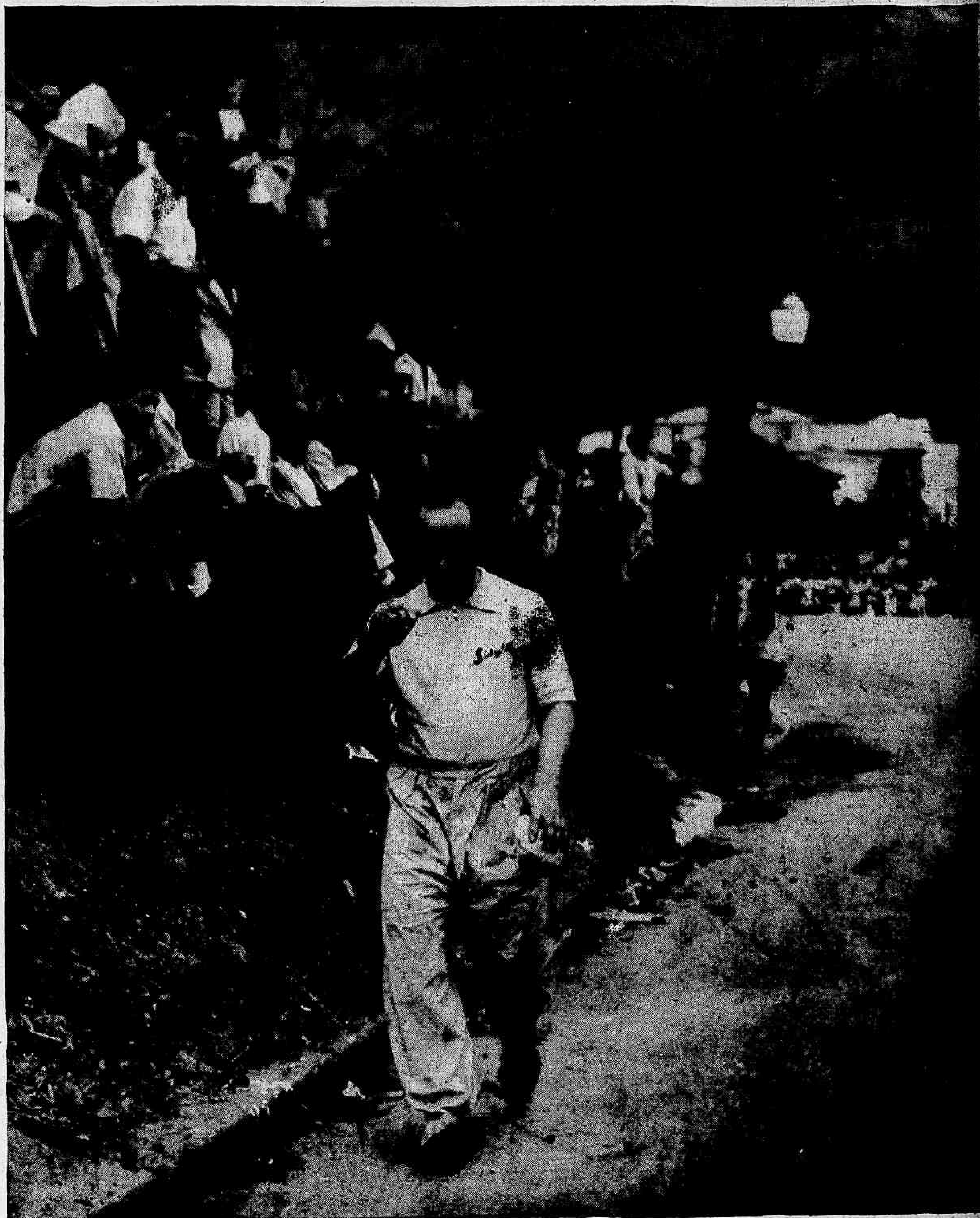




Benedito Lopes, que na sexta volta ainda conseguia manter a quarta colocação. Tivesse o veterano corredor patrício melhor máquina e sua situação na Gávea seria bem superior.

Bonetto, que durante o circuito tomou o lugar de Pagani em seu carro e prossegue no lugar do seu compatriota. O bravo corredor italiano teve uma excelente atuação na grande prova.

Todos os volantes pensavam na vitória — que só poderia sorrir a um dêles. Mas outros circuitos virão e ainda êste ano teremos a repetição dessa prova de arrôjo com grandes ases.



Fangio vê-se obrigado a desistir e o faz mantendo um sorriso de aparente displicência. Com muito espírito esportivo, o «ás» argentino limitou-se desde então a assistir aos demais como qualquer outro espectador.

NO TRAMPOLIM . . .

apontavam Froillan Gonzalez e em seu encalço o nosso patrício Francisco Landi. Mas ainda na primeira volta, Gino Bianco vê-se obrigado a desistir da corrida. Desde a saida seu carro apresentava sérios defeitos; assim mesmo o bravo volante estava disposto a prosseguir na marcha, até quando recebeu ordem para parar definitivamente. E obedeceu.

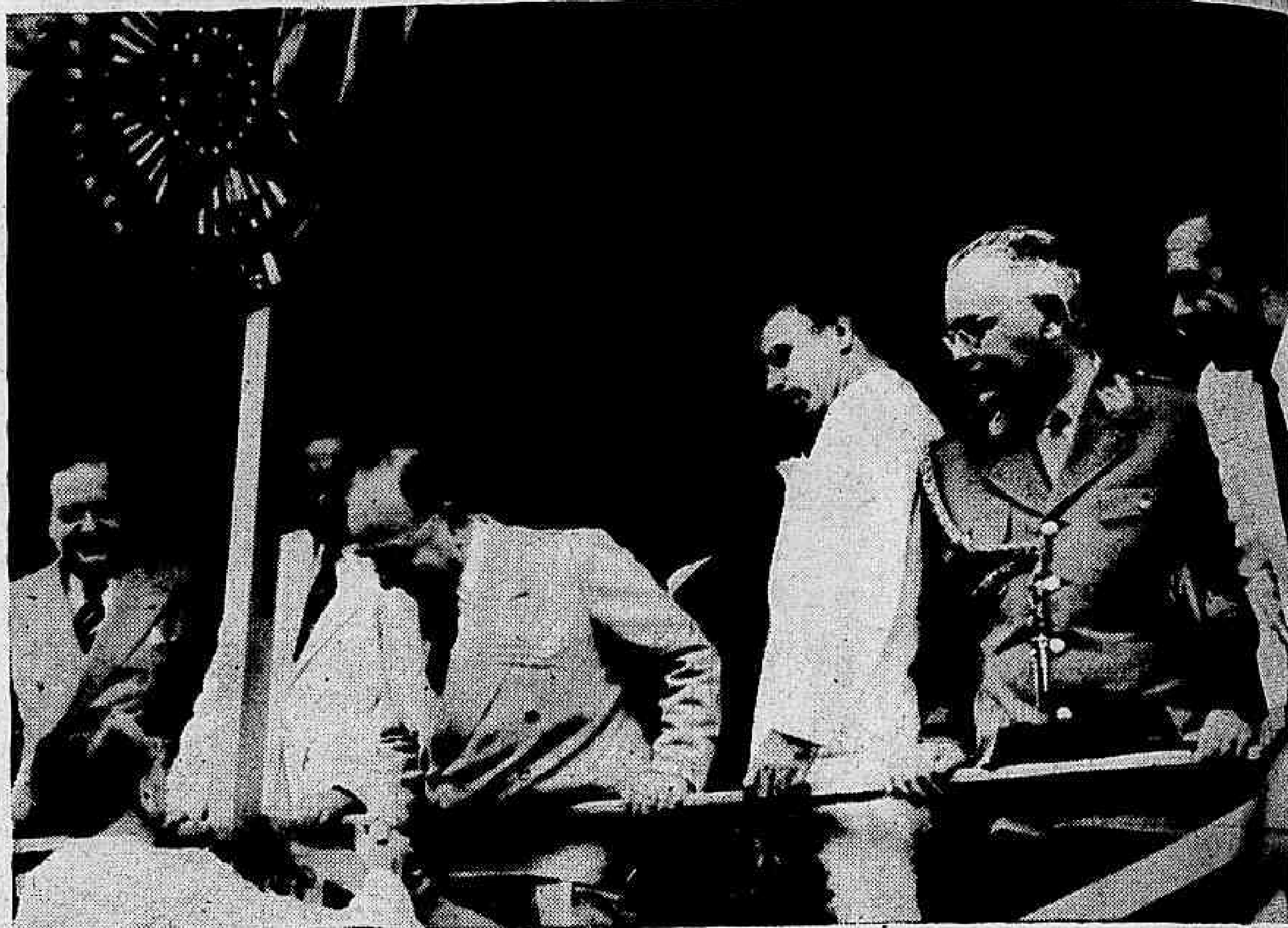
Ainda não estava completada a primeira volta do percurso e Landi, desenvolvendo excelente velocidade, consegue ultrapassar Gonzalez, firmando-se no segundo pôsto, enquanto Fangio permanece à liderança. Trava-se, desde essa altura, um terrível duelo entre Fangio e Landi, já que o carro de Gonzalez, devido a uma ligeira derrapagem, perdia terreno, embora sem maiores conseqüências.

Bastante distanciados dos demais concorrentes, Fangio, Landi e Gonzalez iniciavam outra volta, ganhavam a Gruta da Imprensa, quando o corredor brasileiro tenta sensacionalmente aproximar-se do primeiro colocado, enquanto Gonzalez lhe vai no encalço. Na segunda volta, quando se esperava a passagem de Fangio à vanguarda, com surprêsa aparece Landi em louca disparada, perseguido de perto por Gonzalez. Sabia-se, logo em seguida, que o carro de Fangio apresentava defeitos, trabalhando seus mecânicos para recolocá-lo na prova. Completa-se mais uma volta, a terceira, e nessa altura a corrida está deveras sensacional, com o duelo entre Landi e Gonzalez, êste a apenas dois segundos de diferença. Credentino surge como terceiro-colocado, enquanto Fangio e agora também o italiano Boneto, estão parados, tentando todos os recursos para recomeçar. Abrunhosa ia também ganhando distância.

Aproximam-se os principais do pôsto de cronometragem para começar a quarta volta e a situação permanece inalterável: Landi em primeiro e Gonzalez em segundo com escassa diferença. Sabe-se então que Fangio desistiu, pois o diferencial de seu carro partiu-se e para ser substituido demandava muito tempo.

E a prova segue a sua marcha ascendente: Na quinta volta, ainda Landi está na dianteira, mas Gonzalez começa a melhor ameaçando bastante o nosso patrício. Completa-se a sétima volta e é ainda Landi quem comanda a corrida. Mas ao ser completada mais uma volta, quando o volante entra no «box» para reabastecimento, Gonzalez assume a dianteira vindo em segundo Credentino, com grande

(Cont. na pág. 1[illegible]



No palanque presidencial, o sr. Getúlio Vargas manteve assídua palestra com populares e felicitou os corredores vitoriosos em 1º e 2º lugares. Aqui o vemos falando com Teffé.

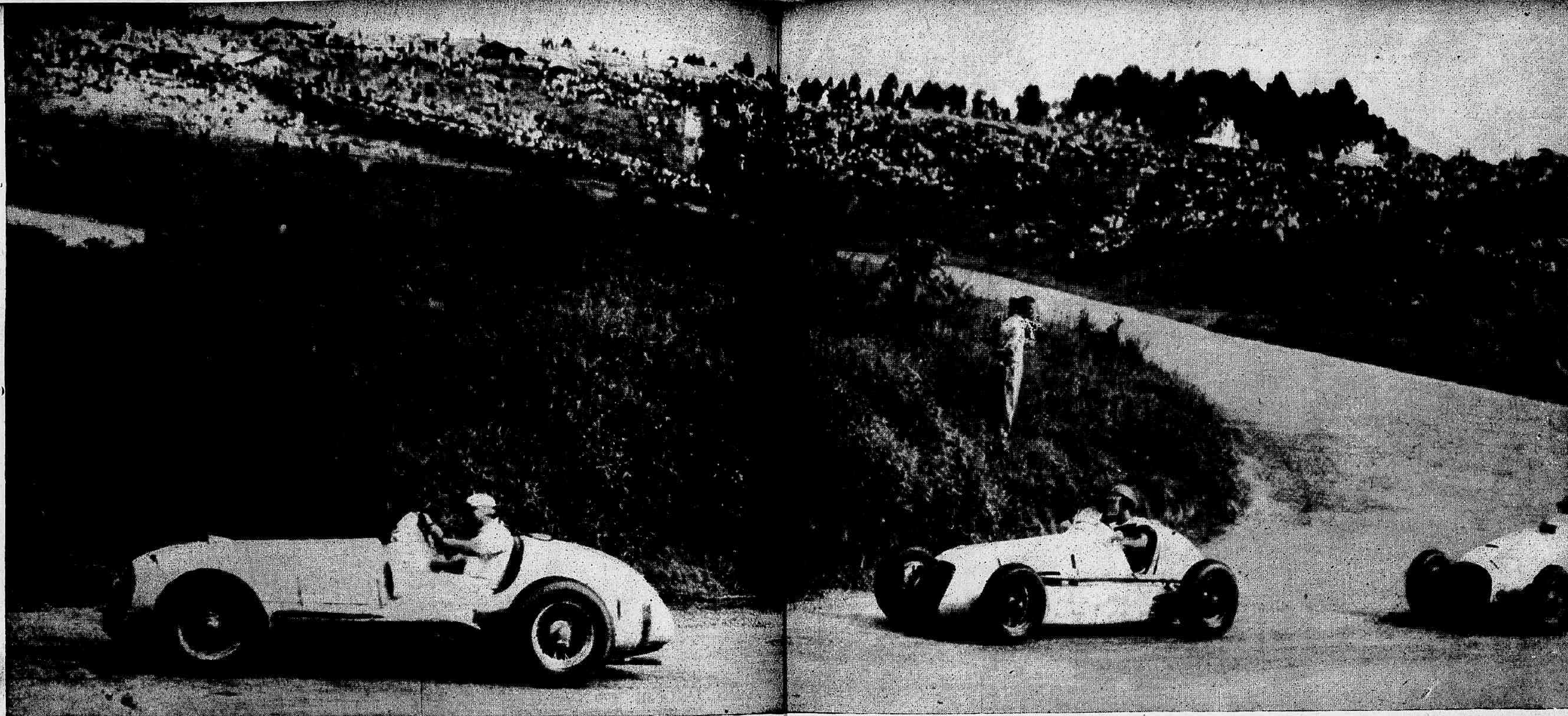


Gonzalez chega ao final da prova, cumprindo as vinte voltas do percurso no tempo de duas horas, vinte e sete minutos, vinte e oito segundos e quatro décimos, s[illegible] assim o atual recordista da grande corrida. O volante argentino foi recebido sob os aplausos delirantes: era êle o herói do XI Circuito da Gávea — todos o felicitav[illegible]

FANGIO BATE DOIS RECORDES EM 24 HORAS



Juan Manuel Fangio falhou no Rio mas bateu dois recordes em São Paulo, domingo anterior. Venceu a corrida de Interlagos e foi prêso duas vêses, em menos de 24 horas. E' deveras, um recorde para um cidadão honesto êsse alcançado pelo bravo «ás» do volante argentino!



Marques, entre os dois argentinos, foi o pesadelo do dia em Interlagos. Quase veio a sagrar-se campeão e Fangio confessou seu mêdo ante a coragem e intrepidez do «ás» nacional. Mas foi Fangio quem cruzou primeiro lugar a linha de chegada vitoriosamente... A sorte assim o quis.





Enguiçou a bomba de gasolina e Landi chegou no último lugar. O destino é implacável com êsse volante e alguns comentaristas fizeram referências um tanto suspeitas...

O povo carregou Francisco Marques aclamando-o calorosamente. O volante luso dera todo seu sangue para vencer e assustou, por algum tempo, o campeão do mundo. Mereceu o 2º pôsto.

SÃO PAULO

LANDI, NOVAMENTE, COM "PÊSO" ★ MARQUES O HERÓI DA JORNADA ★ ANUAR DE GÓIS DAQUER, EM 4º LUGAR, COM UMA MÁQUINA VELHA ★ FANGIO E GONZALEZ TÊM UMA CLASSE NOTÁVEL ★ OS ITALIANOS EN COSTARAM AS "FERRARI" ★ NENHUM ACIDENTE EM INTERLAGOS ★ 30.000 ESPECTADORES TRANSPORTADOS POR 10.000 VEICULOS

S. PAULO, janeiro.

JUAN MANUEL FANGIO, o campeão mundial de automobilismo, que levantou, há pouco, o V Grande Prêmio Cidade de São Paulo, foi prêso duas vêzes, nesta Capital, em menos de 24 horas, o que também constituiu um recorde. A primeira, quando dirigia um automóvel emprestado, totalmente contra «mão» e a segunda quando, às 5 horas da madrugada, praticava atos atentatórios à moral, com uma senhora, no Parque Ibirapuera, que é o Caju dos paulistanos.

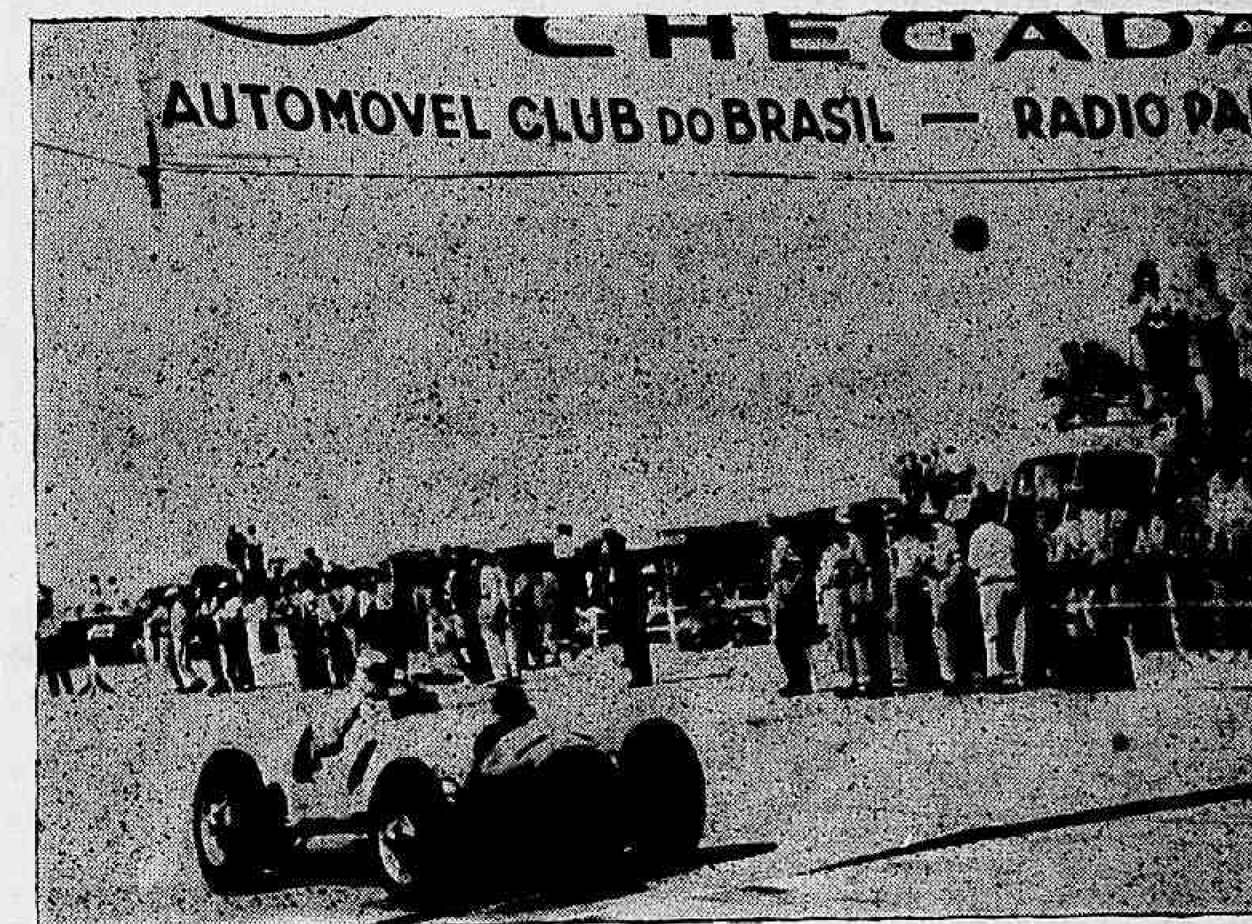
Guiando contra «mão», ao ser abordado pelo policial, Fangio aplicou o brasileiríssimo «golpe»: «Sabe com quem está falando?» Mas o policial não sabia e tinha raiva de quem soubesse e por isso a direção do Automóvel Clube do Brasil precisou interferir, junto ao plantão da DST, libertando-o.

AMOR PROIBIDO NO PARQUE, SEM LUZ.

Nem bem a população tinha notícias da detenção do «ás» platino e já uma viatura da Guarda Noturna o surpreendia na escuridão do Ibirapuera e o encaminhava à Central da Polícia, a despeito da tentativa de suborno, pois fala-se, «bôca pequena», que a companheira do volante era casada!

Porém, quando Fangio e sua companheira já se encontravam à frente das autoridades do Departamento de Investigações, eis que, milagrosamente, aparecem diretores do Automóvel Clube e libertaram-no, novamente.

(Cont. na pág. 14)



Fangio cruza a linha de chegada. E a assistência brasileira o recebe calorosamente, como se fôsse um patrício. Acima de tudo está o espírito esportivo. Nossa gente compreende...

A SAÚDE DO BEBÊ

ADVERTINDO E INSTRUINDO

Dr. SABOIA RIBEIRO

AGORA, que a disseminação dos parques infantis pelos quatro ângulos da Metrópole abre ensejo à convivência, senão promiscuidade, das crianças entre si, cabe sem dúvida a oportunidade de um aviso às mães, e é que só os deve frequentar as que se mostram com perfeita saúde, bem dispostas, e particularmente isentas dos chamados estados gripais.

A gripe, como se sabe, leva o rótulo de muitas e muitas doenças, que sòmente mais tarde se caracterizam plenamente e revelam a sua verdadeira identidade.

Quando a criança, na fase dos trinta primeiros meses se resfria (e sobretudo se o seu estado se acompanha de febre), nunca se está muito seguro da marcha dêsse resfriado, a comêço.

O exame da garganta, em muitas ocasiões, permitirá um juizo mais ou menos seguro, pelo menos em ordem a poder localizar a infecção e prever sertas hipóteses, que já admitem um diagnóstico clínico e um tratamento oportuno, precoce.

E' o caso, por exemplo, da difteria e da angina de Vincent, aliás, exigindo o exame de laboratório para efeitos, quando menos, de certas medidas de prevenção.

Mas, em muitos outros resfriados infantis, apenas anunciados, não é possivel precisar a sua verdadeira natureza, sendo, não obstante, rotulados, com grande facilidade, com o nome de gripe.

Uma dessas gripes que não é gripe é, com frequência, a Coqueluche.

Efetivamente o início da moléstia simula hàbitualmente gripe.

A criança está mais irritada, o nariz obstruido, e aos poucos os fenômenos catarrais de uma gripe vão surgindo. A princípio, com grandes espaços entre uma crise e outra, tem uma tosse curta e sêca; mas vai-se ver mais tarde que nada de gripe era aquela tosse, espaçada, curta e sêca, porém verdadeira Coqueluche!

Efetivamente esta tosse vai-se tornando cada vez mais catarrosa e sobretudo intensa à noite. Definem-se as crises de Coqueluche, e a criança então parece ficar sufocada, os olhos vermelhos, enquanto a pálpebra inferior, incha, entumece.

Ora, uma criança, antes que chegue ao estado declarado de mal de Coqueluche, e ainda sòmente nas primeiras manifestações menos intensas da tosse, pode já ser infetante para outras crianças sadias.

Hàbitualmente o contágio se estabelece de modo seguinte: uma criança acometida tosse sôbre outra sadia; os germes, projetados nas gotículas, vão cair sôbre a mucosa da bôca ou do nariz; ganha, daí, as camadas mais profundas, caem na circulação, vão aos brônquios e atingem o sistema nervoso; multiplicam-se ao excesso; 10 a 20 dias depois surgem os primeiros sintomas, ainda mal definidos. E a doença, ainda sem nome certo, nessa fase, passa por uma gripe, mas é Coqueluche capaz de infectar outros e outros, pela mesma forma.

Outros resfriados, nas crianças, também simulam um carater de mera gripe e, no entanto, evoluem para outros estados, na verdade bem diferentes.

Uma criança com coriza, dores de garganta, tosse áspera e rouca, deve sempre merecer maiores cuidados, quer em relação à natureza de seu próprio mal, como ainda porque pode tornar-se contagiante para outras crianças sadias que com ela convivam.

Nessa ordem de idéias duas medidas são então para recomendar:

— a vacinação das crianças contra a Coqueluche, a Difteria e outras doenças próprias da primeira idade. Apenas devemos acrescentar que a criança só tira verdadeiro proveito da vacinação, quando não ainda contagiada e quando submetida ao tratamento sistematizado (em regra 3 injeções com intervalo de 15 dias uma da outra).

2º — a separação da criança sempre que nela se manifestar os primeiros sinais de um estado gripal, pois, como vimos, pode-se tornar uma fonte de contágio para as companheiras.

O estado de higiene e saúde de uma criança se mede, em grande parte, pelas boas condições de funcionamento de seu aparelho respiratório, de que constitui um sinal corriqueiro na doença o nariz distilando, a tosse estridente ou rouca, a pieira durante o sono.

A presença de gânglios na nuca e no pescoço refletem, muitas vêzes, a inflamação da garganta, com seus focos de infecção, a fonte de contágio que se torna particularmente grave nos períodos de crise, com ou sem febre.

Urgente, portanto, tratá-las dêsses sintomas para admiti-las no convívio das demais crianças, não atingidas por tais mazelas.

EU VI A GUERRA . . .

(Cont. da pág. 14)

mente e sem saber por quê! Afinal eu era sòmente uma mulher...

UM BOM ENCONTRO

Às quatro da madrugada terminei as minhas malas e fechei com ternura a porta do meu apartamento. Às sete da manhã, já no Aeroporto do Galeão, fiz o meu último telefonema. Às nove subia para o avião da B.O.A.C. que me levaria a Londres.

Entre os passageiros tive a alegria de encontrar o meu colega Celestino Silveira que ia a caminho de Lisboa, também dar conta de uma reportagem.

Já em pleno vôo e, ao notar o meu ar sombrio, disse-me brincalhão:

— Fernanda, v. não quer que eu acredite que está medrosa!

Ao afirmar-lhe que realmente estava, replicou enèrgicamente:

— Pois fará o favor de não manter êsse estado de incerteza a seu próprio respeito. V. tem qualidades jornalísticas admiráveis. Não é justo que seja v. mesma a duvidar delas. Vai vencer em tôda a linha! V. me dirá depois.

A aero-moça interrompe nossa conversa com um gentil oferecimento de cigarros e ficou a flutuar em meu coração esta consoladora fé de um colega brasileiro na sua colega portuguêsa. Pensei que, ou cumpria a missão que a mim própria impusera ou não voltaria com vida.

O dia caminhava apressadamente para a noite, cheio de ritmo e de leveza. Celestino e alguns dos outros passageiros ainda liam. Fechei os olhos, fatigada, mas calma. E' que, a meu lado, viera sentar-se a esperança...

NO TRAMPOLIM . . .

(Cont. da pág. 10)

atrazo. Reage, volta a pista, trinta e três segundos mais tarde, tempo suficiente para que o argentino se firme da liderança. Landi reinicia disposto a recuperar o tempo perdido, esperando que seu adversário entre no «box» para reabastecimento como aconteceu com êle... E tal não acontece. Gonzalez está cada vez mais firme, volta após volta. Em dado momento, sabe-se que Benedito Lopes teve de desistir. Ao completar a décima segunda volta, Gonzalez pára enfim para reabastecimento, mas o fêz em pouquíssimos segundos. Ainda assim, por algum tempo. Landi recupera a dianteira, mas Gonzalez a reassume, já na décima quarta volta, na subida da serra. E' quando Landi tem de fazer outra parada no «box», desta vez para mudança dos pneumáticos trazeiros. Foram mais trinta preciosos segundos perdidos...

E aproxima-se o final da prova. O carro de Landi apesar de seus esforços, parece que não corresponde a espectativa. Gonzalez cumpre a décima sexta volta com a média horária de 100 quilômetros, dominando a situação. Abrunhosa desiste com o motor do seu carro superaquescido. E finalmente, depois de malogrados todos os esforços de Landi, Gonzalez chega ao final da prova, que êle cumpriu em 27 minutos, 28 segundos e 4 décimos, nas vinte voltas, sendo assim o atual recordista do Trampolim do Diabo. Landi ficou em 2º lugar; Francisco Credentino em 3º; Felice Boneto em 4º; Pinheiro Pires em 5º; Rosalvo Mansur em 6º e, finalmente, em sétimo e último Abrunhosa.

FANGIO BATE . . .

(Cont. na pág. 13)

MAS É CAMPEÃO MESMO

E foi assim que o povo começou a dizer que Fangio batera dois recordes: o de Interlagos, vencendo a prova, e o de prisões, pois era inédito na crônica policial bandeirante o fato de um cidadão respeitável ser privado de suas liberdades, duas vêzes num só dia, como contraventor da lei.

Fangio e os demais concorrentes do V Grande Prêmio, dia 13 último, atrairam para Interlagos nada menos do que 30.000 espectadores frenéticos, que foram transportados em 10.000 veículos e esperavam um resultado mais auspicioso para o Brasil. As arquibancadas e as gerais do velódromo estavam literalmente lotadas e os retardatários tiveram de encostar seus carros no mato e contentar-se com as curvas do velódromo.

O incrivel campeão do mundo foi simplesmente admirável e teve como acirrado perseguidor o nacional Francisco Marques que, mesmo correndo com máquina inferior à do argentino, logrou guindar-se ao segundo pôsto, merecidamente.

Gonzalez, companheiro do campeão, chegou em terceiro lugar, seguido do jovem carioca Anuar de Góis Daquer que merece especial referência, por ter corrido com uma máquina de 1.500 cilindradas, em péssimas condições, falhando a todo instante e conseguindo, mesmo assim, colocação significativa. Chico Landi, perseguido pelo azar e de quem não se sabe o que pensar, ante a figura grotesca que tem feito nas últimas corridas, colocou-se em quinto e último lugar, porquanto os demais concorrentes haviam abandonado a prova.

IMPORTANTE A CORRIDA

A reunião dos mais conceituados volantes do mundo, em São Paulo, já é prova da importância do V Grande Prêmio Cidade de São Paulo.

A corrida teve seus momentos de grande emoção e Fangio não escondeu, após seu término, o receio de havê-la perdido para Marques, tendo mesmo confessado seu susto, quando parou para trocar pneus. «Jamais pensei alcançar Marques — disse Fangio. — Todavia, minha máquina correspondeu". E não poderia deixar de ser ao contrário, pois os argentinos, os italianos e Landi correram com Ferrari novas de 2.000 cilindradas.

COMO DECORREU

Às 16,25 minutos, exatamente, o prefeito Armando de Arruda Pereira, assistido pelo presidente do Automóvel Clube do Brasil, cel. Silvio Santa Rosa, deu a bandeirada de partida. Fangio tomou a liderança, seguido por Gonzalez e Landi, durando essa situação até a terceira volta, quando Landi encostou em seu "box", alegando desarranjo na bomba de gasolina de sua Ferrari.

A luta continuou entre os dois platinos e, já na quinta volta, Gonzalez conseguiu a primeira colocação, que foi readquirida por Fangio na sexta. Perseguiam-no de perto Gino Bianco e Francisco Marques, cujas máquinas davam o que podiam.

Gino Bianco, ovacionado pela assistência, começou a acossar os argentinos, o que fêz até a nona volta, pois na décima o motor de seu carro começou a falhar e êle, para desolação geral, foi obrigado a abandonar, definitivamente, a pista.

Os italianos Bonetto e Bianchi não foram mais felizes e ambos tiveram os carros encostados, por apresentarem defeitos nos câmbios.

CHICO MARQUES, O HERÓI DA JORNADA

Com alguns concorrentes fora do páreo, Francisco Marques, correndo assombrosamente, passou da quarta colocação para a terceira. Na 11ª volta ameaçava a posição dos platinos, na 15ª passou, como um bólido, por Gonzalez, que parou em seu "box". O público exultava e como Fangio iria parar, para trocar os pneus, era certa a liderança para Marques, que passou em primeira colocação, na 18ª volta. Faltavam, ainda sete voltas para o término da prova e Fangio, que gastara 55" para trocar seus pneus, se atirou na pista com vontade, enquanto, em 40", Marques recalçava sua máquina. A vantagem de 15", obtida pelo brasileiro, na troca dos pneus, parecia decisiva. Todavia, Fangio, ao invés de desanimar, imprimiu o máximo de velocidade ao seu auto, conseguindo passar pelo heróico brasileiro, na 24ª volta, cruzando a faixa de chegada com 11" de vantagem.

CONSAGRAÇÃO POPULAR

O povo delirava, carregando os dois primeiros colocados.

Landi chegou em quinto lugar, abatido e cansado, mas com os louros de haber batido seu próprio record de volta na pista, um dia antes superado por Fangio. 3'46"4, nas eliminatórias e naquele dia reconquistado pelo volante patricio.

Benedito Lopes fêz uma triste figura e muitos populares, nervosos com o desenrolar da prova, perguntavam-lhe, à alta voz, se estava passeando na pista. Landi foi "pesado", como sempre ùltimamente, causando sérias dúvidas no espírito dos aficionados dêsse esporte. Porém, foi uma grande prova, a maior, talvez, que São Paulo já vira.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

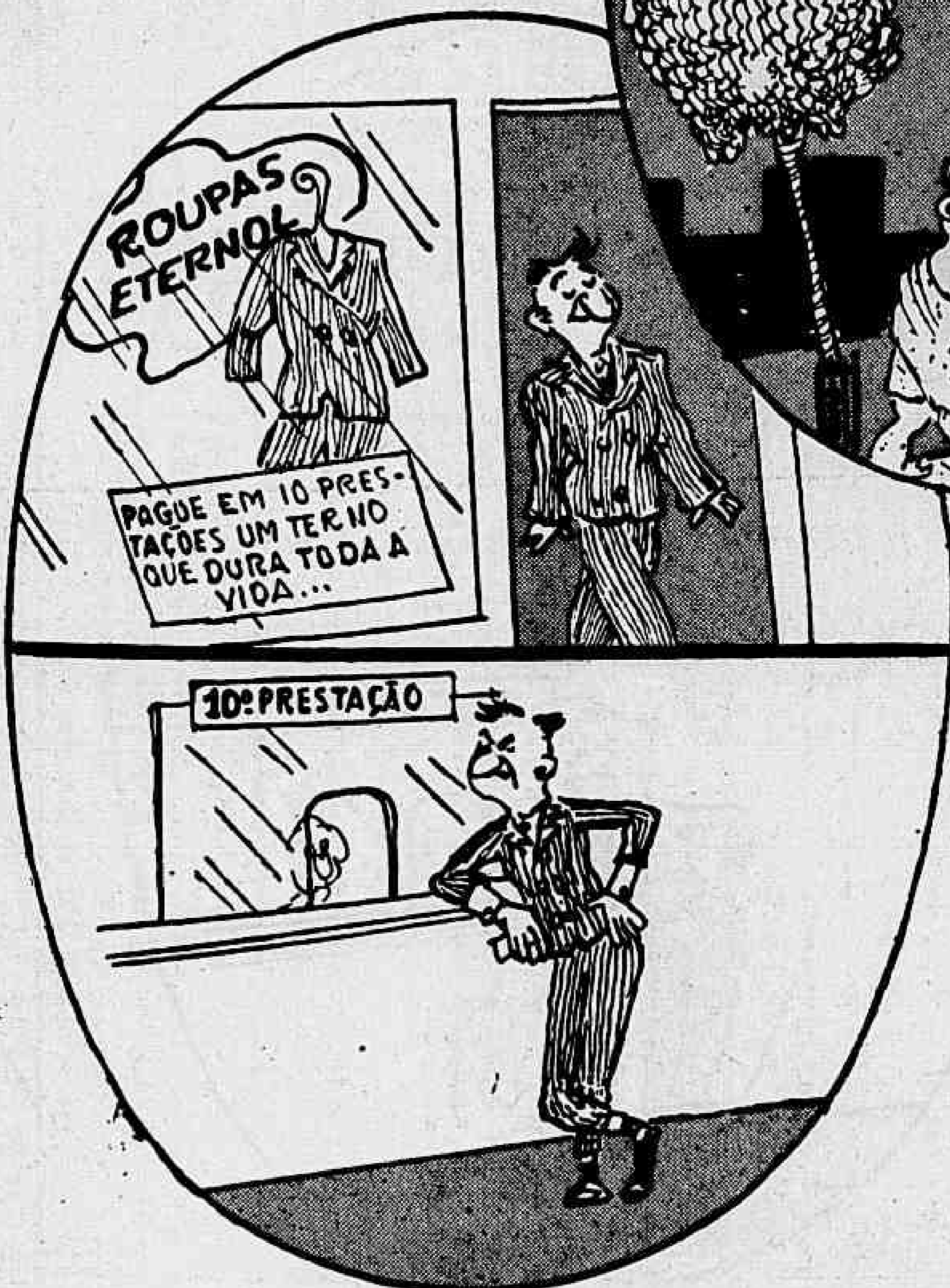
Criação de DARCY

3) - A VIDA EM 2 TEMPOS





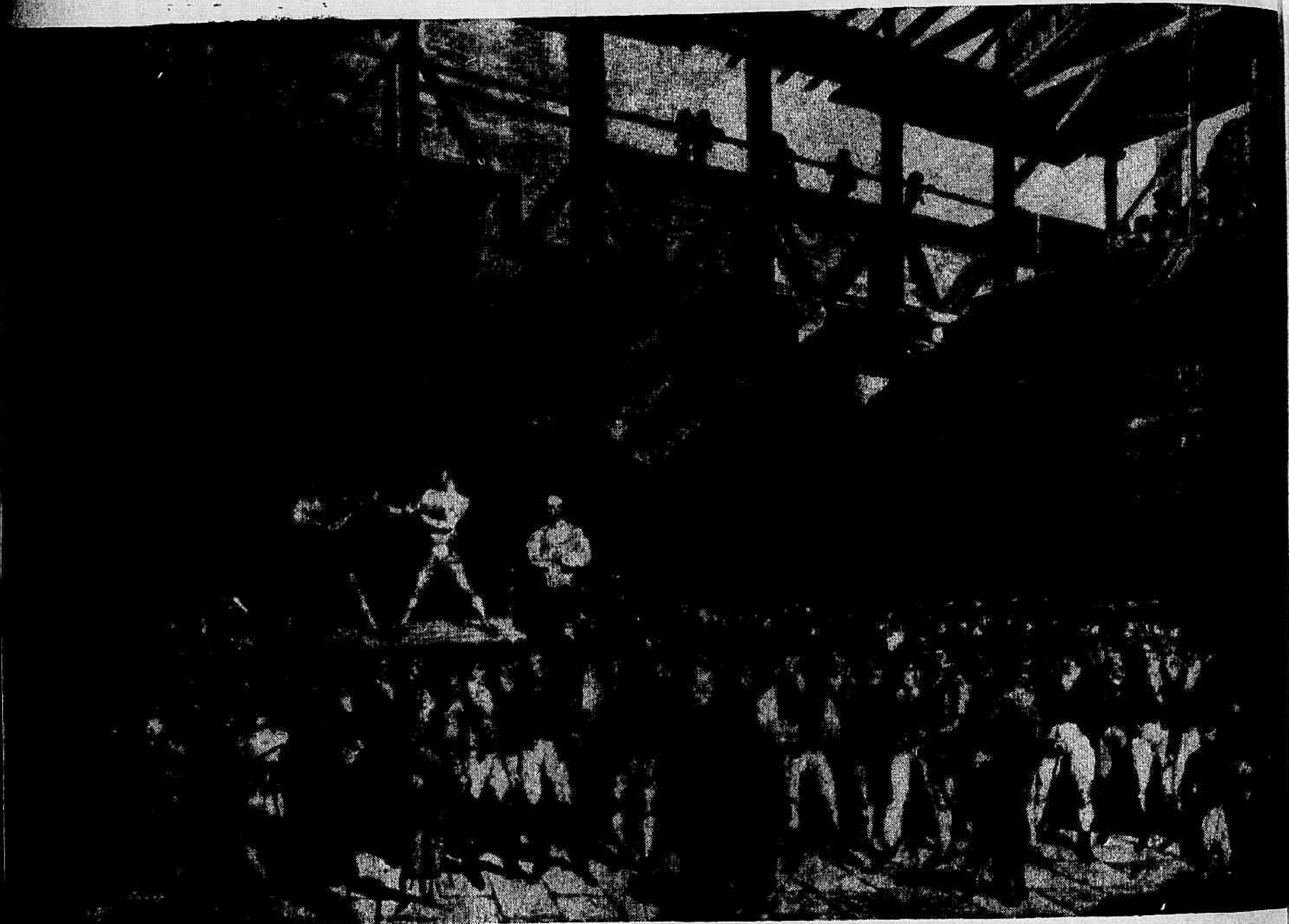






PEQUENA HISTÓRIA DO BOX - 3

JACKSON, BELCHER E



Corinthians e pugilistas apreciando um treino com luvas. Trata-se de uma exibição em benefício de um pugilista necessitado. Um dos contendores mostra o pé direito bem à frente e o punho em riste. Hoje, tal atitude seria ridícula se alguém a adotasse...



John Jackson no ginásio de sua propriedade em Bond Street. A indumentária não estava de acôrdo para o momento...



O belo Jem Belcher, introdutor do estilo «esmurra e afasta». Perdeu um ôlho numa luta e não foi mais campeão.



Tom Cribb era vagaroso, seguro nos golpes e honesto. Dominou o pugilismo. Foi o símbolo do espírito nacional da época.



Joe Berks, fanfarrão mas coraj... Embora tivesse pretensões ao títu... de campeão foi derrotado por Belch... e Pearce.

TOM CRIBB

Por DUDLEY LISTER

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO para a REVISTA DA SEMANA

DURANTE a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas, a coragem desenvolvida pelo box refletia o espírito do país naqueles dias ameaçadores. Grandes homens patrocinaram o ring e grandes pugilistas revelaram seu denôdo.

John Jackson tornando-se campeão em 1795, deu início à época gloriosa do box que durou até 1824, quando êle se retirou do ring. Seu nome invoca mais a autoridade que êle foi no assunto do que pròpriamente o campeão de box, porque abandonou o pugilismo antes de 1800, continuando, entretanto, interessado neste esporte. Em tôda a sua carreira de pugilista há apenas três competições em que participou e que ficaram famosas. Era um indivíduo dotado de certa inteligência, um ótimo esportista e de grande personalidade. Dono de um físico magnífico e de uma integridade sem par. Como boxeur foi admirável e quando instalou a Academia de Box, de sua propriedade, no n. 13 da Bond Street, dentre os seus alunos aristocratas encontrava-se Lord Byron.

Êsse período abrangeu a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas, quando o sentimento de classe estava no auge. As classes inferiores e superiores patrocinavam o «ring» e Jackson era o elo que as unia.

O «Capricho», como era denominada a fraternidade existente no meio do box, admirava e respeitava o «Cavalheiro» Jackson e sua opinião era acatada em tudo quanto dissesse respeito à arte do pugilismo.

O Príncipe de Gales estava interessado no box e reinavam, no momento, os Corinthians, que eram os fabulosos cavalheiros esportistas, cujas enormes gravatas e apostas extravagantes conseguiram um cunho nacional. Êles também participavam das lutas porque era a moda e eram tão destemidos que raramente hesitavam em aceitar uma competição qualquer. O homem rude muito se gabava pela cidade quando um jovem Corinthian se propunha a tirar o casaco para se empenhar em luta com êle.

Foi na época de Jackson, em 1814, que se fundou o Clube Pugilista para controlar as lutas de box. A primeira diretoria era composta de homens conhecedores do assunto e foi mais um marco para a história do box. Seu lema era: — «Um ring digno, nada de favores e o melhor pugilista será sempre o vencedor» e êsse ficou sendo o espírito do box naquela época.

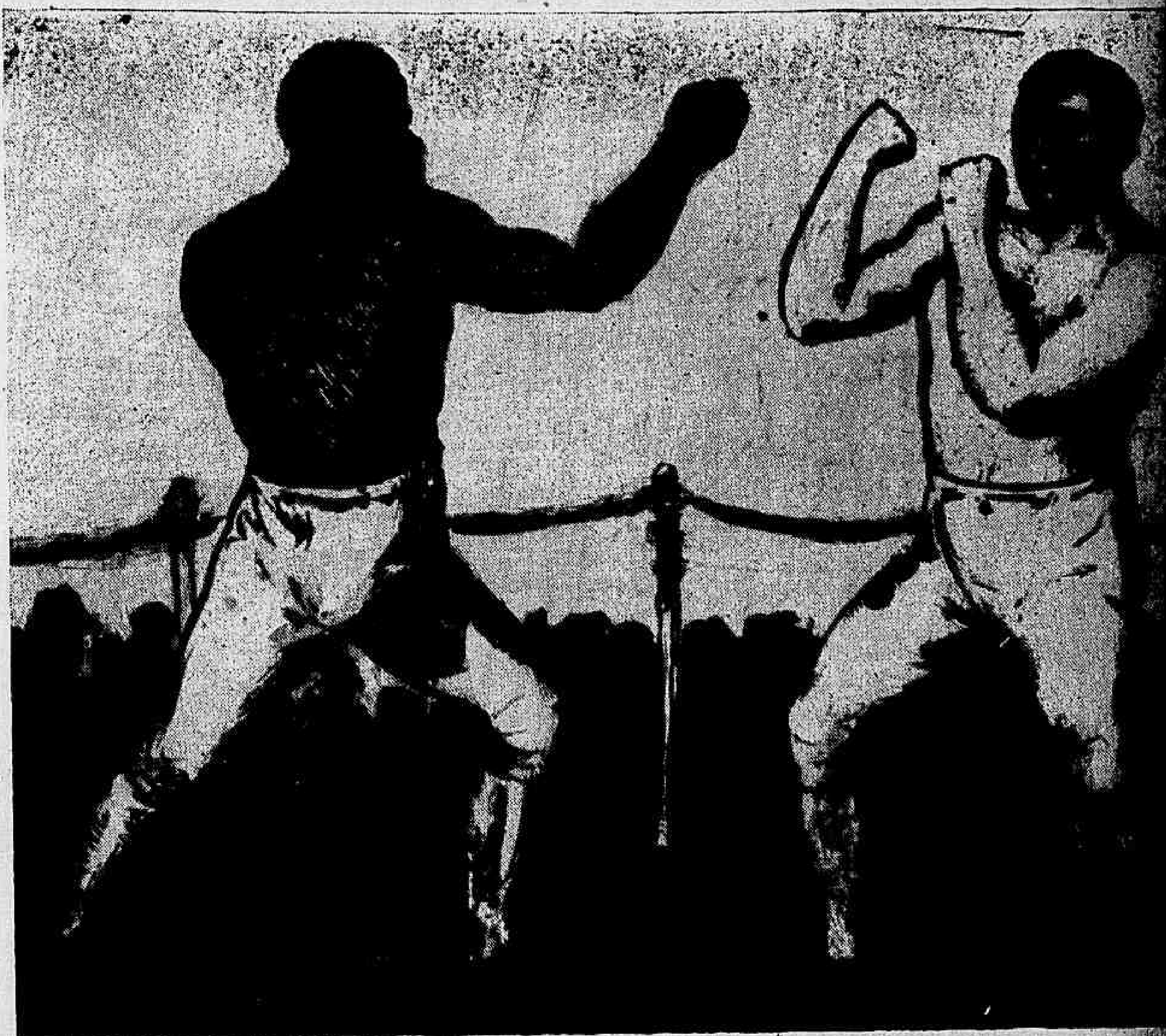
Embora ainda fora da lei, muitos magistrados fechavam os olhos às atividades da «mania» ou então, como a jurisdição magistrativa se encontrasse, às vêzes, em outra área do município, fazia-lhe uma campanha benevolente e tolerante. Diante disso, as competições realizavam-se quase sempre nas linhas fronteiriças dos condados, de modo que os participantes tivessem tempo de fugir à aproximação da lei.

Para maior conveniência e rapidez, os rings eram instalados nos campos em vez de tablados, com uma «marca» no centro que os competidores tinham que tocar com o dedo grande do pé, tôdas as vêzes que iniciavam um round. Os rings tinham usualmente 24 pés quadrados mais ou menos, com oito estacas e duas cordas em volta. Em tôrno dêsse ring, distante dêle dez pés, havia um outro, onde se instalavam os juizes, os patrocinadores e os espectadores privilegiados.

Quando o ring não era instalado num côncavo, os espectadores eram arrumados de modo que os que se encontravam mais próximo do ring, deitavam-se ou sentavam-se e por trás dêsses estavam outros ajoelhados ou de pé. Por fim os que vinham de carro ou a cavalo. Infelizmente êsse arranjo metódico nem sempre se dispunha de acôrdo com o plano e freqüentemente viam-se pugilistas armados de chicote para impedir que o local dos juizes e outros fôsse invadido.

COMERCIALIZANDO O BOX

O regulamento de Brougton era agora interpretado com mais liberdade, embora não tivesse sofrido uma única ratificação. Quando realizava-se um



Dois contendores em ação. Os espectadores eram acomodados de modo a poderem ver tudo perfeitamente. Os auxiliares permaneciam no ring até 1838. E provocavam distúrbios...



match importante, o dito regulamento era acrescido de novos artigos resolvidos por acôrdo e por meio dêsse sistema, desenvolveu-se o comercialismo no pugilismo profissional.

O box era naquela época um esporte, embora nem sempre o tempo de duração da luta fôsse estipulado pelo número de rounds. A queda proposital para dominar o cansaço era considerada falta e os rounds terminavam sempre com um «knoc-down» ou por uma queda provocada por um dos competidores num golpe de luta. O cansaço provocava continuamente quedas ocasionadas por um empurrão ou escorrerão e eram sempre aproveitadas para tomar fôlego dentro do prazo de meio minuto, como marcava o regulamento.

Quando Jackson derrotou Mendoza, luta que durou apenas onze minutos e meio, houve sòmente nove rounds. Numa luta moderna, nove rounds para a disputa de um campeonato levariam mais de meia hora para se decidir.

Comparando-se com a tática moderna adotada, a troca de sôcos antigamente era muito mais vagarosa e mais raciocinada. Isso era evidente, porque um sôco mal dado, com o punho sem estar devidamente crispado e preparado, resulta na quebra de um dos ossos da mão. Os preventivos empregados para o endurecimento da pele não impediam luxações e talhos tão maltratados durante a luta, que era um verdadeiro sacrifício para os mesmos continuarem a luta em tais condições.

Os boxeadores visavam quase sempre a cara do adversário e à distância essa atitude obrigava-os a manterem a cabeça para a frente, a qual passava a ser o alvo mais próximo para se aplicar um sôco direto ou um defensivo bem aplicado. Os melhores golpes eram aplicados quando um dos adversários conseguia aproximar-se do rival, mas semelhante tática, na luta moderna, termina sempre com os dois se agarrando e até se empenhando em luta para provocar uma queda. Os «amortecedores», como eram chamadas as luvas de box da época, já estavam sendo usadas com mais freqüência e eram obrigatórias nas competições em benefício dos lutadores. Iniciou-se, então, a cortesia no box. Os boxeadores começaram a exibir as «côres» pelas quais se batiam, por meio de um grande lenço de fantasia de determinada côr, que era colocado no canto reservado para cada um dos competidores que se encontravam em luta no momento. Os interessados usavam na lapela uma fita, cuja côr correspondia ao pugilista favorito e que era por êle apoiado.

Era costume dos boxeadores, como sinal de desafio, atirarem o chapéu para dentro do ring, antes de ser iniciada a peleja. O assistente e o encarregado da esponja e da água permaneciam dentro do ring durante a disputa dos rounds e isso, como se pode imaginar, algumas vêzes ocasionava interferências desonestas.

A TRADIÇÃO DO RING

Quando Jackson retirou-se das pelejas para ocupar-se da administração do box, êsse seu gesto muito contribuiu para o estímulo da tradição do ring e criou uma seleta plêiade de novos campeões como Jem Belcher, em 1800; Hen Pearce, em 1805; John Gully, em 1808 e Tom Gribb em 1809, que manteve o título com muita dignidade. Eram todos homens honestos, grandes lutadores e personalidades eminentes.

Jem Belcher, de Bristol, foi talvez o maior dêles como boxeador. Era neto do velho e conhecido campeão Slack, não era dotado de muita fôrça, não tinha constituição física e pesava menos de oitenta quilos. Era, todavia, dotado de um espírito invencível e foi o instrutor de um novo estilo no box, isto é, pulava nos pés de vários ângulos para esmurrar e continuava saltitando para evitar a rebatida. Preferia também a tática de dar sempre murros aproveitáveis e bastante eficientes, para compensar a fôrça que não tinha.

Quando rapazola de dezessete anos, em Bristol, no ring local surpreendeu a todos derrotando um pugilista profissional e três anos depois, quando veio para Londres, Bill Warr, pugilista aposentado, encarregou-se dêle, levando-o para casa. Assim que ali chegaram, ambos calçaram as luvas e o veterano ficou pasmado diante da agilidade de Jem.

«Basta», exclamou Warr sem fôlego e indo cair de encontro à mesa da sala de jantar, em virtude de um sôco que recebera de Jem. «Êste rapaz pode lutar contra qualquer homem do Reino», disse por fim Bill Warr.

NOVA TÉCNICA

Mais tarde, depois de ter vencido outros, Belcher teve que enfrentar Paddington Jones, numa luta que deixou nome e que lhe deu o título de campeão. Sua nova técnica eliminou por completo o estilo vagaroso de Mendoza e todos passaram a adotar e a apreciar a importância dos golpes sucessivos e rápidos. Se Jem Belcher não tivesse perdido um ôlho jogando frontão, é bem provável que tivesse mantido o título de campeão por muito mais tempo. Demonstrou ser melhor boxeador do que Pearce e Cribb, nas outras lutas que com êles teve e se não fôsse a falta de uma vista, êle os teria vencido.

Hen Pearce, mais conhecido pelo apelido de «Game Chicken» (Galinha Morta), fôra amigo de Jem em Bristol e logo após a perda de uma vista Jem mandou chamá-lo para derrotar o fanfarrão Berks que tinha pretensões ao título de campeão. Logo após à sua chegada a Londres, Pearce achava-se uma noite deitado quando lhe entregaram um desafio insultuoso assinado por Berks. Levantou-se imediatamente e mais ou menos à meia-noite já estava enfrentando Joe Berks e deu-lhe uma surra tremenda. Pearce era um belo sujeito dotado de um espírito esportivo sem par, conforme revelou mais tarde na luta em que venceu o seu velho amigo Belcher, de Bristol.

Jem Belcher sentiu-se ofendido com a vitória de Pearce e em 1805, embora já estivesse caôlho, desafiou-o para uma nova competição. Hen Pearce hesitou, mas se viu forçado a aceitar o desafio ou então desistir do título de campeão. E, num dia frio de dezembro, os dois se encontraram em um ring perto de Doncaster. As apostas eram de cinco a quatro a favor de Hen no início, mas como Belcher estivesse boxeando bem, os apostadores esfriaram no oitavo round. Daí em diante a situação começou a mudar e no décimo segundo round, quando Belcher estava com a desvantagem e Pearce estava pronto para dar o golpe decisivo, êste parou e disse: «Não, Jem,

(Cont. na pág. 49)

O PEQUENO CONTO

GOLPE CERTO

GEO WILLIAM



O moço elegante foi introduzido no amplo escritório do famoso advogado, que estava refestelado na cômoda poltrona, passando uma vista de olhos em certos documentos que a secretária lhe entregara minutos antes. Sólido em sua estrutura física, como firme era sua fama — justificada, aliás — o causídico sorriu ao jovem, dizendo:

— Estou às suas ordens, cavalheiro!

— Aqui, onde o senhor me vê — iniciou o moço — sou caixa do "National Gulden Bank". Sucede que dei um desfalque e agora deverei sofrer as conseqüências dos meus atos...

— Meu caro amigo — interrompeu o advogado — êste é um caso de polícia, se não me engano!

— Pois o senhor se engana redondamente! E' um caso de advocacia, pois eu não pretendo ir para uma petitenciário. Vim aqui para ouví-lo e para que me oriente. Não faço questão de preço!!!

O advogado pensou um pouco e depois perguntou:

— A quanto monta o desfalque?

— Duzentos e cinqüenta mil dólares!

— Quantia enorme, em verdade... Vejamos...

Pensou uns minutos e depois:

— Não suspeitam de nada ainda?

— Absolutamente! Sucede porém, que depois de amanhã haverá uma verificação de caixa e então...

— Ah... Sim... Quiçá possamos resolver o problema. Será difícil retirar mais trezentos mil dólares?

— Nada mais fácil...

— Pois bem: retire essa soma e traga-me. Cinqüenta mil dólares serão para mim. Duzentos e cinqüenta para devolver ao Banco. Direi que a sua família se desfêz de tudo para poder salvá-lo, apurando essa quantia. Dessa forma evitaremos o escândalo ao Banco e a queixa contra o senhor. Serve êsse alvitre?

★

No dia imediato o elegante caixa do Banco retirou quinhentos e cinqüenta mil dólares. Não dera nenhum desfalque anteriormente. Fazia-o agora, após ter ouvido a abalisada opinião do "príncipe do Foro" de Chicago. Entregou a soma que êste solicitara e ficou aguardando os eventos, metendo-se num rico apartamento de certa morena alucinadora.

★

O célebre advogado, sentado frente aos diretores do Banco, passados uns dias, assim falou:

— O jovem caixa cometeu uma verdadeira loucura, indiscutìvelmente. Mas a sua família, no desejo de salvá-lo e salvaguardar a própria honra, sacrificou-se de forma comovedora, vendendo tudo, liquidando todos os haveres. Infelizmente — e os senhores sabem o que acontece, quando uma pessoa necessita com urgência de dinheiro — não alcançou preços muito altos pelas propriedades. Conseguiu apenas um quarto de milhão...

Os diretores, antes muito apreensivos, começaram a respirar...

★

— De mais a mais — continuou o advogado — um escândalo não convém aos senhores. Isso poderia abalar a confiança dos depositantes e haver uma "corrida". Sei que o prejuízo é grande, mas não total. Devemos encarar também a questão pelo prisma sentimental, vendo uma família sacrificar-se a ponto de ficar a pão e laranja... Sou amigo dessa família honesta e é por causa disso que aqui estou. Agora, é aceitar ou não. Ou os duzentos e cinqüenta mil que eu trago nesta pasta, ou a queixa à polícia, com problemáticas esperanças de uma condenação...

★

Os banqueiros, homens rápidos em suas decisões, aceitaram o dinheiro e o alvitre do célebre advogado. Tudo ficou imerso no segrêdo de poucas pessoas.

Assim foi que o jovem e elegante caixa e sua maravilhosa morena, foram gastar um quarto de milhão de dólares em Miami. O famoso advogado embolsou tranqüilamente os seus cinqüenta mil dólares e os banqueiros puzeram a alma em paz, na certeza de não terem sido logrados completamente...





Três horas da manhã na Avenida São João: luz, ... orgia de sons nos bares e «boites». Enquanto o ... noturno é o «homem-morcêgo», rondando calmament... portas. Se houvesse arrombamento, as impressões do ... rombador deveriam constituir prova policial.

MILHARE
DE PESSOA
TRABALHAM

SÃO PAULO SOFRE DE INSONIA ★ ...
OS QUE TRABALHAM A NOITE ★ E ...
NIA DO TRABALHO ★ DEZENAS DE ...
RESTAURANTES, "BOITES", CONFEIT...
"DANCINGS" E "TAXIS" ABERTOS ATÉ ...
RAIAR ★ NÃO É PRECISO DORMIR ★ ...
CEAR AS CINCO HORAS?



Os chacareiros colhem as flores e, nem bem adentram os domínios do Mercado Municipal, já encontram quem queira comprar sua mercadoria para, depois, vendê-la com bons lucros.



As filas de ônibus são um nunca acabar. Há linhas que correm a noite tôda, 30 em 30 minutos e outras que não funcionam, fazendo os moradores dêsses ... ros recorrem ao taxi.

MILHARES DE PESSOAS TRABALHAM!

S. PAULO — JANEIRO

HÁ tempos, um meu companheiro de imprensa fêz uma reportagem, na cinelândia bandeirante, alcunhando uma de suas esquinas de «esquina da insônia». Isso porque seus bares nunca fecham, suas lojas e restaurantes ficam abertos até altas horas e centenas de pessoas, indo ou vindo das sessões da meia-noite dos cinemas, das «boites» dos «night clubs» ou dos «taxi-girls», por ela desfilam, a fim de tomar o último café ou saborear um sanduíche de filé. Eu iria mais longe. Iria ao ponto de chamar a tôda S. Paulo de cidade da insônia. E quantos paulistas não sabem ou nunca pensaram nisso!

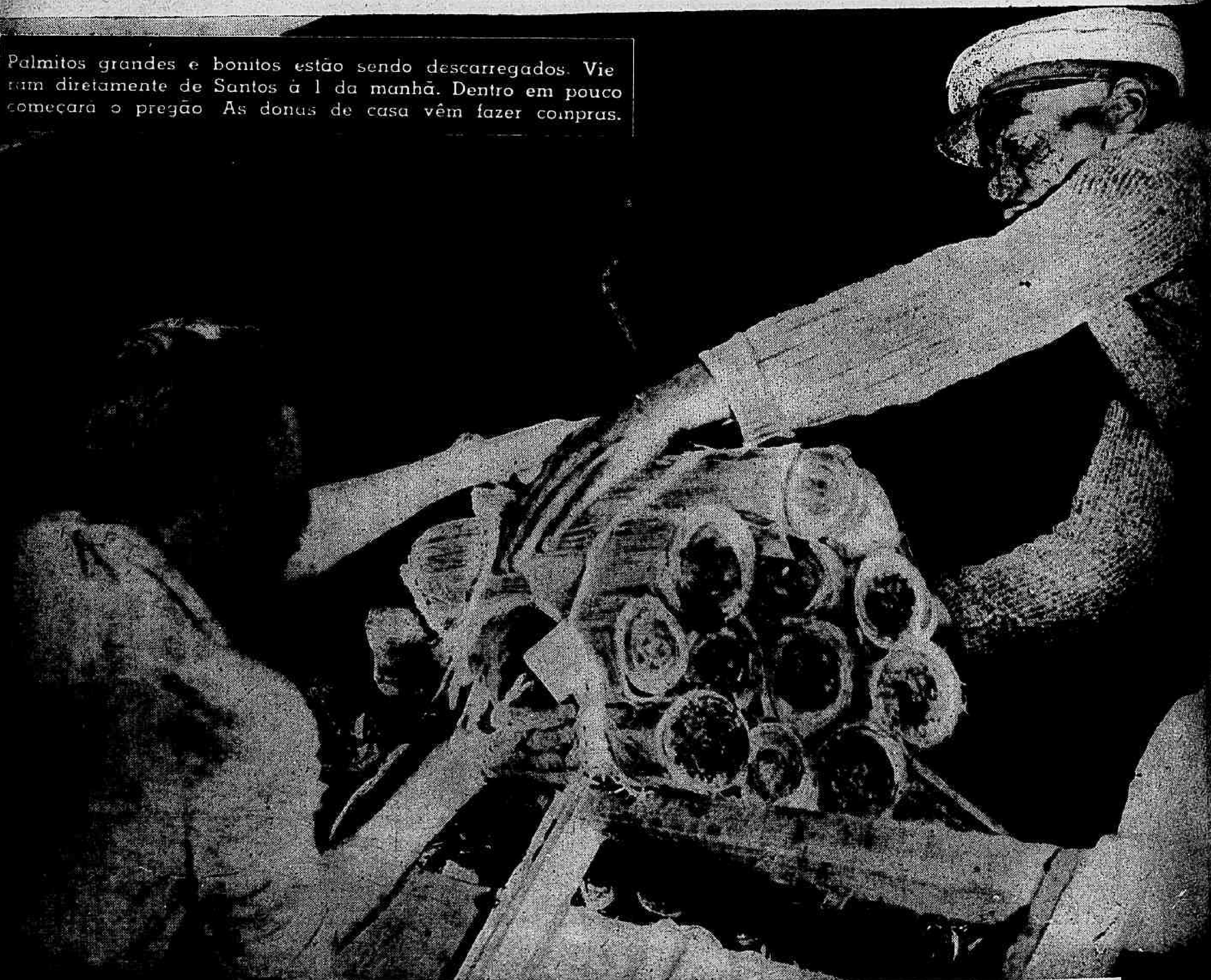
A CIDADE DA INSONIA

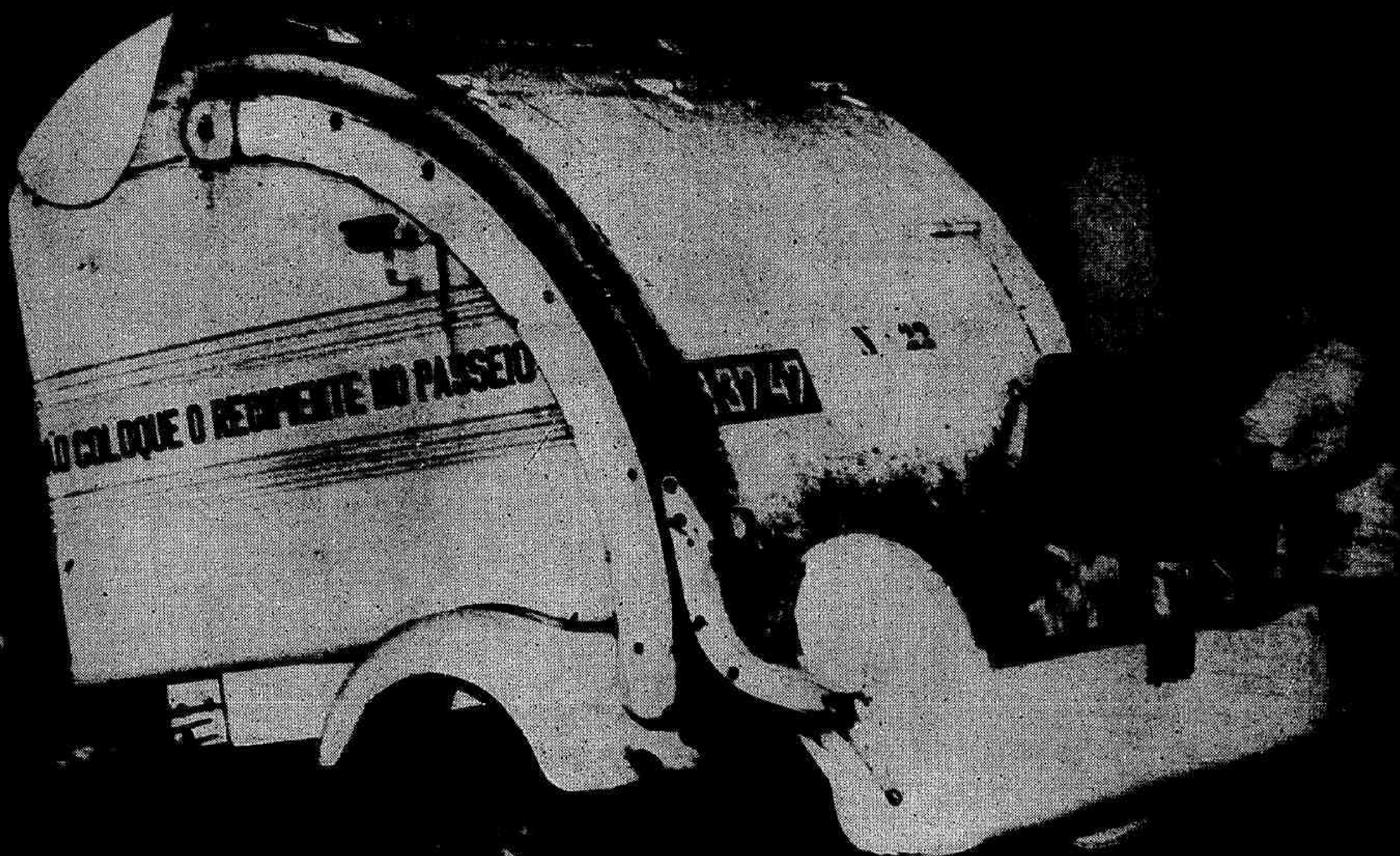
A capital paulista conta, atualmente, com 2.300.000 habitantes e seu cr... mento vem se duplicando, de dez em dez anos, havendo mesmo renomado ... tístico asseverado que, em 1971, teremos 8 milhões de almas, residindo ... gigantesca metrópole.

O crescimento trouxe muitos problemas. Aumentaram os crimes, os ho... tornaram-se poucos, o Mercado Municipal pequeno e os cinemas, bares e ... taurantes em número insuficiente, incentivam novos negócios.

Enquanto a cidade dorme, no tôpo dos arranha-céus centrais, nos saguões ... bancos semi-iluminados, nas repartições públicas, nos escritórios e nos la... tórios, a vida continua, nos bairros operários e no centro, como se nada hou...

Palmitos grandes e bonitos estão sendo descarregados. Vieram diretamente de Santos à 1 da manhã. Dentro em pouco começará o pregão. As donas de casa vêm fazer compras.





Cidade limpa é cidade civilizada, velho slogan que todos os paulistas conhecem. É de madrugada que a limpeza pública se inicia. Depois dos lixeiros virão os lavadores do asfalto.

acontecido e como se o manto da noite fôsse coisa sem importância, para os que lutam para sua subsistência.

Enquanto a cidade dorme, plácida e calmamente, milhares de homens, mulheres e adolescentes labutam, no silêncio da noite. Centenas de fábricas continuam a funcionar e o ruído dos teares enche o ar, espalhando vida pela cercania dos bairros proletários, onde os bares não têm relógio, os homens não têm dia, onde o descanso é conseqüência do cansaço, apenas, e não das mutações normais do tempo.

OS QUE TRABALHAM

E é aos que trabalham à noite, zelando direta ou indiretamente pelo cidade que dorme, tratando de dar continuidade à vida, no dia que despontará cedo, que dedicamos esta reportagem.

Se você conhèce São Paulo sabe perfeitamente que, às 18 horas, a despeito das mudanças dos horários comerciais, é um «inferno» para se ir para casa

(Cont. na pág.



A polícia entra no ar, quando é necessário e a qualquer hora da noite. Esta viatura é conhecidíssima dos frequentadores das cercanias da Avenida Ipiranga com a Avenida São João.



Duas da manhã e o calor parece de meio-dia. O paulista tira o paletó e desfruta da calma do ambiente, depois de muito trabalhar. Um bom churrasco à moda gaúcha, sabe bem!



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

JÁ não lhes restava mais muito tempo para conversar, pois ouviram perfeitamente o buzinar estridente de uma sereia de automóvel que chegava. Roger se ergueu ràpidamente.

— Devo ir-me antes que êles cheguem.

Mary, porém, lhe colocou a mão no braço.

— Não, — respondeu amàvelmente — você não deverá ir. Você não deverá ausentar-se nunca mais diante dos que chegam. Corra as cortinas e fique.

Porter, que os outros tinham encontrado no caminho, entra com êles no momento justo em que podia contemplar aquêle recanto saudável e aquêles dois sêres felizes e juntinhos. Porter se toma de ciúmes, seus olhos se inflamam e êle parte em direção aos dois, exclamando:

— Ouvi falarem de chá. Posso tomar uma xícara, Mary?

— Logo que a água ferver.

A moça se ergueu e lhe estendeu a mão. Quando os dois homens se saudaram, Porter sentiu que havia ligeira mudança de atitudes em Roger. Que teria sucedido a êsse rival? Estaria êle, finalmente, fazendo declarações a Mary? Ousaria fazer-lhe a côrte?

E Mary? Porter a fixa. A jovem tomava do bule de chá com a maior serenidade. Acendera o fogo por baixo da chaleira e as chamas azuis pareciam destacar-lhe o perfil no sombrio daquele recanto poético.

Grace Clendenning e tia Frances haviam chegado também para o chá. A cabeleira de Grace e a de Porter davam as notas dominantes à cena.

Barry já lhes havia dado o apelido de "Os bonecos de cabeça vermelha", e o nome lhes assentara perfeitamente.

Enquanto Porter conversava com Grace, não perdia um só dos movimentos de Mary. E fazia a si mesmo esta pergunta impertinente: «Por que seria que ela havia concedido a êle uma tarde inteira e servia-lhe chá?» Lembrava-se de que lhe perguntara se podia vir tomar chá com ela, e Mary lhe respondera: «Sim. Depois das quatro». E já passavam muitos minutos das quatro horas, e o tempo que ela lhe havia recusado havia sido consagrado ao inquilino do apartamento da Tôrre.

(RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA)

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Peter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouvia dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banhos, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta. E lhe dá conselhos muito úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas, depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que freqüentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Ali, entre lírios olorosos e num ambiente romântico, conversaram durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. Logo que chegaram outras pessoas, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow.

Já tivemos ocasião de dizer que Porter não era um «snob». Mas, a atitude amigável adotada por Mary a êsse homem lhe proporcionava motivos crescentes de irritação. Que havia, então, nesse cidadão franzino e de olhos fatigados, que pudesse atrair uma mulher? Porter não era um indivíduo vaidoso, mas êle não ignorava que representava um certo valor. Mas que atração poderia apresentar aos olhos do mundo êsse Roger Poole, funcionário público, belo à sua maneira, com a sua cabeleira sombria, mas pálido e possuidor de um ar melancólico?

Entretanto, notara agora Porter, que os ares de melancolia de Roger haviam desaparecido naquele instante. Naquela noite Roger brilhava; havia brilhado naquela serenata do Dia de Graças. Parecia estar jovem e esplêndido, seu igual em tudo.

Muito naturalmente, enquanto todos saboreavam o chá, pediram a Roger que declamasse alguma coisa.

Êle parecia resistir; mas ouviu que alguém implorava:

— Eu lhe peço.

Era Mary quem rogava.

Porter procura interpretar, com ciúme, o olhar que ambos trocam, mas não pôde deduzir nada.

— O poema de Whittington é muito longo — declara Roger — e Pittiwitz não está aqui para inspirar-me. Mas vejamos outro.

Inclinado para a frente, os olhos no fogo, êle começa a recitar. Era o poema de um poeta inglês da generosa época dos Ben Jonson e dos Kit Marlowe, e cada verso vibrava iluminadamente.

Gordon Richardson exclama:

— Por Júpiter! Como foi que me esqueci! Você também recitava os «Cloches» de Põe, lá na escola!

A voz de tia France intervém nervosamente:

— Quer quer dizer com isso, Gordon? Você foi colega de escola do Sr. Poole?

— Claro! Em Saint-Martin, tia France.

O nome de Saint-Martin teve sôbre a velha dama mágico efeito: os alunos de Saint-Martin pertenciam à elite.

— Poole! — exclama ela — Será você um dos Poole de New York?

— Sim, de um ramo aliado co[...] Sul. Minha mãe era da família [...] Carew.

Êle sentia satisfação de revelar [...]tas coisas naquele instante. Êles po[...]riam investigar tôdas as pistas de [...] necessitassem. Roger esperaria. De [...] em diante, nada mais ficaria oculto.

— Na próxima semana deverei [...]sentar-me — continua êle — para [...] temporada em casa de uma prima [...] minha mãe, miss Patty Carew. [...] sempre habitou a mansão de meu [...] Não chegou a herdar riquezas; e [...] muita pobreza com essa casa; contu[...] é uma moradia encantadora.

Tia Frances, entretanto, estava [...] a idéia fixa na genealogia dos Poole [...] Nova York.

— Angus Poole foi o seu avô?

— Exatamente.

Grace estudava maliciosamente [...] reações de sua mãe. Ninguém de[...] ignorar um só dos descendentes de A[n]gus Poole. Certamente a segunda ge[ra]ção deveria ter dilapidado a fortu[na] mas seu nome ainda era tomado [...] consideração.

— Jamais teria imaginado — d[...] tia Frances.

— Naturalmente. — respondeu R[o]ger. E em seus olhos se percebiam [...]ços de satisfação. — Tenho muito [...]do de não ser uma referência fin[an]ceira de avô de coração de pedra.

Pareceu a Mary que, pela prime[ira] vez, ela o via tal qual tinha sido [...]gamente. E começou a pensar o q[ue] êle poderia tornar-se. Mary se sen[tia] agitada de o ver revelar tudo isso; [...] tal dia, a todos de casa e aos ami[gos] mais íntimos. Ergueu a cabeça e [...] encontrar, pregados em Roger, [...] olhos acusadores de Porter. Num [sú]bito acesso de timidez, Mary volto[u à] tarefa de fazer mais um bule de chá.

— Alguém quer tomar uma xíc[ara] mais?

Mary percebeu que tia Frances ac[ei]taria uma chávena, mas que a ág[ua] estava fria e que o fogareiro esta[va] sem álcool. A jovem o encheu, e [...] excitação interior fazia tremer-lhe [a] mão a tal ponto que o álcool se es[pa]lhou sôbre a bandeja e os flancos [do] aparelho. Ela pediu fósforo, e Gor[don] a atendeu. Ninguém soube, então, [co]mo isso se deu. As chamas azuis [...] ergueram até às rendas que guar[ne]ciam o vestido de Mary, atingindo-[lhe] o rosto. Constance soltou gritos

aflição, enquanto Roger se precipitou para a jovem e a tomou em seus braços, abafou-lhe o rosto com o grosso tecido de sua roupa, enquanto rasgava tôda a parte incendiada.

Tudo se passou em segundos. As chamas foram extintas. Quando Roger abriu os braços, Mary estava pálida de emoção, recostada sôbre seu ombro. Seu rosto estava intacto, mas se via grande mancha vermelha sôbre a garganta, na parte que ficava nua pelo decote do vestido. Um pequenino cacho de seus cabelos ficara chamuscado num dos lados. As rendas do vestido em ruínas. Roger a conduziu para uma poltrona, enquanto todos os presentes formavam um círculo em volta da quase vítima do fogo, cheios de solicitude. Porter se ajoelhou aos seus pés:

— Mary! Mary! — exclamava êle.

E ela sorriu fracamente, ao ouvir que a voz de Porter se sumia ao pronunciar baixinho:

— Mary Rebelde!

Gordon salvou a mesa da destruição, mas as chamas haviam queimado os lírios. Constance estava perturbada pelo choque, e tia Frances não cessava de perguntar com amargura:

— Mas como sucedeu isso?

— E' que eu transbordei o álcool ao encher o fogareiro — disse Mary. — Foi uma estupidez. Se eu estivesse com um dos meus vestidos mais leves!

Ela estremece e cala.

— Amanhã eu lhe trarei um aparelho elétrico — anuncia Porter. — Não use mais êsse fogareiro.

Roger se colocou por detrás da cadeira de Mary, os braços apoiados no espaldar e nada dizia. Êle nada tinha que dizer, mas muito a pensar. Havia salvo aquêle belo rosto, e os seus olhos claros se refugiaram em seu peito. Êle sentia insuportável queimor em seus dedos, pois, com êles conseguira abafar as chamas ameaçadoras. Porter Bigelow poderia muito bem tomar conta dela, agora. Êle podia oferecer-lhe aparelhos elétricos e chamá-la pelo seu nome: — «Mary». Mas não fôra Porter que a salvara das chamas, nem fôra êle que a estreitara nos braços.

CAPÍTULO XIII

Havia decidido que, durante mais algum tempo, Gordon e Constance ficariam em casa de Mary. Regressariam a Londres, logo que chegasse a primavera. Grace Clendenning e tia Frances já estavam instalados, para o inverno, em seu hotel. Mary tinha que contratar uma empregada para ajudar Susan Jenks.

Ao mesmo tempo em que elabora os planos, Mary procura averiguar o espírito de penetração de Gordon Richardson. Com uma confiança tôda masculina em suas capacidades, êle toma a seu cargo, não sòmente os problemas de sua mulher, mas ainda os de Mary. Esta se via obrigada a suportar certas coisas, mesmo sentindo contrariedade, pois também reconhecia que os julgamentos do cunhado eram geralmente aceitáveis. Entretanto ela perguntava a si mesma, com que direito um intruso se julgava capaz de dar ordens a respeito de questões que concerniam apenas a ela e a Barry. E com que direito se oferecia êle para pagar a estada de Constance! De Constance, que era sua irmã bem amada!

Quando Mary formulou objeções com muita indignação, Gordon se pôs a rir:

— Você é como tôda mulher, Mary, e eu confesso apreciar de todo coração o conceito que faz você de hospitalidade. Mas, se você pensa que vou deixar minha mulher aqui e aumentar para você trabalhos e despesas sem fornecer uma compensação adequada, declaro que está redondamente engada. Se você não quiser aceitar pagamento, nós não permaneceremos aqui, absolutamente. Eis a questão.

Contra essa firmeza masculina, podia Mary deblaterar em vão tôda a sua raiva. Além de tudo, Constance era espôsa de Gordon, e êle podia levá-la quando bem entendesse.

— Está bem. Naturalmente — diz ela sem ocultar sua contrariedade — faça o que lhe parecer mais certo.

Mary foi obrigada a ceder, e isso lhe fazia um mal enorme.

— E' assim que eu gosto, — respondeu-lhe Gordon muito à vontade — e vou passar-lhe um cheque imediatamente, pois você pode precisar de sacar algum dinheiro no seu banco. Eu vou ausentar-me por algum tempo e desejo que Constance fique ao seu lado e ao de tia Isabelle. Sinto-me muito tranqüilo por vê-la aqui, junto a vocês, Mary. De qualquer forma sou sempre um seu devedor, e também quero pagar minha dívida.

Falando assim, em tom de brincadeira, Gordon sorria amàvelmente, com muito bom humor.

Mary, contagiada pela maneira por que êle falava, também aderiu, de bom humor:

— Gordon, — disse ela excusando-se a considerá-lo em débito — Porter me chama de Mary Rebelde. Talvez que eu o seja mesmo; mas, veja você: Constance foi minha irmã antes de ser sua mulher.

Gordon se acomoda melhor em sua cadeira para observar atentamente sua cunhada.

— E você a teve durante vinte anos mais do que eu. Mas graças a Deus, Mary, ainda tenho diante de mim vinte belos anos a dividir com ela. E espero até que sejam três vêzes vinte anos!

Gordon tinha emoção na voz, e, nesse instante, Mary se sentiu mais próxima dêle, juntinha, como jamais estivera antes.

— Oh! Gordon, — exclama — eu sou mesmo uma criatura horrível! Eu estava zangada com você porque você levou para muito longe a minha Constance. Mas, agora, eu me sinto contente por vê-lo como seu espôso, e espero dançar em suas bodas de ouro.

E então, de maneira completamente inesperada, ela começou a chorar, enquanto Gordon a acariciava com pancadinhas fraternais em suas costas. Em voz baixa e amiga lhe dizia que não a censurava por nada dêste mundo, e que se alguém procurasse tomar-lhe Constance, só o faria depois de passar por cima de seu cadáver. Dizendo isto, preencheu o cheque e o entregou a Mary. Vendo o quanto era êsse seu cunhado generoso e amigo, ela se sentiu desafogada em relação a certos compromissos de ordem pecuniária. Antes de deixá-la, Gordon, com alguma hesitação, abordou gravemente um outro assunto:

— Será muito bom para você contar com Constance aqui no caso de Barry ir-se embora.

(Cont. na pág. [illegible])

Tradução de RENATO de ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB





55 Lupardi e Yoto estavam ocupados com o carregamento do seu dirigível. Vários pinguins estavam encarregados de levar-lhes várias caixas e outros volumes. Ninguém suspeitara, sequer, que, dentre essas laboriosas aves, estivesse Rob, perfeitamente disfarçado numa delas. "Agora, Yoto, o óleo combustível", diz Lupardi. "Arrume essas coisas, tanto quanto possível, na parte trazeira, pois, como você sabe, a dianteira está reservada às bombas atômicas". "Os alimentos para nós durarão vinte anos". Rob percebe que êles estão tra tando de fugir. Mas para que as bombas atômicas? Que plano infernal era êsse?





56 Iria Lupardi, com bombas, tentar a deslocação do eixo da Terra conforme seus sonhos de louco? Rob se afasta. Lupardi percebe ruído de passos e cochicha: "Ouça! Parece que ouço passos aí em cima". Rob joga fora sua pele de pinguim e corre à cidade atômica. Era preciso chegar lá antes que o louco levasse a cabo seu diabólico plano. Sob ao hangar. Sendo pesado o seu equipamento, êle o liga a uma corda prêsa ao cinto. Mas ao chegar ao fim, um forte puxão de baixo o derruba. Alguém desejava pô-lo em baixo. Não importava quem fôsse, mas a corda fôra violentamente puxada.

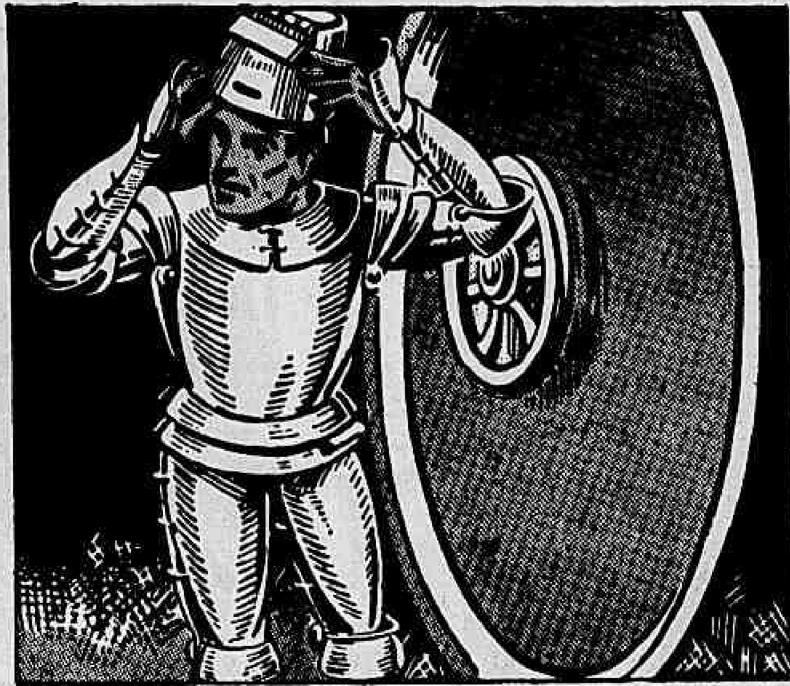


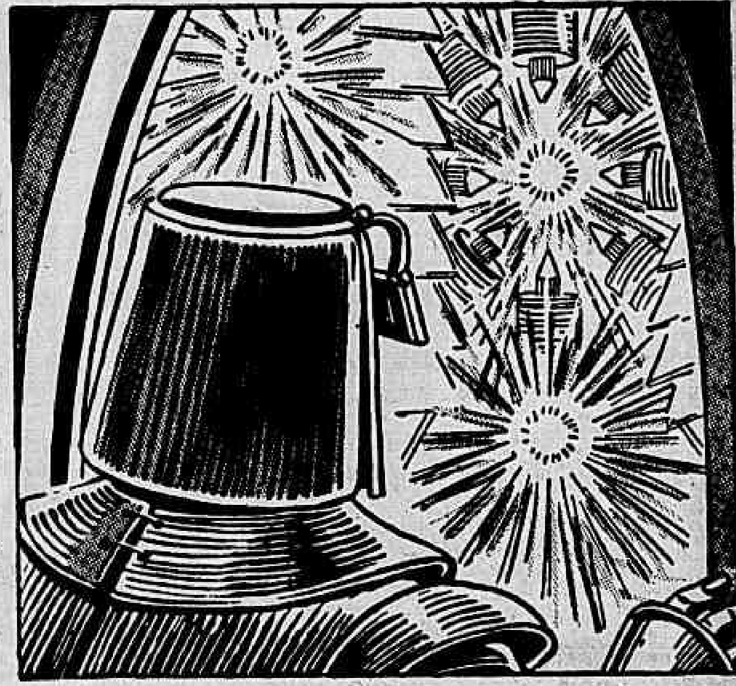


57 O prof. Lupardi, com os ruídos de passos, correra ao hangar e vira que estava sendo vigiado. Alguém estaria no teto do hangar. Quem seria o atrevido? "Ah!" Exclamou, "deve ser aquêle maldito marujo! Vamos mostrar-lhe que será êste o seu último ato de espionagem." E Lupardi e Yoto, com tôda a fôrça de seus músculos e todo o pêso de seus corpos, passaram a pu a corda em que Rob estava amarrado a fim de derrubá-lo ao solo. Mas Rob se equilibra muito bem, apoia-se nas vigas externas do edifício e resiste aos xões dos dois. Mas era preciso agir. Corta a corda e corre à Cidade Atômica.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Rob navega no Liberty, sem rumo, até encontrar uma região deserta e gelada. Descobre um navio com a tripulação morta. Um submarino o recolhe e êle segue com dois tripulantes e o Dr. Ree, a fim de investigar uma cidade atômica montada pelo prof. Lupar di. Êste descobre os invasores, prende-os, mas Rob consegue escapar e vai em busca de socorro. Lupardi o alveja com bo mbas e tenta torpedear o submarino. Rob volta à Ilha dos Pinguins para socorrer seus amigos.. Lupardi coloca-os num dirigível e os manda à Lua. Mas o Dr. Ree tem esperança de sair dali. Rob, em terra, procura liquidar com Lupardi e seu assistente Yoto. Há entre os tripulantes do submarino e dos navios que ajudam Rob, a mais terrível ansiedade. Há gran de perigo contra Rob e todos os seus companheiros.

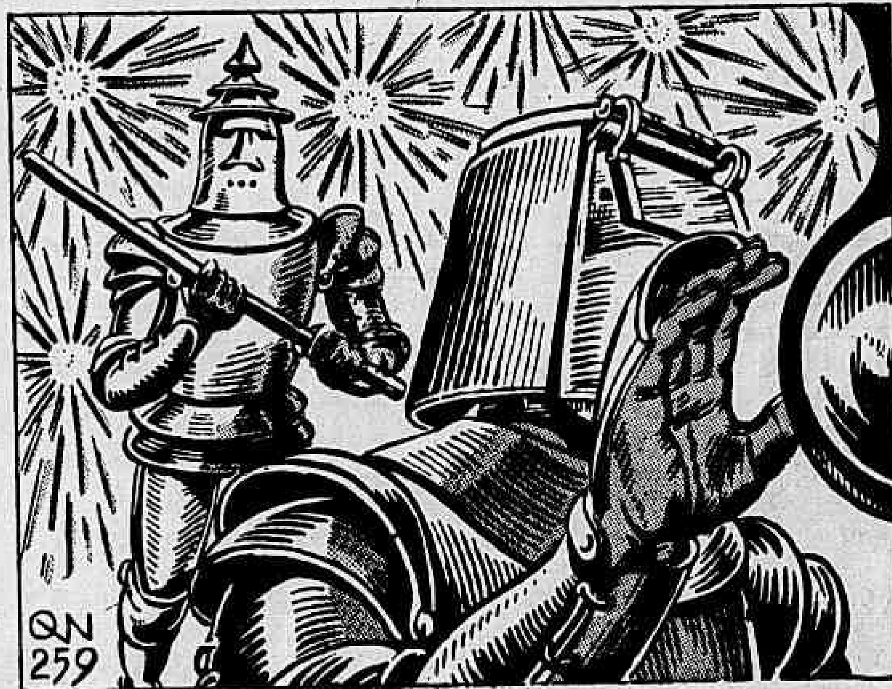






58 Seu maior temor era o de que Lupardi chegasse primeiro que êle. Cautelosamente olhou em volta, ao chegar à entrada do perigoso laboratório. Não vendo ninguém, corre até ao grande forno. Aqui devem estar as bombas de que precisa Lupardi para seu tenebroso plano. Poderia Rob destruir essa máquina infernal? Veste a armadura de ouro. Abre a porta de aço. Espantoso espetáculo. A alta freqüência de energia está continuamente a descarregar em pesadas explosões. Êle tem que agir rápido, pois já ouve sinal de alarma, prova de que sua presença fôra denunciada aos seus dois tenazes perseguidores.

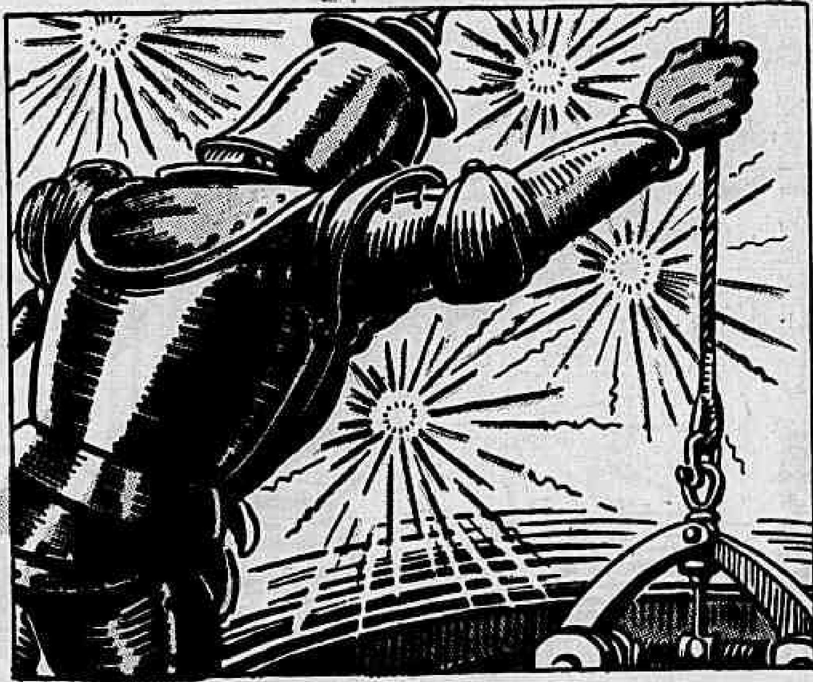






59 Reparando nas instalações internas da grande fornalha de energia atômica, êle vê três curiosos aparatos prêsos ao teto. Aquilo eram os famosos hemisférios de bombas atômicas. Estavam seguros por aparelhagem resistente à ignição. Rob estava preocupado com a hipótese do que poderia acontecer se aquêles aparelhos viessem a tocar-se uns nos outros. Era preciso desmontar a armadilha antes que o prof. Lupardi pudesse pôr em execução seu plano sinistro. Cautelosamente se aproxima, porém ouve ruídos de passos por detrás dêle. Antes que Rob se voltasse, recebe forte pancada na cabeça e desmaia.







60 Rob não ouve quando Lupardi disse, irônico: "Dêsse estou livre". Então o sábio-louco abre um esconderijo no soalho e suspende duas bombas atômicas, entregando-as a Yoto, que as leva para bordo do dirigível. Uma terceira está ainda num determinado recanto do laboratório. Depois de ajustar nas bombas um dispositivo de explosão automática com tempo exato de data e hora. Lupardi sai do atomatório e fecha a porta pela última vez. E agora voar ao Polo Sul. E Rob? Bem, êle continua sem sentidos dentro da fornalha atômica. Se ainda estiver vivo, ouvirá e sentirá a grande explosão provocada por Lupardi.

HÁ tempos passados, na meia-noite de têrça-feira, à última badalada, os parceiros se arrancavam mùtuamente as máscaras. Dizia-se — e era velho costume trazido do outro século — que, reunidos e agindo assim, a surprêsa e a exaltação orgíaca reconciliavam inimigos, o que ano após ano se verificava.

Mais divertido quando o parceiro era mulher e, sobretudo, se bonita. Em silêncio, através das máscaras, os olhos se fitavam. E quando um dos mascarados era homem ousado e adivinhasse abaixo dos ombros do parceiro a existência de uns seios, entabolavam-se conversas que se prolongavam em bebidas e findavam na noite, longe dos salões.

Se de um lado havia pares rejubilando-se aos se darem a conhecer, havia-os também soltando murmúrios de decepção recíproca.

Só Gaspar Inácio, dono do salão e empreendedor de bailes não colocava máscaras, o que o auxiliava na distribuição de sorrisos, nas atenções adocicadas, mesuras e salamaleques em que se desfazia.

Jaguari era assim. Vêm-me estas lembranças agora que me sentei aqui, tantos anos passados. A mesa era essa, ao que tudo indica. E ficava mesmo neste canto. Eu era moço, fanfarrão e dado ao álcool. Estava sòzinho e bebendo, quando êle chegou. Musculoso, porém menos forte que eu. Mãos calosas, pescoço sêco e queimado, usava bombachas e blusa de couro. Parecia até que de carnavalesco só trazia a máscara. Eu o tinha visto à frente do cordão, cantando frenético, desesperadamente, como se aquela fôsse a última noite em que pudesse cantar, como se após o destinassem a um patíbulo, como, se, sôfrego, bebesse o último copo d'água que havia na terra. Através da máscara, que se contraía ou distendia obedecendo ao rictus dos músculos faciais, a alegria se estampava.A máscara era rosada e parecia cheia de pústulas extintas como se ela mesma sofrera varíola.

A razão por que viera para a mesa eu não compreendia. Cansado, de certo. Mesmo assim não podia compreender. Vira-o nas noites anteriores, sábado, domingo, segunda, saltitando sempre, arrastando cordões; os dentes, através da máscara perfeita, bem grudada, brilhando sadios. Eu imaginara nêle uma tenacidade de faquir a ponto de supor que êle prosseguira durante um mês, um ano, sempre pulando e puxando cordão.

Mas afastei a outra cadeira, para que êle sentasse. A princípio olhara para todos os cantos, para tôdas as mesas, talvez a procurar uma, desocupada.

— Aqui mesmo, compadre — sugeri-lhe. — Está por pouco. À meia-noite se acaba essa gandaia.

Sentou-se sem uma palavra. Passou o lenço pela máscara donde escorria suor.

— Compadre, a máscara é permeável. De parafina, não?

Não respondeu. Vi-lhe o pomo de Adão subir e descer. Sem tirar o chapéu da cabeça, proferiu em tom lamentoso:

— Infelizmente à meia-noite tudo se acaba.

— Gosta disso?

— E' a única vez que venho à cidade.

— Só vem no carnaval?

Novamente contornou a pergunta. Era como se eu não estivesse ali, como se eu fôsse uma estátua, incapaz de indagações, um cão dócil que apenas ouve e sacode a cauda. Êle dava curso, provàvelmente, aos próprios pensamentos. As perguntas eram acidentes que êle desconsiderava.



AFONSO PEDRO

Conto de E. M. RAIDE

Ilustração de M. QUEIROZ

— As mulheres significam muito para mim. Para tôda gente, é claro. Para mim muito mais. Um ano metido por lá... Só as posso ver nesses dias. Sinto algo de irreprimível, uma saudade, uma angústia amarga me apertando, preciso vir, não posso deixar de vir. Isso representa muito para mim.

Minhas compridas unhas artificiais tamborilavam na mesa. Pedi cerveja. Gaspar Inácio acorreu pessoalmente, botou mais duas garrafas, outro copo, encheu-os. Empurrei um dos copos para o lado dêle. Suas mãos não se moveram. Levantei o copo a pequena altura e o bati com fôrça na mesa. Êle teve um sobressalto.

— Que...? — esboçou uma interrogação.

— À nossa!... — sugeri encostando com dificuldade o copo aos lábios, por entre o papelão da máscara, na abertura da bôca.

— Saúde... amigo! — respondeu erguendo o copo e pousando-o de novo sem provar o líquido.

— Não bebe?

— Não, não. Só quero dançar, cantar. É' o que me interessa nisso tudo. Desculpe, não leve a mal. E' mania O que importa é matar a saudade que tenho dos sêres humanos e principalmente das mulheres.

— Modo de pensar de solteirão. Ou me engano?

Silenciou de novo. Observei-o atentamente. Seus olhos passearam de mesa a mesa, e repousaram nos pares que dançavam. Respirou fundo e imobilizou-se naquela posição. Serpentinas cruzavam o ar, enroscavam-se nos pares, confetes ocultavam o soalho, lança-perfumes embaçavam o salão e, pelas mesas, risos, sussurros, estalidos. A música prosseguia, os corpos se agitavam, fugiam-se, procuravam-se, comprimiam-se frente a frente. Êle imóvel. Meti, a custo, através da máscara, um cigarro na bôca. Ao acendê-lo quase ateei fogo à minha cabeleira de feiticeiro, que, mal colada ao papelão, freqüentemente se espalhava, dificultando-me a visão. Estendi-lhe o maço, que êle não viu, absorto que estava a fitar uma colombina.

— Fuma?

Nada. Toquei-lhe no ombro. A cabeça se moveu, brusca.

— Fuma?

Fêz "não" com o indicador e voltou a fixar a colombina. O silêncio dêle me acabrunhou. Afinal por que vinha se não gostava de conversar? Por que procurava os sêres humanos se não queria contato com êles?

Ingeri a cerveja, enchi novamente o copo, e fui sorvendo-a aos goles, vagarosamente.

De soslaio percebi que seus olhos pousaram em mim, procurando os meus, a sondar se estavam a observá-lo. Então começou. Parecia que minha mobilidade quase automática fazia-o considerar-me por algum tempo, uma estátua fria, de braços mecânicos, incapaz de reagir à medida que êle falava. Via-me de certo como a um boneco passível de poucos gestos: levar o copo à bôca, tomar um gole, descer o copo, pausar, recomeçar. A voz dêle era incisiva, como a de quem fala por entre dentes, receoso de descerrar os lábios.

Contou que de fato só vinha nos dias de carnaval. Possuía uma casinha no pico do Gavião, quilômetros longe da estrada. Local inatingível para todos, menos para êle, que descobrira uma via de fácil acesso. Tinha umas parreiras, umas vacas de que extraía leite para o fabrico de queijo e manteiga. Lia muito, e bons livros. No carnaval aproveitava-se para matar saudades, vendia o vinho, o queijo e a manteiga, comprava as mercadorias, roupas e petrechos necessários, e tocava de novo para o êrmo. Solteirão, sim. Gostaria de ter mulher, carinho, mas habituara-se de tal modo à solidão que lhe bastava aquêle contato de três dias com as mulheres para afastar todos os desejos e mitigar tôda a saudade. A solidão e o convívio com os animais e livros proporcionava-lhe mais felicidade que o amor que acaso viesse a sentir por um ser humano. Mais e mais coisas contou, coisas comuns a muita gente. Que recebera uma herança, moço ainda. Deixara o sul do Paraná numa carroça coberta. Viajara de noite até que encontrou o pico do Gavião, cujo clima se assemelhava ao das terras donde viera. Seu nome era Afonso Pedro, duplamente órfão, único filho.

— Em que pensão se hospeda nesses dias?

Ao fazer a pergunta eu depositara o copo na mesa e erguera a cabeça, num gesto diverso daquele que, isòcronamente, vinha repetindo. Êle estacou, como sonâmbulo desperto a meio caminho. Minha pergunta e o gesto recente significavam-lhe uma verdade chocante: eu vivia, eu raciocinava, eu queria saber as coisas.

O relógio deu onze e três quartos. Tive um súbito desejo de antecipar os acontecimentos, de meter minhas unhas e arrancar aquela máscara, desvendar o rosto daquele homem. Mas minha mão se conteve. Perderia o sabor a antecipação. Empolgou-me a sensação análoga à de um opiómano diante do alimento predileto. E os minutos que passavam eram como chaves abrindo imaginàriamente as algemas que constringiam meu braços.

Supús que seu desejo de solidão fôsse tamanho que êle senão daria a conhecer à meia-noite. Resolvi entretê-lo. Menti-lhe, então. Falei que também eu era um solitário, que também gostava de mulheres e preferia o celibato. Que a solidão era para mim um paliativo me auxiliando a esquecer misérias passadas. Tudo falso, mal atirado a seus ouvidos. Nem sei se Afonso Pedro acreditou naquilo. E enquanto eu falava, decidi-me a dar-lhe a iniciativa de tirar-me a máscara. Êle que me visse primeiro. Minha expressão confiante e alegre talvez lhe inspirasse amizade. Fui falando e calculando os minutos. Afonso Pedro, crédulo ou não, parecia atento às palavras. Súbito, a primeira badalada. Êle alçou os olhos para o relógio, recuou a cadeira.

No salão nenhum sussurro, nenhum estalido, como se o vácuo engolisse vozes e sons. Eram segundos de expectativa.

— Não vai esperar a última?

Êle saiu apressadamente, empurrando os grupinhos atônitos, enroscando-se nas serpentinas. A última badalada soara. Saltei da janela para a rua e o acompanhei silenciosamente, o coração batendo descompassado, mêdo e sofreguidão se confundindo. Ruas após ruas nossos passos apressados feriram o silêncio. Desejei correr mas as pernas adormecidas, quase mortas, não obedeceram.

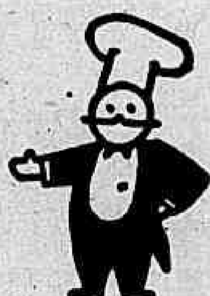
As águas do Jaguari momentâneamente refletiram os raios da lua. E o deslizar manso do rio abafou o ruído de nossos passos. A cortina espessa das nuvens escondeu de novo a lua. O vulto de Afonso Pedro se dirigiu para a esquerda, aproximando-se de outro, maior. Um relincho cortou o ar. Acheguei-me, a lua abriu uma nesga enorme entre as nuvens e clareou de cheio as cercanias. Pude distinguir assim o outro vulto: era uma carroça, de

(Cont. na pág. 39)

WEEK-END NA COZINHA



PATO COM RECHEIO DE AMEIXAS



Mata-se o pato de véspera, deixando-se de môlho em meia garrafa de vinho, cheiros verdes, sal, pimenta. No dia seguinte aferventa-se três maçãs e um pouco de ameixas pretas, tirando-lhes os caroços. Corta-se as maçãs em pedaços: põe-se num prato um pouco de passas de Corinto às quais se junta os pedaços de maçã, as ameixas, uma colherinha de açúcar, uma de canela em pó, uma colher bem cheia de manteiga e meio cálice de conhaque ou rum. Mistura-se tudo isso muito bem e recheia-se o pato com essa mistura. Feito isto enrola-se o pato, depois de bem besuntado de manteiga, numa fôlha de papel impermeável e leva-se ao forno. Rega-se de vez em quando com o môlho que o temperou. Quando estiver macio, retira-se o papel para que o pato fique bem corado. No momento de se servir, corta-se o pato em pedaços, tira-se a carne do peito em fatias e deixa-se o recheio dentro da carcaça cortando-se o osso em cima. Arruma-se os pedaços de pato em volta dessa carcaça. Serve-se êste pato com o môlho que ficou na assadeira e ao qual se junta umas rodas de cebola, tomates, um pouco de farinha de trigo para engrossar, uma xícara de leite e duas de água. Deixa-se ferver e coa-se. Êste môlho deve ir para a mesa numa molheira. Enfeita-se a travessa em que se arrumou o pato com fôlhas de alface.

BACALHAU À ESPANHOLA



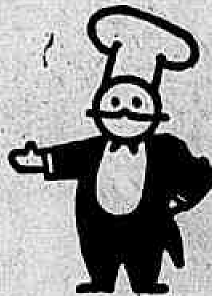
Escalde meio quilo de bacalhau sem espinhas, parta em pedaços, frite em azeite a ferver para alourar. Depois arrume numa panela de barro, em camadas, bacalhau, rodelas de batatas, de cebola, de tomates e pedaços de pimentão doce, tudo cru. Regue com um pouco de azeite fino e leve bem fechada a assar no forno, sirva na própria panela envolvida com um guardanapo bem engomado e prêso com alfinetes.

MOCOTÓ COM PICLES



Limpe 4 mocotós de vitela, tire as unhas, raspe os pelos e leve a cozinhar em água e sal, com cebola, cheiro e tomates. Depois de bem macios, tire os ossos e parta em pequenos pedaços. Reserve uma xícara e leve o caldo ao fogo para reduzir à metade, depois de reduzido engrosse, ligando com 2 gemas, junte o mocotó e deixe esfriar. Depois corte em quadrados, passe em pó de pão torrado, arrume num taboleiro, regue com manteiga e leve a tostar ligeiramente no forno. Tome a xícara de caldo reservado, côe, ligue no fogo com 1 gema e 1 cálice de vinho e despeje sôbre o mocotó. Enfeite com pedaços de picles e sirva.

CAMARÕES RECHEADOS



Toma-se 1 quilo de camarões grandes, divide-se em duas porções, separando-se de um lado os maiores. Limpa-se e descasca-se êstes últimos com bastante cuidado, conservando-se as caudas e as cabeças, enfia-se em cada camarão um palito para que fique bem esticado. Descasca-se e limpa-se também a outra parte dos camarões, partindo-se em pedaços, temperando-os com sal, alho e caldo de limão. Põe-se de môlho em leite o miolo de um pão de 40 centavos. Enquanto o pão amolece, leva-se ao fogo uma panela, com azeite, cebola batidinha, tomates sem sementes, cheiros verdes, deitando-se aí os camarões inteiros e os picados, deixando-os refogar e cozinhar um pouco. Quando os camarões estiverem cozidos, retira-se inteiros, separando-os em um prato. Tira-se em seguida a panela do fogo, juntando-se aos camarões picados o pão que já deve estar mole: mistura-se tudo muito bem, juntando-se a massa, dois ovos inteiros e leva-se ao fogo brando até a massa ficar de boa consistência. Retira-se então a panela do fogo, deixa-se esfriar um pouco e envolve-se com essa massa o corpo dos camarões inteiros, que foram separados, deixando-se a descoberto a cabeça e a cauda. Passa-se depois cada camarão em farinha de rosca, em seguida em ovos batidos, na farinha novamente e frita-se em azeite bem quente.

MIOLO ENSOPADO



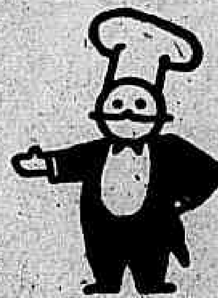
Refoga-se numa panela em gordura ou azeite, umas rodelas de cebola, sal com alho, tomates e cheiros verdes, junta-se um pouco de água e quando o môlho estiver meio cozido, deita-se o miolo, já limpo, em pedaços grandes ou inteiro. Abafa-se para que o miolo cozinhe em fogo brando. Uns dez minutos de boa fervura é o suficiente. Serve-se com o próprio môlho, polvilhando-se com bastante queijo parmezão ralado.

CREME DE CAMARÕES



Faça 1 kg. de camarões esposados com leite de côco. Faça um creme grosso com 1 colher de manteiga, 1 colher bem cheia de farinha, 9 gemas, sal, e 3 xícaras de leite. Deite os camarões num prato, antes de ir ao forno, espalhe por cima o creme e guarde. 20 minutos antes de servir, bata 6 claras em neve com 1 colher de chá Royal, despeje sôbre o creme, arrepie com o garfo, polvilhe com queijo e leve a tostar no forno. Guarneça ao redor com rodelas de cenouras cozidas e de ovos intercalados. No centro coloque 6 metades dos camarões cortados sôbre o comprimento, formando uma coroa e encha o meio com azeitonas pequenas. Enfeite depressa e sirva.

CREME À LA NESSELRODE



12 grs. de purê de castanha, 125 grs. de sultanas, 50 grs. de cerejas cristalizadas bem picadinhas, 50 grs. de cidra cristalizada e picada, 1 a 2 colheres de sopa de Maraschino, 1/2 litro de creme de baunilha (feito sem gelatina) 1 xícara de creme Chantilly. Mistura-se bem o purê das castanhas com o creme de baunilha frio as sultanas, as cerejas, a cidra e o creme de Chantilly batido com o Maraschino. Põe-se êste creme em uma vasilha de porcelana, alisa-se bem em cima e deixa-se esfriar por espaço de 2 horas. Antes de ser servido, espalha-se por cima uma geléia que se desmacha primeiramente, batendo-a com um garfo.

CONSOMME DE MALVASIA GELADO



Cozinhe de véspera mocotó de vitela. No dia seguinte prepare 1 galinha (guarde o peito cru que vai servir noutra receita) e parta o resto aos pedaços e leve a tostar ligeiramente com 1 colher de manteiga. Junte o mocotó os ossos que sobram de um peru trufado, 1 cebola, uns 6 tomates maduros, cheiro, 3 galhos de aipo, molhe com 3 litros de água e deixe cozinhar em fogo lento, durante algumas horas. Depois tire a galinha e guarde (servirá para outro prato). Junte mais 1 litro de água quente, leve a ferver mais um pouco, côe o caldo, junte 1 xícara de Malvasia, leve um pouco ao fogo novamente, e deixe a esfriar, para então coar num guardanapo molhado em água fria retorcido. Leve o caldo num bule, para a geladeira, é preciso calcular a quantidade de caldo pelas xícaras onde o vai servir. Na hora de ir para a mesa, deite nas xícaras próprias.

MIOLO DE VACA OU DE VITELA



Tanto um como outro é feito da mesma maneira, o principal é limpá-los bem, tirando-se a pele que os envolve. Para isso é preciso deixar o miolo de môlho, por meia hora no mínimo, em água com vinagre. Depois de bem lavada prepara-se de muitas maneiras.

BISCOITINHOS DE MILÃO



250 grs. de farinha, 125 grs. de manteiga, 125 grs. de açúcar, 2 ovos, e casca ralada de um limão. Bate-se bem a manteiga, mistura-se o açúcar, os ovos, a casca de limão e por último a farinha peneirada. Depois bem batida, estende-se esta massa na grossura de 1/2cm., corta-se figuras variadas, pincela-se com gema e leva-se a assar.



João Gibin, na Embaixada Brasileira em Washington, quando era recebido pelo sr. Afrânio de Melo Franco, Ministro Plenipotenciário do Brasil. Note-se n fundo um famoso Mural de motivos nordestinos decorando o ambiente.

UM BRASILEIRO NO SCALA DE MILÃO

COUBE A S. PAULO A GLÓRIA DE VER UM SEU FILHO VENCER O CONCURSO DE CANTO "O GRANDE CARUSO"

JOÃO Gibin, o jovem cantor paulista, foi o vencedor do movimentado e empolgante concurso de voz, «O Grande Caruso», e que abrangeu todo êste hemisfério. Em todos os Estados do país se realizaram as provas de seleção daqueles que teriam de comparecer às finais no Rio de Janeiro. Coube a João Gibin, a glória de conquistar, entre nacionais e outros candidatos das Américas, o ambicionado título de escolhido para passar um ano em aperfeiçoamentos no Scala de Milão.

O nosso patrício seguiu, então, para Roma, com escala pelos Estados Unidos. João Gibin é estudante, tem vinte e dois anos de idade, de compleição robusta. Sua batalha para conseguir a realização dêsse sonho de todo cantor, travou-se perante 1.500 concorrentes, dentre os quais, cantores de 15 países latino-americanos.

Chegando à culminância dessa competição artística, o já consagrado baritono não escondia seu entusiasmo pela vitória pessoal, que também era a de seu país. Interrogado por alguns jornalistas acêrca de suas preferências musicais, êle declarou: «Em face das suas qualidades líricas e dos papéis românticos, as óperas italianas são as minhas preferidas.»

Na viagem para a Itália, êle ficou durante seis dias nos Estados Unidos, visitando Nova York e Washington. Foi homenageado pelos organizadores do Concurso com sede nos Estados Unidos, numa tarde no «Waldorf-Astoria Hotel», e assistiu a uma representação de «La Boheme» no «Metropolitan Opera House».

Antes de levantar o pano, foi cumprimentado e felicitado por Ferruccio Tagliavini, no famoso camarim do falecido Enrico Caruso. Tagliavini lhe fêz várias perguntas acêrca do desenrolar das provas no Rio, e o abraçou fraternalmente, dando-lhe umas pancadinhas nas costas, com esta última palavra: «Bravo!» Ferruccio Tagliavini encorajou João Gibin na luta para a maior perfeição de sua arte e não ocultou a confiança de que ali estaria um grande astro do futuro.

Depois dessas manifestações de camaradagem entre um artista já consumado e um que surge no limiar da glória, Gibin foi apreciar Tagliavini no papel de Rodolfo, prestando a maior atenção à sua performance e ao acompanhamento da magnífica orquestra do Metropolitan.

Cumprindo os ligeiros e inesquecíveis dias em Nova York, Gibin seguiu para a capital dos Estados Unidos. Não poderia passar muitos dias em Washington. Seguiu de avião numa manhã e de lá regressou à tardinha. Na capital do país, dentre outras, fêz uma visita à Embaixada da Itália, tendo oportunida discutir música com Roberto Riccardi, secretá Relações Culturais da Embaixada. Riccardi ex sou francamente sua opinião sôbre a voz de G declarando que êsse brasileiro, dentro em bre converterá num astro de fama mundial, num Caruso.

Gibin, porém, declarou modestamente, que sua devoção à Arte era dirigida para a músic liana, pelo sentimento de suas criações e líri seus motivos, muito lhe agradando os papéis ro ticos de um Verdi e de outros compositores.

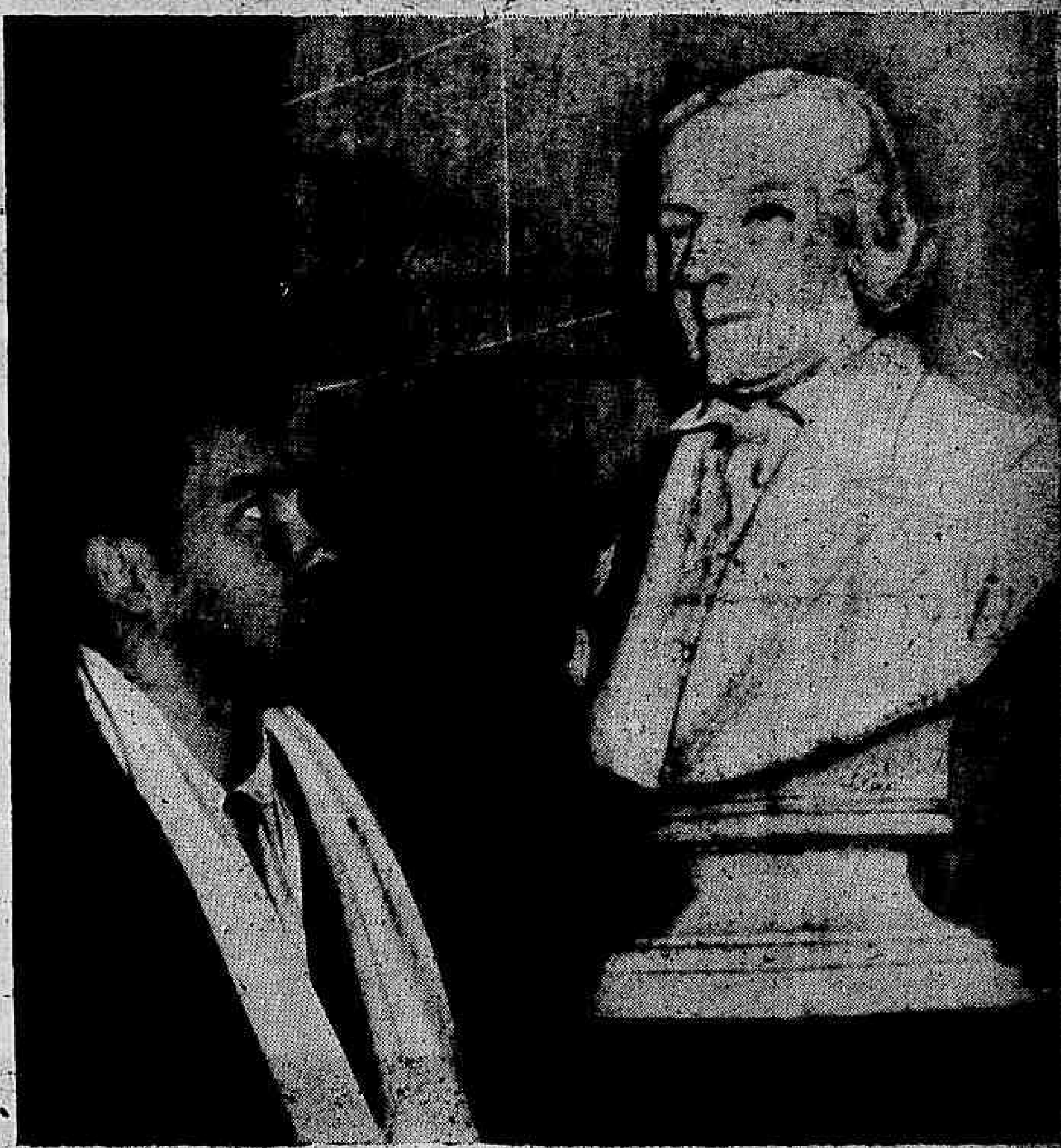
Fala fluentemente o italiano, não apenas por êle de S. Paulo, Estado onde é de grande influ a colônia italiana, como porque, pelo trato co com as óperas italianas, teve êle que intere muito pela língua de Dante. Os membros de s mília, a começar dos pais, só usam a língua guêsa. Mas Gibin se aperfeiçoou profundame italiano, como se já antevisse uma ida em ta cunstâncias à Itália. Também fala o espan francês e alguma coisa de inglês.

Como não podia deixar de ser, quando de geira estada em Washington, o nosso patríci uma visita de cortesia à Embaixada do Brasil quela capital.

(Cont. na pág



Numa fonte próxima ao edifício da «Pan American Union» João Gibin conversou com esta belíssima arara azul.



Diante do busto de José Bonifácio, o «Patriarca» da Independência do Brasil, o cantor concentra-se com emoção.

No camarim do tenor Ferruccio, no Metropolitan de Nova York, João Gibin conversa com o grande artista, no mesmo local em que se vestia o imortal Caruso, para suas noites de Arte na maior cidade do mundo.

EU VI A GE

FERNANDA REIS NA CORÉIA (1)

A IDÉIA DE UMA GRANDE REPORTAGEM ★ QUE TAL IR VER A CORÉIA DE PERTO? ★ VACINAS, PASSAPORTES, "VISTOS" E OUTROS PROBLEMAS ★ "FAÇA O POSSIVEL POR VOLTAR!" ★ ENFIM, A BORDO DO AVIÃO. MEDO? POR ENQUANTO NÃO. MAIS TARDE...

(Fotos reproduzidas com a devida autorização da censura competente)

SEMPRE que o dinheiro escasseia logo nos sentimos inferiorizados. E' um caso por demais vulgar para aprofundarmos nêle. Acontece porém que isso deprime. Juntem-se-lhe as saudades de um lar distante, aonde vive, esperando, a nossa Mãe e teremos um "cock-taill" de sentimentos que destróem, como uma avalanche, a estrada da vida e a transforma num atalho de dificil acesso.

Não é fácil explicar, de forma a que nos entendam, um estado d'alma e um desejo de bem servir a profissão que abraçamos. Mas, um e outro, fizeram-me seguir para a Coréia como correspondente de guerra... E a explicação fica por aí.

Sujeitei-me a muitas críticas. Também, talvez para amenizá-las, obtive inúmeras compreensões. Devo a duas espécies de incentivos, absolutamente opostos, a realização da minha viagem Rio-Tóquio-Seoul: a confiança dos meus amigos e a incredulidade dos meus inimigos. E, por estranho que pareça, foram êstes que me ajudaram a vencer! Habituada a lutar por um mínimo que deseje, eu, ao pensar nos últimos, fiquei, de súbito, no meu ambiente...

COMO NASCEU A IDÉIA

Uma tarde, no escritório da B. O. A. C. palestrava com Sylvio Maia e Domingos Netto, empregados superiores dessa companhia de aviação, quando um telefonema interrompeu a nossa conversa. Sylvio Maia respondeu:

— Sim, deverá partir brevemente mais um avião para Tóquio.

Ao desligar disse:

— Nunca tantos homens do mar viajaram de avião para tão longe.

Minha pergunta surgiu rápida:

Na base aérea de Seoul, a repórter assiste à chegada de feridos procedentes da frente de batalha e estabelece o seu primeiro contato, a sério, com a

G ERRA DE PERT



Fogo sôbre o gêlo: uma bateria em ação contra o inimigo norte-coreano, sob o rigor do inverno. A neve cobre o terreno ameaçando envolver o armamento e os homens.



...parcial de Seoul, zona residencial, obtida dos altos do Banta Hotel. Muitas dessas casas foram ...mente destruidas pelos incessantes bombardeios e seus moradores trataram de por-se a salvo.



...s fugindo, procuram atravessar um rio. Em baixo: Seoul é retomada pelas fôrças aliadas mais ... o povo volta imediatamente para suas casas. Muitas delas foram, porem, destruidas pelo fogo.



EU VI A GUERRRA DE PERTO

— Que vão lá fazer?

— Buscar os petroleiros que o Conselho Nacional do Petróleo mandou construir no Japão.

E, olhando o mapa pregado na parede a seu lado, começou a mostrar-nos a rota dessa longínqua viagem de regresso. Meu coração bateu impetuoso à idéia da possibilidade de ir até lá. Dividia logo em, reportagem da guerra na Coréia e, a da volta num dos petroleiros. Não desconhecia que o facto de ser mulher poderia levantar obstáculos. Mas, também me lembrei de que estava no Brasil, país moderno aonde muitas jornalistas trabalham e entre as quais conto algumas amigas como Cândida Yvete e Sarah Marques. Só o que os homens poderiam achar inconveniente era o de eu ser a única mulher a bordo na longa viagem de volta.

Arrastei Sylvio Maia a uma interminável série de informações e de lá encaminhei-me para a Associação Brasileira de Imprensa, conhecida em todo o mundo pelo deminuitivo de A. B. I.

HERBERT MOSES — O HOMEM PARA QUEM NÃO HÁ ÍMPOSSIVEIS

Na A. B. I. — meu refúgio de todos os dias desde que conheço o Brasil — fui falar ao dinâmico e tantas vêzes imcompreendido Herbert Moses, seu Presidente.

Achava-me à vontade para expor a êsse homem — que transforma alegremente vinte e quatro horas num exaustivo dia — o meu sonho e no que, pensava eu, seria um trabalho original.

Não houve ceticísmo nos seus olhos ao escutar-me. Herbert Moses não é fácil de se surpreender com coisa alguma e para êle não há impossíveis. Sòmente quando terminei é que, escondendo sob um sorriso amigo a sua inquietação pela perigosa missão que eu tanto desejava, disse, caminhando de um lado para o outro, naquele passo apressado que é tão seu e fazendo voz grossa:

— Olhe que aquilo lá não é brincadeira! Veja bem! Eu vou tentar que "O Globo" queira enviá-la para tão longe. Vamos a ver.

E prometeu todo o seu apoio. Depois, com um gesto meio sêco, deu por finda a nossa conversa. Para outra pessoa que o não conhecesse tal gesto poderia traduzir indiferença. Mas, para mim, não. Sabia quanto a sua memória era prodigiosa e quanto empenho põe em defender ou expor a pretenção de um jornalista. Reside nessa formidável fé de bem servir a todos nós, profissionais da Imprensa, a sua admirável "perfomance" e vitalidade exuberante, plena de dignidade.

Despedi-me tranqüila. Meu assunto estava em boas e leais mãos.

COOPERAÇÃO DE AMIGOS

Surgiram "demarches". Afloraram negativas. Existiram sorrisos displicentes, moles apertos de mão e amistosas palmadinhas derrotistas em meus ombros. Elas queriam traduzir pensamentos como êstes: "A guerra na Coréia [illegible] tão longe! Você uma mulher! Não pense [illegible] mas que idéia!"

E, à medida que as dificuldades se tornavam [illegible] — e sempre elas surgem quando desejo algo [illegible] bém o desânimo rondava, ameaçando instalar-se [illegible] nitivamente, em meu coração.

Foi quando me rodearam, com a sua amisade [illegible] preensão, vários colegas brasileiros, Maria de [illegible] Baldaque Guimarães, Etcheverry, Maria Cecília [illegible] neiro, Mário Mello, Edmar Morel, João Ribas, [illegible] Silveira e Júlio Moreira da A. B. I. Este grupo, [illegible] tando um muro entre a minha tristeza e o ceptic[illegible] alguns, jamais me deixou pensar que não se real[illegible] minha ida à Coréia!

E um dia o meu cartão de "Enviada especial d'O G[illegible] a Londres, Tóquio e Coréia" foi-me entregue por [illegible] Franco da Secretária do jornal depois de ter [illegible] pelas mãos de Herbert Moses e Bastos Padilha. [illegible] pedir-me recebi um grande abraço de Rafael B[illegible] Lucílio de Castro e de Alves Pinheiro. Retribuí a [illegible] amistosa de todos os meus novos colegas de redação [illegible] seguida por um indecifrável olhar do Diretor, [illegible] Marinho.

"O GLOBO" era o segundo jornal do mundo a [illegible] para a guerra, como sua correspondente, uma [illegible]

O PESADELO DAS VACINAS

Entretanto eu sujeitava-me ao pesadelo das vacinas [illegible] peciais para entrar num país em guerra e atravessar [illegible] ras de nações onde o clima e a prosmicuidade po[illegible] causar-me surprêsas desagradáveis.

Foram sete os tipos de vacina: contra a gripe, a [illegible] amarela, a varíola, a peste, o tifo exantemático, a [illegible]

(Cont. na pág. [illegible]



Uma cidade deserta. A população desapareceu, fugindo ao morticínio. E aí está um aspecto de Seoul, a cidade fantasma e mártir. Por tôda a parte



Uma pobre mulher, a exemplo de milhares de outras, procura alguma coisa que possa comer. Mas que poderá encontrar aí? A fome e companheira [illegible]

O GOLPE DE MISERICORDIA

QUANDO os quatro tiros estrondaram dentro da casa, senti que havia chegado a minha hora. Aliás, já vinha desconfiando do meu excesso de sorte, quando das vêzes anteriores. Porisso, fiquei alí, diante do cano do revólver que cuspia morte pelo pequeno orifício negro que de repente se inflamava e soltava aquêles sêcos estampidos que me gelaram o sangue. Compreendi, então, que a minha atitude era quase suicida. Num movimento ágil de gato, corri para a grande janela da sala e, num salto, agarrei-me ás suas bordas. O meu corpo já alcançara a altura da janela, quando outro tiro fêz-se ouvir. Senti uma dor aguda na côxa direita e não pude reter um grito terrível de animal ferido que me veio à garganta. Senti o sangue quente descer-me pela perna abaixo. Com um esfôrço maior, atingi o nível e o meu corpo começou a escorregar pela parede lisa. Os meus pés encontraram o chão. Eu arfava, suando em bicas, um suor frio que parecia um suor de morte. Fiquei um instante parado, procurando tomar uma direção. Aquela altura, os esatmpidos deveriam ter despertado tôda a vizinhança e não tardariam em chamar a Rádio Patrulha para a caça ao fugitivo. Cautelosamente (lembrava-me perfeitamente que cinco tiros haviam sido disparados, restava, pois, o último) esgueirei-me pela parede branca do casarão. Uma janela acendeu-se, no primeiro andar. Encostei-me à parede o mais que pude. Um ruído de vozes, gritos e exclamações partia de todos os lados. Janelas abriam-se e cabeças apareciam, sonolentas e desgrenhadas. Mas a minha atenção estava numa única janela, naquela que ficava justamente por cima da minha cabeça e que poderia assinar a minha sentença de morte. A minha perna começava a ficar amortecida. Movi-me dolorosamente e precisei morder os lábios até fazer sangue para não soltar um gemido de dor. A janela abriu-se e a mesma mulher loura que me alvejara, apareceu. Vi distintamente os seus olhos verdes de gata perscrutarem a escuridão do parque. O Smith niquelado brilhava-lhe nas mãos finas. Foram séculos os minutos em que ela sondava a escuridão onde eu me encontrava. Ouvi, então, sua voz rouca e desagradável gritar para dentro.

— Marcelo, idiota, acenda as luzes do parque!

Estava tudo perdido! Aquilo me passou pela cabeça como um raio. Precisava arranjar um geito de sair dalí, então... Mais um instante e eu estaria perdido, com tôdas as luzes daquele parque acêsas, fazendo do meu corpo um alvo vivo. Foi quando me vejo a idéia de fugir. A mulher loura tinha a arma apontada para o lugar onde eu me encontrava, fixamente. Mas, confiando na sua má pontaria de há pouco, nos quatro tiros desperdiçados, tomei alento, encomendei minha alma ao diabo, e lancei-me pelo jardim afora.

— Pare! Pare! — ouvi a sua voz gritando histèricamente.

Nisto, tôdas as luzes daquele maldito jardim acenderam-se, ficando tudo claro como dia. Estaquei, desnorteado. Estúpido! Como deveria ser um excelente alvo, com o meu capote escuro na claridade do jardim! O sexto tiro partiu. E uma coisa quente como brasa e fina como um estilete, penetrou-me no ombro. Senti a vista turvar-se e a custo não caí alí mesmo, terminando tôda a história atribulada desta noite. Contive-me. Fiz das tripás coração. O portão estava aberto. A mulher rouca gritava histèricamente dentro da noite, apertando o gatilho do revólver descarregado numa fúria verdadeiramente demoníaca. Escapei pelo portão. A rua estava deserta. Chovia. Entretanto, as vozes e as janelas iluminadas e algumas já abertas, diziam que se eu não fôsse mais rápido que seiscentos diabos não lograria sair com vida da história tôda. A côxa me doía e o ombro caíra para um lado, como uma coisa morta no meu corpo. Fugi dentro da escuridão. Não sei quanto tempo corri assim. De repente, vi-me numa rua pacata, miseràvelmente iluminada. Parei um insatnte para tomar consciência de onde me encontrava.

O silêncio da rua de repente pareceu-me estranhàmente acolhedor. Eu sentia um zumbido ensurdecedor nos ouvidos e uma névoa muito tênue bailava-me diante dos olhos ardentes. O sangue continuava a escorrer-me pela perna e pelo braço, parecendo que não parariam enquanto eu não estivesse morto. Compreendi que tinha que procurar um lugar para descansar um pouco, tentar fazer parar o sangue que escorria das duas feridas. Relanceei o olhar pela rua silenciosa. No fundo, havia um edifício em construção, feio e lúgubre, erguendo os seus andaimes descarnados que se recortavam melancòlicamente na noite chuvosa. Mordi os lábios e empurrei o corpo naquela direção. O "plach- plach- plach" dos meus sapatos molhados no calçamento soavam como marteladas numa bigorna gigantesca. Tive a impressão de que de repente havia de despertar todo mundo e que mil dedos acusadores e mil canos de revólveres estariam apontados para mim. Corri na direção do edifício. Parei um instante, arrastando-me pelas paredes. No pavimento inferior, protegido por um tabique de madeira, o vigia dormia profundamente. A cama do velhote quase tomava todo o primeiro lance da escada. Muito bonito, pensei eu. Seria pràticamente impossível galgar os degraus da escada sem tropeçar na cama do vigia. Uma dor mais violenta que quase me faz dar um berro tremendo, decidiu-me. Tinha de tentar, custasse o que custasse. Com a mão esquerda, procurei alcançar o canivete que se encontrava no meu bolso direito. Sem querer, toquei no braço direito. Quase desfaleci de dor. Alcancei o canivete que se abriu na minha mão. O meu resfolegar violento, entrecortado, poderia ter acordado centenas de vigias. Mas o velhote continuava ronronando plàcidamente como se estivesse vivendo no mais puro dos mundos. Caminhei, passo a passo, para a escada. Como o meu passo era indeciso e cambaleante, esbarrei na cama. O homem gemeu e por um instante pensei que êle ia acordar. Crispei a mão em tôrno do canivete e cheguei-o até o pescôço do homem adormecido. Se acordasse, não teria tempo para fazer nem "ah!"... Mas o vigia não despertou. Voltou-se para o outro lado e continuou seu sono a resmungar palavras ininteligíveis. Alcancei o primeiro degrau, venci o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto lance da escada. Estava no penúltimo andar, já parcialmente concluido. Escuro como breu. Vislumbrei uma fenda na parede e me meti por ela. Um cheiro de cal e tinta infestava tudo. Parei um instante, acostumando-me à escuridão. Senti as fôrças me abandonarem. e tudo escureceu de repente.

Não sei quanto tempo fiquei desacordado. Mas aquêle sono de... consulto o relógio: 4.37 hs. Nada menos de três horas e alguns minutos. Não ouço mais o tamborilar da chuva no teto. Deve ter passado. Súbito, volto a mim, à minha situação presente, à perseguição, tudo... A minha perna e o braço direito estão paralizados. Quando despertei, tentei mover-me do lugar e não o consegui. Agora, faço nova tentativa. Os meus olhos, acostumados à escuridão do local, me informam que estou numa sala relativamente espaçosa do andar... Quinto ou sexto? Recordo mentalmente e verifico que é o quinto. Três portas convergem para cá. Uma à direita, outra à esquerda e uma terceira bem em frente. Devo ter entrado pela da frente. Verifico isto quando vejo o risco de pingos de sangue que deixei à minha passagem... Isto põe me um calafrio no corpo. Então?... Mas, recordo, chovia quando para aqui vim. A pista de sangue, portanto, deve ter sido lavada pelas águas da chuva. Em todo caso, não demorará muito que êles descubram que eu estou aqui e, então... Esta súbita idéia me deixa meio desalentado. Não me sinto com fôrças nem coragem para continuar a me arrastar pelas ruas, para tentar chegar à minha casa, coisa, aliás, que jamais haveria de acontecer, pois no estado em que me encontro não poderia atingir nem o centro da cidade, muito menos o subúrbio distante em que moro... ou morava até esta noite.

Estas recordações me fazem estremecer ao lembrar o início de tôda esta história que está terminando para mim de maneira tão desastrada e infeliz.

A muito custo, arrasto o corpo para um canto e me coloco por trás de duas grandes barricas de cal e latas de tinta que aqui há. Descanso o corpo contra a parede e vasculho os bolsos em busca do revólver. A calça, na parte da côxa ferida, colou-se à perna, estancando o sangue. O mesmo aconteçeu ao meu ombro. Sinto uma tortura incontrolável e mil grilos estão cantando nos meus ouvidos. Nestà semisonolência, consigo, entretanto, examinar a carga do revólver, que está intacta, e depor a arma sôbre a minha perna sã, pronto para o que puder acontecer quando...

Novamente, como um filme, as recordações vêm ao meu pensamento. E lembro como tudo isto aconteceu, contendo a cólera.

★

A 13 de julho de 1949, deixei a Marinha. Aquilo que me levara até a vida do mar, fizera igbalmente com que eu a abandonasse. Estava farto de ver as mesmas coisas, executar as mesmas tarefas, conversar sôbre os mesmos assuntos e com as mesmas pessoas. Joguei o meu saco de viagem às costas e vim descendo a rua, à procura de um lugar onde tomar um banho, fumar um cigarro deitado numa cama e resolver a minha situação. Não demorou muito quando vi uma espelunca que me pareceu feita sob medida para um camarada que não gosta de viver em lugares muito familiares. Meia hora depois estava deitado numa velha cama, nu, fumando um cigarro e pensando nos meus problemas. Abandonara a Marinha com algum dinheiro, não muito, mas o suficiente para ficar zanzando por aí até arranjar qualquer coisa que me conviesse. Quando escreveu, naquela mesma data de 13 de julho de 1949, vesti o fato azul, apanhei uma condução e fui até o centro da cidade. Perambulei um pouco pelas ruas iluminadas fartamente, entrei num cinema, saí no meio e, no fim da noite, não sei como fui dar com os costados num boteco mal iluminado de uma rua transversal. Pedí uma cerveja. Um braço estendeu-se diante dos meus olhos e depôs sôbre a mesa uma cerveja e um copo. Olhei para a cara do dono. E reconheci Júlio, antigo conhecido meu, dos tempos de infância.

— Olá, marinheiro — fêz êle.

Júlio, contou-me depois, estava casado e tinha três filhos. Morava num subúrbio distante, mas não achava a vida uma coisa feia demais para a gente olhar de frente. Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo. Júlio sempre fôra o mais indomável de todo o nosso grupo de garôtos de bairro. E agora estava alí a me falar de uma vida pacata de pai de família, a trabalhar doze horas por dia, como garção de um boteco de terceira classe, para sustentar a família.

Tudo isto me pareceu absurdo naquele instante. Mas eu nem ao menos suspeitava o que me reservava o diabo, ou o destino, como diria Júlio.

Às quatro da madrugada, saimos os dois. Aquela hora, o bar fechava, depois de servir à uma heterogênea multidão de boêmios e mulheres de tôda espécie que se encontravam no fim da noite para comer algo e sair em pares.

— Júlio, que diabo! Como você aguenta esta coisa?

O meu companheiro fitou-me demoradamente e não posso dizer que êle zombava de mim nem que se envergonhava por dizer o que disse:

— Não é tão mal, assim, César.

— Mas... que diabo!

— Há boa féria, diàriamente. E o trabalho, apesar de chato, não é dos piôres.

Conto de PÉRICLES LEAL ★ Ilustração de ORVAL

E contou-me que fazia um média diária bem apreciável com o número das gorgêtas, especialmente daquela parte de freguêses das três horas da madrugada que nunca se importava com o preço cobrado e não fazia questão de dez a vinte cruzeiros a mais ou a menos. Assim, Júlio revelou que já tinha as suas economias e um dia esperava trabalhar por conta própria.

Estavamos no ponto do ônibus de Júlio. Êle me deteve pelo braço.

— Cesar — disse. Você precisa tomar geito de gente. Se você quiser... Eu sei que você vai me mandar para o inferno, mas... se você quiser... dentro de um mês eu me aposento, vou me meter num negócio por conta própria, e podia...

Compreendi o que êle queria dizer. Queria que eu aceitasse o seu lugar no boteco. Como êle previa, mandei-o para o inferno. O ônibus vinha chegando. Despedimonos. E não tornei a encontrá-lo até um mês depois.

Aqui é bom que eu diga que vagueêi o mês inteiro pela cidade sem conseguir nada que me servisse. E, depois, nem que me servisse, nem que me desagradasse. Estava, pois, reduzido a níqueis, quanto tornei ao boteco onde Júlio trabalhava. Ao me ver chegar, pediu uma cerveja e um copo e depô-los sôbre a minha mesa.

Mas eu estou sem dinheiro... — objetei.

— Fica por minha conta.

Deixei cair no fundo do estômago os primeiros goles da bebida geleda e senti uma fome intensa. Não havia comido naquele dia. Mas não sentia coragem para revelar isto a Júlio. Nisto, meu amigo retornou, depois de atender a um freguês que o chamara em altos berros.

— Então? Arranjou serviço?

— Bah! — fiz eu como única resposta.

— Amanhã é o meu último dia aqui — disse êle, intencional.

Dizem que marinheiro quando sai do barco não sabe se portar como gente e mete os pés pelas mãos. Devo admitir que isto em parte tem algo de certo. Se eu não tivesse abandonado o barco, a estas horas estaria livre de tudo que me aconteceu. Mas não pensei nisto naquele instante. Um quarto de hora, o patrão — um sujeito calvo e de voz macia, chamado Saturno — estava sentado à minha mesa e contara-me para substituir Júlio. Não fui muito com a cara do patrão. Mas o desdobrar das coisas mostrou que eu não tinha razão. E que Saturno tão pouco tinha razão de confiar em mim quando me disse que empregado para êle era como um companheiro.

Para encurtar a história, direi que trabalhei honesta e estùpidamente durante um ano inteiro no bar do Saturno. Durante êste tempo, conheci Laura, minha mulher, e fiz outra coisa da qual não me julgaria capaz há três anos atrás. Casei-me. Casei-me e fui morar no subúrbio.

Foi quando começou tudo isto que agora já está perto do fim. A vida no bar cada dia para mim se tornava mais intolerável. Eu odiava tôdas aquelas caras imbecis que diàriamente vinham alí, beber e comer, dizendo as mesmas asneiras e cantando as mesmas canções desafinadas de fim de noite. Irritava-me a tal ponto que um dia Saturno chegou para mim e disse que ia arranjar outro lugar para eu trabalhar. Não disse nada, em resposta. Mas, no dia seguinte, sendo Saturno derrubado por um resfriado fortíssimo, e tendo eu ficado sòzinho na casa, quando conferi o caixa, no fim do dia de trabalho, não resisti à tentação e apanhei todo o dinheiro que lá havia. Não voltei ao bar nunca mais.

O que me pareceu inexplicável e absurdo a princípio, foi o fato de que Saturno jamais deu parte à polícia daquele roubo que lhe deve ter custado muito.

Assim comecei uma nova vida. Laura, pequenina e frágil, viu-me chegar àquela noite em casa com os maços de dinheiro e contá-los frenèticamente sôbre a mesa da cozinha. Não disse nada. Quando fui me deitar, ela dormia, ou fingia já ter adormecido.

No dia seguinte (o destino da gente parece obedecer a uma linha adredemente traçada), desci para a cidade e encontrei Júlio numa rua principal. Falamos sôbre coisas várias, mas êle não me perguntou nada sôbre o meu emprêgo no bar do Saturno. Supús, assim, que êle já sabia de tudo. E, de fato, êle me falou, quando caminhavamos pela rua:

— O Saturno não deu parte à polícia, César.

— Dar parte de que? — tentei mostrar-me inocente.

— Não seja infantil. Mas é que êle tem culpa no cartório... Achou melhor ficar de bico calado.

E como Júlio havia me arranjado o emprêgo no bar, falou-me da oportunidade de empregar capital numa emprêsa que se esperava montar brevemente, dentro de mais um ou dois meses. Tratava-se de um negócio de refrigerantes que, como eu sabia, dava um dinheirão. Quem estava metido no negócio era gente que entendia do riscado. Êle ia entrar com tôdas as suas economias. Negócio da China. Terminou por convencer-me. E assim, no



dia seguinte, entreguei-lhe cinqüenta mil cruzeiros (o fruto do roubo, mais as minhas economias), minha parte como sócio no negócio.

Maldita hora em que deixei o barco. Foi a última vez que vi Júlio em tôda a minha vida. Quatro dias depois, vi no jornal o seu retrato com uma notícia que quase me deixa louco... Júlio suicidara-se! E vinham os detalhes. Honesto pequeno negociante metera-se com um grupo de vigaristas, julgando tratar-se de ricos industriais que esperavam montar uma fábrica de refrigerantes. Invertera tôda suas economias, mais o preço da hipoteca do seu negócio e o dinheiro de um amigo (o amigo era eu). Descobrindo a falcatrua em que fôra envolvido, metera uma bala na cabeça.

★

Foi assim que, um mês depois, com a barriga roncando e Laura doente, estirada numa cama, tossindo e torcendo-se de dor, que fiz o meu primeiro assalto. Hoje rio do risco estúpido que corri para isto... Mas não posso esquecer que foi a coisa mais dolorosa de minha vida. O homem gordo vinha descendo pela rua. Era tarde da noite e eu apertava o canivete no bôlso fundo quando avancei para êle.

(*Continua no próximo número*)

CARNAVAL



PRINCESA EGÍPCIA — DALILA — BAILARINA ORIENTAL — ODALISCA



EGÍPCIA — MENDIGO — ORIENTAL

PERSA

RAMON oferece às nossas leitoras mais oito graciosos modelos de fantasias para o Carnaval que está por pouco. Há para todos os gostos: Mendigo Estilisado, Oriental, Persa, Egípcia, Princesa Egípcia, Bailarina Oriental, Odalisca e Dalila, cada qual mais interessante e arejado para os bailes de noites quentes e os três dias de Folia. As tonalidades podem ser essas que se vêem nas gravuras ou as que melhor preferir a leitora. Veja, no próximo número, uma terceira série de fantasias de Ramon. Se estas não lhe agradam, espere mais uma semana...

AMOR À PRIMEIRA VISTA

Penny salva uma criança e encontra novo caminho

Eu me chamo Penny Thurston e vim para Manhattan para ser bailarina teatral. Mas tive que ser garçonete em restaurante modesto. Um homem vinha ali tôdas as noites. E uma vez...



Mas êle era muito belo, embora não lhe desse atenção. Trabalhei no restaurante vários dias, e não me pagaram. Eu estava desesperada

Aqui tem o meu cartão. Se ... resolver melhorar, procure-me.

Pus o cartão no bôlso sem mesmo olhá-lo. Ao deixar o trabalho naquela noite...

E meu salário? O senhor prometeu-me uma gratificação!

Dê o fora!











Quando os pais de David souberam que eu não tinha onde morar, ofereceram hospedagem num dos quartos da criadagem e, no dia seguinte, o emprêgo de ama de David. O trabalho era leve e eu estava feliz, até que li um jornal da manhã!



...O PEDRO

(Cont. da pág. 26)

... no sul paranaense, atrela- ...seis animais. Afonso Pedro ...a boléia quando se aper- ...im. Precipitou-se então para ...rio. Alcancei-o a tempo, jo- ...terra; o terror sumira, só a ...ávida permanecia, crescen-

...-o, colocando-lhe o ventre ...joelhos. Então minhas com- ...as fizeram seu mister. Com ...mãos cravei-as no rosto de ...iro, na ânsia de arrancar ...eu julgava ser máscara e ...averso a bebidas alcoóli- ...riria antes de mim. ...niçou um gemido; mas já ...nas estavam de volta. O ...eu pelo rosto e gotejou-me ... Estarreci, como se a meus ...ecipício se abrisse de re- ...lo não era máscara, mas o ..., um rosto disforme, mons- ...sgando, minando sangue. ... dizer-lhe qualquer coisa. ...ma fluía-me das entranhas, ...a de chumbo. Quando re- ...mínio sôbre a voz e o cor- ... pedir-lhe perdão e ofertar- ...rtuna. Para que êle tentas- ...ração plástica, de que já ...colhido bons resultados. A ...hara a estrada e ia longe. ...ã tornei ao local. Manchas ...alpicavam o chão, e acom- ...as marcas das rodas até ...ia.

....

...nho a esta mesa, nas noi- ...aval. As máscaras caem ... cada ano que passa.

As máscaras são iguais entre si e a alegria reinante é comum. Inùtilmente meus olhos buscam um folião frenético, desesperado, ejaculando pelos poros tôda a vitalidade abafada em longa solidão.

E, como de outras vêzes, lentamente se fecham, fatigados.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

— Barry?

Mary tinha a respiração perturbada.

— Claro. Pensa você que êle ficará para sempre com você?

— Penso, sim. — respondeu com teimosia — Para onde poderá ir êle?

— Não importa para onde vá, contanto que seja para um lugar bem longe de Leila. E' preciso que êle não case com essa moça. Nem agora, nem antes de provar que já é verdadeiramente um homem. Êle precisa dar uma demonstração disso.

O golpe a feriu duramente. Mas o seu sentimento de justiça lhe diz que Gordon estava com a razão.

— Eu não posso falar dêste assunto; — diz ela com voz tímida — Barry é tudo o que me resta.

Gordon se levanta.

— Pobre Mary. E' preciso ver como é que vamos acertar isto; mas, seja como fôr, é preciso tomar uma decisão.

Logo que ficou sòzinha Mary sentou-se em seu pequeno bureau e começou a sonhar acordada. Pensava no futuro. Com Roger ausente, com a idéia da ida de Barry e o apartamento da Tôrre vazio, que solidão! Mary se aflige. Diante dela, via a mais melancólica tristeza e as longas tempestades do inverno. Mesmo a presença de Constance não podia remediar sua triste situação em perspectiva. E Mary se lembrava que, há um ano passado, Constance parecia constituir tudo para sua vida!

A jovem atravessa o hall e entra na sala de jantar. Aproxima-se da janela e olha para o jardim morto. A fonte está muda; mas o pequenino garôto de bronze continua a lançar seu atrevido desafio ao vento. Pittiwitz, que a seguiu, miava docemente como se estivesse a gemer. Mary a tomou nos braços. Desde a partida de Roger a gatinha parecia sentir a desolação do vazio apartamento da Tôrre.

Apertando contra si o animalzinho ronronante, Mary passa em revista suas preocupações. O mundo estava conturbado! Mesmo Porter se tornara impossível. Êle vivia a reclamar sua presença a todo momento, em tôdas as estações do ano; Mary tinha a sensação de estar cativa em uma tela, coberta de bondade, de atenções e de ternos cuidados; mas não era pròpriamente uma tela que a prendia estreitamente, mau grado seu.

Parecia-lhe, estranhamente, que os quatro homens que representavam um papel em sua vida, se colocavam, dois a dois, uns diante dos outros. Gordon e Porter se situavam no ponto preferível, segundo a lógica; Barry e Porter, no ângulo de ilogismos simpáticos.

Gordon a havia feito compreender, de maneira bastante sutil, sua desaprovação acêrca de Roger. E o fazia por meio de expressões ocasionais tais como: «Pobre Poole!» Ou então: «Conhecia-se tudo dessa história...» Mas Mary havia percebido, que, do ponto de vista do seu cunhado, um homem que fracassara no período de sua adolescência pela quebra de seu dever, devia ser desprezado pelo meio social.

Quanto a Barry, a situação a seu respeito se tornara sobremaneira crítica. Seu primeiro desaparecimento depois da vinda de Constance, tinha tido, por conseqüência a resolução de Gordon de assumir a responsabilidade de seu encontro. Êle havia achado Barry em uma pequenina cidade do Potomac, ostensivamente entregue à pesca. E de novo se travou a batalha contra os dragões, na pitoresca alegoria que lhe contara Rooger Poole, quando da pri... meira fugida de Barry.

Gordon não lutava, porém, com ... mesmas armas de Roger. Seus ar... mentos, sagacidade, tinham sido ... dentes e pouco simpáticos. Relaçõ... tensas se haviam estabelecido, porta... to, entre os dois cunhados. O ra... se sentira incompreendido, e Gord... permanecera no seu ponto de vi... Constance, em lágrimas, havia da... razão a Gordon, e Mary, colocada e... tre o muito que lhe merecia o mari... de sua irmã, e o desejo que tinha ... ficar ao lado de Barry, ficara com ... nervos em pandarecos, quase a ro... per-se.

(Continua no próximo númer...)

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

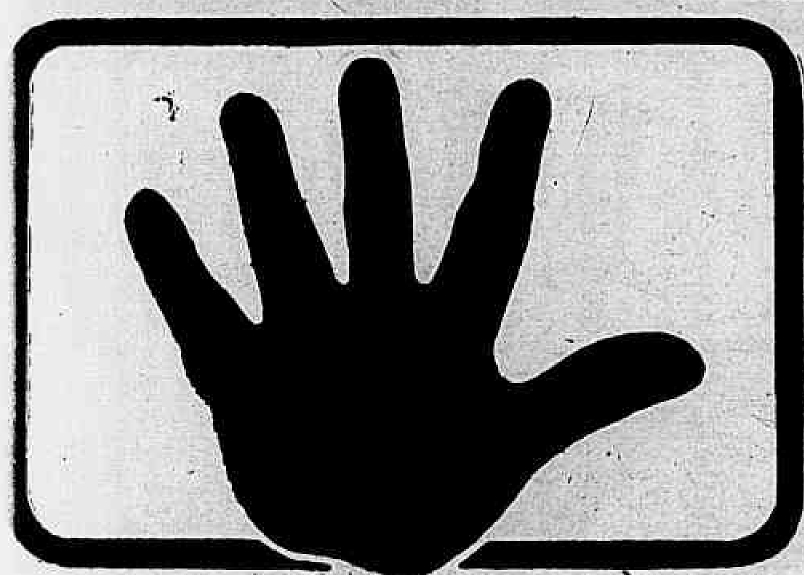
NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ ...



PARE!

...A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

...PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

...CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES

DO COURO CABELUDO

MILHARES DE PESSOAS TRABALHAM!

(Cont. da pág. ...)

Os ônibus vão repletos, os bondes redondos de gente e os lotações, apostan... corrida, fazem o máximo para bater o recorde de viagens.

Cerram-se as portas dos bancos, das repartições, dos escritórios e das lo... O centro comercial se despovoa. Nos bairros operários há apenas a mudan... de turmas e os motores continuam a devorar kilowatts, os teares a tecer, os t... nos a fazer peças, os fornos a fundir.

Os que abandonaram a labuta às 18 horas procuram a calma do lar ou regre... sam ao centro, para dançar ou ir ao cinema. A cidade vibra, pouco a pouco, ... cançando seu climax por volta das 22 horas.

Já então começam a chegar ao mercado os verdureiros, os peixeiros, as f... ristas e os fruteiros, dando início aos serviços que garantirão o abastecimen... da população, por mais um dia.

Na Central de Polícia, na Rádio Patrulha, na Guarda Noturna, no Pronto S... corro, nos hospitais, nos pontos de taxi e nas linhas de ônibus nada muda. ... apenas mais um período de serviço, preenchido por um homem que trabalha o... horas, desconhecendo a existência do dia ou da noite.

MOVIMENTO

Por volta da meia-noite, os leiteiros já estão nos laticínios, lotando seus ca... nhões e os padeiros dando início a outra fornada de pão, que será consum... no dia seguinte.

No centro, muitos se divertem. Porém você encontrará nos bares, nos cinem... nos restaurantes e nas «boites» os mesmos garçons, os mesmos músicos, os m... mos bilheteiros de ontem, trabalhando para que o povo se divirta, o que, al... é uma recompensa lógica pelo trabalho.

E' uma vida nova a dêsses trabalhadores. Pior, talvez, do que a diurna, m... digna e honesta. A polícia cumpre a missão de zelar pela segurança do cida... e, volta e meia, as rádio-patrulhas são chamadas para a prestação de servi... nos mais diferentes locais. Zunem as sereias, cortando as ruas e avenidas. T... poderá ser um crime, como um simples ébrio a dar trabalho aos que descan... em casa. A presença da lei tanto poderá constatar a existência de um lad... no fôrro de uma casa, como a de um gato manhoso. Porém não lhe cumpre ent... no mérito da questão e ela sempre está presente, onde quer que a chamem.

(Cont. na pág. ...)

A originalida[illegible]
te modêlo está [illegible]
corpo termina[illegible]
em duas pontas, [illegible]
uma parte em bu-
co aparecendo. [illegible]
godê com bastan[illegible]
roda.



TAFETÁ

TECIDO que nunca sai de moda, bem aproveitado em tôdas as estações, mais uma vez comparece empregado numa coleção de vestidos encantadores. Aqui estão três modelos que submetemos à apreciação da leitora.



Modêlo sóbrio em prêto, com saia ampla, mangas três quartos e gola subida.



Combinação justa sem alças, em tecido escuro, usada com vestido aberto. Abotoa apenas na cintura e tem a saia godê franzida.


Modelo em renda preta com grande decote em V, usado com sombra de tafetá claro.

SILHUETAS ELEGANTES



Vestido sem alça, com saia ampla, em cetim lavrado. O corpo tem recorte em cetim liso que forma a faixa.



Dois bonitos figurinos tendo por principal adôrno os corpos bordados a pedras e fios de ouro.



«Tailleur» com casaco bem cintado e largas mangas. Saia godé. Gola e botões do mesmo pano.

FORA DA



Roberto, filho de Ingrid Bergman e Rosselini, completou do is anos de idade ontem, dia 2. Pela primeira vez o garôto viu sua mãezinha trabalhar, ficando muito impressionado com a s luzes dos refletcres. Roberto fala um pouco de italiano, um pouco de francês e não sabe que tem uma irmã de nome Pia, filha de Ingrid com seu ex-marido Peter Lindstrom.

O filho de uma «estrêla» cinematográfica maior número de vêzes fotografado antes de completar dois anos de idade, é sem dúvida Roberto, do casal Ingrid-Bergman-Roberto Rosselini. Repórteres fotográficos dos Estados Unidos não se cansam de bater novas poses do garôto que nasceu na Itália, mas está aprendendo a falar simultaneamente italiano e francês. Neste momento Robertinho é alvo das atenções gerais porque Ingrid Bergman está divorcinda do primeiro marido, Peter Lindstrom, de quem tem uma filha de nome Pia. Por decisão dos tribunais de Los Angeles, Pia ficou em companhia do pai, e desde agôsto último mãe e filha não se encontram. Mas a «estrêla» mantém com ela uma correspondência assídua, de resto com a boa vontade de mr. Peter. Algum dia, mais tarde, o jovem Robertinho saberá que não é filho único, ao menos pelo lado materno, pois tem uma irmãzinha nos Estados Unidos...

Sempre que Ingrid Bergman é perguntada se o filho seguirá a carreira cinematográfica, responde pela mais formal negativa. Quase sempre os artistas falam assim, e quase sempre os filhos limitam-se a continuar a trilha paterna ou materna... No entanto, Pia, que está ficando mocinha, não pensa em cinema. E o pai, o sisudo dr. Peter Lindstrom, trata de lhe dar uma educação inteiramente alheia às cogitações artísticas. O maior sonho de Ingrid Bergman seria viver em companhia de ambos os filhos



Valentina Cortese, seu marido o ator Richard Basehart e o filho do casal, John, no dia em que completava seis semanas de idade. Não se pode dizer que o pimpôlho seja a cara da mãe nem do pai...



Em Paris, a primeira pose de Micheline Presle depois de ter nascido seu filhinho Tony. O pai do garôto é o ator norte-americano Bill Marshall. Será, quem sabe, um futuro astro cinematográfico!

TELA



O primeiro beijo que o filhinho de Ingrid Bergman recebeu de uma senhorita. Para começo de conversa, nada mau! A garôta, filha de um produtor italiano, conta três anos.



Agora outro beijo, êste de papai Rosselini. A "estrêla" sente-se orgulhosa porque Robertinho é muito parecido com ela. Enquanto filma, Ingrid quer ter o filho bem perto.



Outra pose do filho de Ingrid Bergman, que dizem ser uma criança muito tímida, estranhando tôda gente. Só dentro de casa se mostra alegre e vivaz. O mesmo acontece com a atriz sueca.



O PAPEL DA SANTA CASA NA EDUCAÇÃO DAS MENINAS DESVALIDAS



FUNDADO, HÁ DOIS SÉCULOS, O RECOLHIMENTO DAS ORFÃS



NO ja
ministra
selitismo
cê-los é
blicações
sempre,
cançam
Acontece
passarem
ignoram
mansões
o Recolh
a longa
dois séc
sição in
centros
valida e
Instituiç

Diz co
um dos
gulamen
dos Inst
ninas po
a socied
suas vir
para tão
ter, adq
cação qu
ção ade
mas tan
conduta
e de se
ticar os
e condi

Tão j
recem s
nham se
não têm
tes cum
homenag
lhimento
mente,
seguidor
ram, no
cada vez

DU

O R
1740 pel
tos e M
quais d
de cinq
mônio p
ra de u
objetivo

A 15
se a ob
escolhid
Nossa S
ra da S

Dois
junto a
sando o
guida p
São Cr
estabele
no, ond

De 17
de cen
sua fu
por in
quanto
de asila
obras d
lhorame
tação o
dos à e
alunas

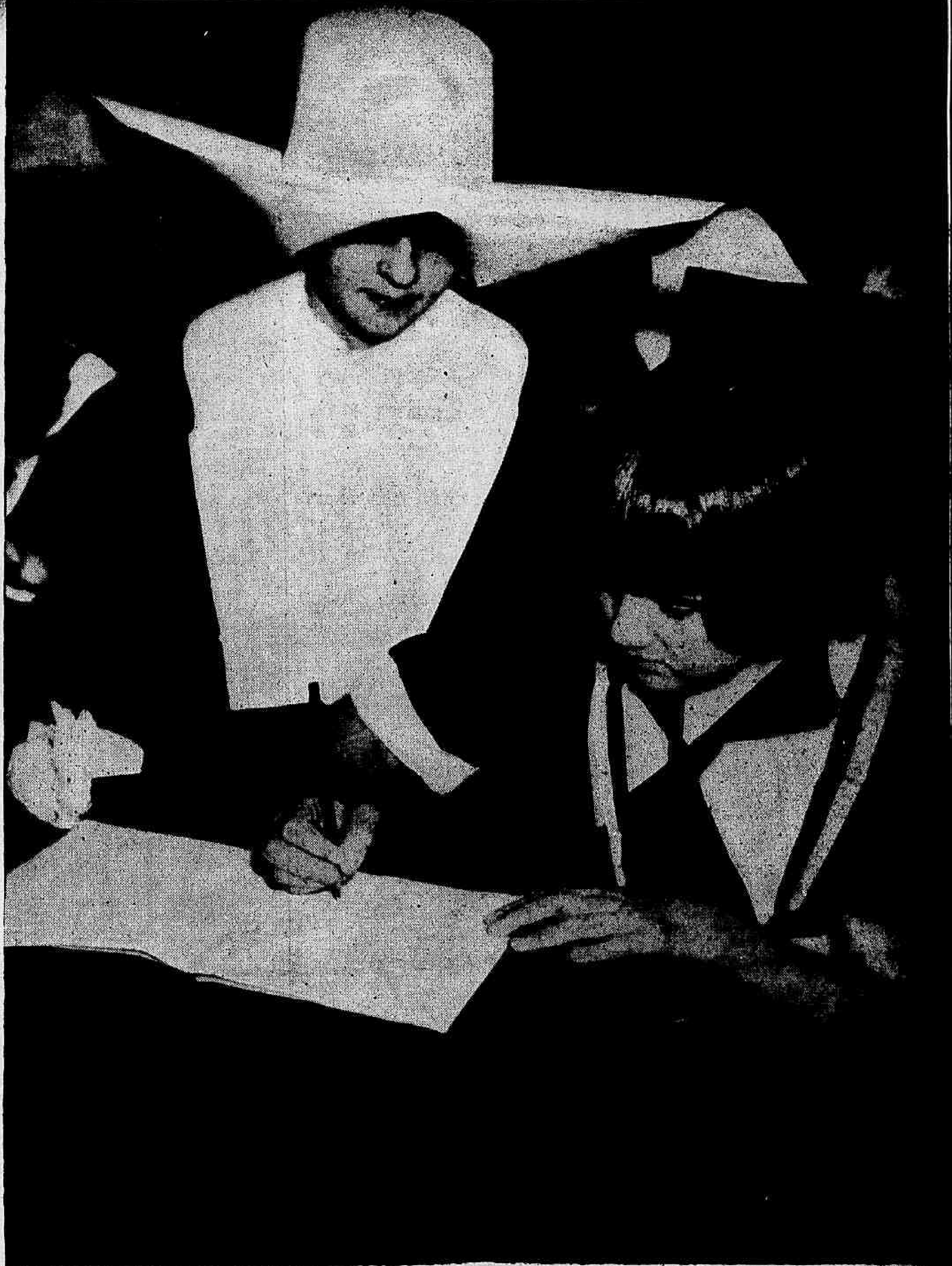
Em 1
perial
referen
perador
Viscond
ro José
vedor d
paro à
cebeu,

Desde
do Rec
nhoras
e cultu
ladas
suas co

No culto heróico do anonimato, jamais entendeu a superior Administração da Santa Casa fazer proselitismo de seus serviços. Para conhecê-los é mister recolher, nas suas publicações oficiais, elementos que, nem sempre, conforme fôra de esperar, alcançam a amplitude que merecem. Acontece assim que os displicentes, ao passarem pela rua General Severiano, ignoram que, numa das mais velhas mansões dêsse logradouro se localiza o Recolhimento de Santa Teresa, com a longa trajetória que já ultrapassa dois séculos. Ali se cristaliza, em posição ímpar, um dos mais notáveis centros de assistência à infância desvalida em que se esmera a gloriosa Instituição.

Diz com suficiência de sua finalidade, um dos mais ponderados artigos do Regulamento da Casa: — «Sendo o fim dos Instituidores, não só amparar meninas pobres, mas também criar para a sociedade, mulheres estimáveis por suas virtudes domésticas, cumpre que, para tão importante fim se possa obter, adquiram as recolhidas, na educação que se lhes der, não só a instrução adequada às suas circunstâncias, mas também o hábito de guiarem sua conduta pelas máximas da moral cristã e de se ocuparem em aprender e praticar os trabalhos próprios a seu sexo e condição.»

Tão judiciosos conselhos, que merecem ser lembrados para que os tenham sempre em mente as educandas, não têm sido por elas postergados, antes cumpridos como a melhor de suas homenagens aos benfeitores do Recolhimento de que a Santa Casa, finalmente, é modesta mandatária e fiel seguidora dos desejos que manifestaram, no sentido de elevar, sempre e cada vez mais, o renome da Irmandade.



DUAS VÊZES SECULAR O EDUCANDARIO

O Recolhimento foi fundado em 1740 pelos capitães Francisco dos Santos e Marçal de Magalhães Lima, os quais doaram à Santa Casa a quantia de cinqüenta mil cruzados como patrimônio para o fim exclusivo da abertura de um pio estabelecimento, com o objetivo de amparar órfãs e indigentes.

A 15 de setembro de 1740 inaugurou-se a obra com cinco órfãs, tendo sido escolhida essa data em homenagem à Nossa Senhora do Bonsucesso, padroeira da Santa Casa da Misericórdia.

Dois anos funcionou o Recolhimento junto ao Hospital da Santa Casa, passando depois para Laranjeiras, em seguida para Botafogo, mais tarde para São Cristóvão e, finalmente, em 1866 estabeleceu-se na rua General Severiano, onde até hoje se encontra.

De 1740 a 1852, isto é, num período de cento e doze anos, em seguida à sua fundação, passou o Recolhimento por inúmeras modificações, não só quanto à ampliação de sua capacidade de asilamento como também quanto a obras de aperfeiçoamento interno e melhoramentos externos e ainda a adaptação de métodos educativos adequados à evolução do tempo, recebendo as alunas uma educação aprimorada.

Em 1852 em virtude do Decreto Imperial número novecentos e trinta e um, referendado por Sua Majestade o Imperador D. Pedro II e pelos estadistas Visconde de Monte Alegre e Conselheiro José Clemente Pereira, então Provedor da Santa Casa, foi criado o «Amparo às meninas desvalidas», que recebeu, desde logo, oitenta delas.

Desde seu início até 1854 a direção do Recolhimento foi exercida por senhoras leigas, de conhecida probidade e cultura, as quais ministravam às asiladas os conhecimentos naturais às suas condições sociais.

A função de Diretora era exercida por uma regente, seguindo-se-lhe em ordem jerárquica, uma vice-regente, duas porteiras, diversas mestras e um agente externo.

O pessoal empregado e subvencionado dos tempos de 1852 era em número de trinta e cinco, sendo quatorze Irmãs de Caridade, ajudantes, serventes, lavadeiras, jardineiros, etc.

OS GRANDES BENFEITORES

Depois de 1854 deixou de existir a direção leiga, passando o Recolhimento a ser dirigido e administrado por Irmãs de São Vicente de Paulo.

Na época do Decreto Imperial já referido os maiores sustentáculos dessa gigantesca emprêsa foram a virtuosa D. Luísa Rosa Avondano Pereira que legou bens cujo rendimento anual muito contribui para o desenvolvimento do educandário e o Provedor José Clemente Pereira que deixou para o mesmo fim a vintena a que tinha direito, no inventário da referida senhora.

Do Imperador D. Pedro II e sua Augusta espôsa, a Imperatriz D. Maria Cristina vieram auxílios muito generosos. De passagem devemos dizer que o Recolhimento era freqüentemente visitado pelos pranteados soberanos, destacando-se, de modo especial, a visita feita pela Imperatriz a 29 de outubro de 1889 quando internou no Recolhimento uma órfã sua protegida.

Contribuíram ainda para o aumento do patrimônio o Conde de Figueiredo, o Conselheiro Zacarias de Góis, Joaquim Babo Pinto, êsse em cumprimento da promessa feita quando ameaçado de naufrágio na baía de Guanabara, o Conselheiro Manuel de Oliveira Fausto, o Conde de Mesquita, que aumentou o patrimônio em 80 apólices de 1.000,00, o Comendador J. Constance de Villeneuve, instituidor do dote Isabel, anualmente distribuído a uma órfã de 12 anos à escolha da Administração.

A direção administrativa do Estabelecimento está a cargo do Escrivão Dr. Francisco Pedro Carneiro da Cunha, do Tesoureiro, Manuel Ventura da Fonseca e Silva, do Procurador Dr. José de Nascimento Brito que emulam no desenvolvimento do educandário, talvez a suprema jóia da Misericórdia.

Não será jamais possível esquecer a abnegação das Filhas de São Vicente de Paulo, às quais se confia a instrução de 250 meninas recolhidas na venerável mansão.

As fotos que ilustram estas páginas foram colhidas pela nossa reportagem durante as aulas dos diversos cursos mantidos pelo Recolhimento de Santa Teresa.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA IRACEMA:

— Lábios de mel?
— Uma palmeira cearense?
— O nome de uma ave?

2 — QUE NOME TEVE A PRIMEIRA POVOAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ:

— Fortaleza?
— Nova Lisboa?
— Jaguaribe?

3 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA JAGUARIBE:

— Rio sêco?
— Rio de muitas onças?
— Águas de peixe?

4 — QUE QUER DIZER GUARACIABA:

— Homem-demônio?
— Comedor de guaraná?
— Cabelos côr do sol?

5 — QUAL A CAPITAL BRASILEIRA QUE É BANHADA PELO RIO POTENGI:

— O Recife?
— João Pessoa?
— Natal?

6 — QUE QUER DIZER PIRAPORA:

— Salto do peixe?
— Fogo forte?
— Rio das pedras?

7 — O NOME DO TERRÍVEL INSETO CUPIM, É:

— Indígena?
— Francês?
— Chinês?

8 — QUAL A MAIS VOLUMOSA GLÂNDULA DO CORPO HUMANO:

— O baço?
— O fígado?
— O pâncreas?

9 — QUAL O NÚMERO QUE É A RAIZ QUADRADA DE SI MESMO:

— Dez?
— Três?
— Um?

10 — QUANDO SE MISTURA O MERCÚRIO COM OUTROS METAIS, QUE NOME TEM ESSA LIGA:

— Amálgama?
— Simbiose?
— Sindroma?

11 — SEGUNDO A MITOLOGIA, QUAL FOI A DEUSA QUE NASCEU DA CABEÇA DO SEU PRÓPRIO PAI:

— Vênus?
— Diana?
— Minerva?

12 — QUAL A TRADUÇÃO DAS PALAVRAS SEPULCRAIS «REQUIESCAT IN PACE»:

— Saudade dos que ficam?
— Descansa em paz?
— Volta ao seio da Terra?

13 — QUAL A FLOR NACIONAL DO JAPÃO:

— O crisântemo?
— O cravo branco?
— A dália?

14 — PARA QUE SERVEM AS GUELRAS DOS PEIXES:

— Para a circulação do sangue?
— Para regular a natação?
— Para respirar?

15 — PORQUE FICOU CÉLEBRE OLIVER EVANS:

— Por ter inventado a máquina de coser?
— Por ter inventado o primeiro carro motor?
— Por ter sido grande guerreiro?

(Respostas na pág. 54)

MILHARES DE PESSOAS TRABALHAM!

(Cont. da pág. 39)

Rondando os intermináveis quarteirões da cidade, a pé e solitários, seguem, passo a passo, meditando sôbre as agruras da vida, os guardas noturnos. Vão de porta em porta, de cadeado em cadeado, olhando, lançando o foco de suas lanternas de pilha por entre os becos escuros, esmiuçando o mistério que poderá dormir em qualquer ponto da megalópolis bandeirante.

NA CINELÂNDIA

Na cinelândia, mais de 15 «boites», dezenas de bares, cabarés, restaurantes, livrarias e lojas de discos, espalham ruídos e música. Vendedores ambulantes, aproveitando-se da benevolência da fiscalização, vendem pêssegos de Itaquera, uvas de Jundiaí ou melancias vermelhinhas.

De quando em vez, um corpulento guarda de Diversões Públicas põe um bêbebo para fora de um dos recintos de dança ou um veículo desgovernado amarrota-se contra um poste.

Assim é até às 4 horas da manhã. No mercado, os gritos dos peixeiros e a apregoação das floristas enchem o ar de poesia.

Quando o relógio assinala quatro horas da madrugada, a noite agoniza. Os cabarés e «boites» vão fechando e os «habituées» transferem-se para os bares e restaurantes. No mercado, o movimento se intensifica e, no centro comercial, os lavadores da Prefeitura esborrifam as últimas ruas.

Seis horas da manhã. A cidade ainda está úmida. Os bares da «esquina da insônia» fecham, por trinta minutos apenas, para lavagem geral e troca de turno dos empregados. Nos cantos mais escuros da Praça da República, vadios e infelizes dormem nos bancos e os ébrios buscam o difícil caminho de casa.

O trabalho continua e as ruas começam a se movimentar, novamente. E' como uma total transfusão de sangue, nas veias latejantes da cidade. Os luminosos apagam, os «almofadinhas» são substituídos por trabalhadores, e os «rabos de peixe» por caminhões de entrega, os aperitivos e os chopps por médias de café com leite, as músicas de dança, dos programas noturnos pelas primeiras notícias do dia.

O TRABALHO

Agora, os bondes dos bairros pobres vão e vêm lotados e os ônibus, que até então corriam de 30 em 30 minutos ou de hora em hora, retornam aos seus horários normais. Homens e mulheres se misturam. Uns conversam alegremente, tendo ainda os cabelos molhados, enquanto outros dormitam nos cantos mais sossegados, esperando encontrar, em casa, o leito pronto.

Oito horas. Há quem comece a dormir agora. São os heróicos trabalhadores da noite. São os que cuidam da continuidade da vida, enquanto a cidade cochila, pois S. Paulo sofre de insônia. Uma insônia irritante e boa ao mesmo tempo, que prova não haver só o lado mau na vida noturna, os vícios e os crimes, mas também o trabalho e a honradez. O surto de progresso, dia a dia, aumenta essa insônia, ameaçando a cidade de não ter mais uma noite de sono, sequer, se teimar em crescer desmesuradamente.

Ela não se importa, pois a noite tôda, os luminosos funcionaram, os semáforos piscaram para as esquinas envergonhadas, as estações de rádio gritaram anúncios e ofereceram músicas a gentis senhorinhas que aniversariavam, os guardas-civis cumpriram sua missão, os choferes de taxi quiseram cobrar a mais do passageiro que parecia interiorano, mas foram parar na Diretoria do Serviço de Trânsito, as rotativas mastigaram papel e beberam tinta, para contar as últimas novidades ao povo e os lavadores a esfregaram, «gentilmente», com enormes vassouras mecânicas, para que os madrugadores a pisassem com mais respeito.

SUPREMO SACRIFÍCIO

Tudo isso, constitui o supremo sacrifício de milhares de cidadãos. Milhares de «homens morcêgo», que trocam o dia pela noite, para poder viver. E' a





interminável sinfonia do progresso, essa música pesada e bonita, que esmaga e beneficia, prendendo-se ao compasso das máquinas e dos homens, tornando as cidades verdadeiras caldeiras de fusão, onde a temperatura varia, mas a essência, a razão do seu funcionamento, permanece.

E quando as primeiras lojas se abrem, estão todos a postos. Nos bairros operários haverá quem durma sobressaltado pelo ruído dos teares, sabendo que durante a noite, o mesmo aconteceu à sua espôsa.

A vida permanece dinâmica, relegando a estática ao plano do inexistente. A cidade se veste de ouro e espera, pacientemente, que as horas escorreguem pelos ponteiros dos relógios, a fim de sentir, novamente, a carícia dos luminosos, o beijo da lua e escutar, desapercebidamente, o murmúrio dos namorados, que o vento leva e grava nas ondas do tempo, enquanto a cidade dorme.

A PEQUENA HISTÓRIA

(Cont. da pág. 18)

não quero me aproveitar da vantagem que tenho sôbre você, porque não desejo vazar o único ôlho que você tem!»

A LENDA DO BOX

Não foi êste o único ato de cavalheirismo de Hen. Uma menina foi salva por êle de uma casa que estava sendo devorada por um incêndio e em outra ocasião contribuiu com uma certa importância em dinheiro para que seu conterrâneo John Gully fôsse pôsto em liberdade da prisão onde se encontrava por dívidas e para que tivesse oportunidade de se exibir no ring. Gully aproveitou-se bem da oportunidade e quando Pearce começou a decair, por motivo de saúde, todos começaram a encarar Gully como sendo o provável campeão.

Gully estava dependendo de três competições para se retirar do ring e ceder seu pôsto a Cribb, mas seu nome ficou na história do box quando êle foi ser bookmaker, tornando-se, mais tarde, proprietário de um cavalo de corrida vencedor do grande «Derby» e dedicando-se ao mesmo tempo ao comércio do carvão, conseguindo, finalmente o título de Membro do Parlamento.

O título de campeão de Tom Cribb de 1809 a 1822 ficou sendo um dos acontecimentos mais notáveis no mundo do box. Derrotou o caôlho Belcher duas vêzes e ninguém o superava. As competições estavam no auge do delírio e o Clube Pugilístico bem no centro de Londres, era o ponto de atração. A figura de Cribb era apontada como o espírito contemporâneo nacional. Como pugilista era lerdo, seguro e tenaz, e lutou, cada vez melhor, nas exibições finais, antes de deixar o ring.

Ainda havia alguns boxeurs que eram brigões, como por exemplo, Berks e Tom Hickman, mas a maioria da fina-flor do box era composta de indivíduos bem comportados. Essa estabilização foi conseguida graças ao patrocínio de homens como o Príncipe Regente e Charles James Fox, que muito se interessavam pelo box.

O PRIMEIRO BOXEUR NEGRO

Foi no tempo de Cribb que William Fuller, o pugilista de Norwich, foi à América para colaborar no desenvolvimento do box naquele país e daí surgiu o primeiro desafio por parte de um homem de côr, cujo nome era Tom Molineaux. Ex-escravo, oriundo da América, Tom veio para a Inglaterra para dedicar-se ao box. Num dia hibernal de 1810 êle lutou pela primeira vez, em Sussex, enfrentando Cribb e já estava sendo considerado vencedor da prova quando surgiu uma discórdia entre os juízes.

O campeão não foi prejudicado pela inatividade a que se sujeitara, mas o frio provocou cãibras no negro, que teve de se curvar diante a superioridade do adversário. No ano seguinte foi realizada nova competição e Cribb, que se submetera a um treino rigoroso, venceu-a com facilidade. Dessa época em diante as competições com negros tornaram-se permanentes, conforme prova a história do box.

Cribb não se exibiu mais e ficou sendo considerado campeão «hors concours» durante doze anos, enquanto o box prosperava. Em 1821, durante os festejos da coroação do rei Jorge IV, Jackson fêz uma seleção de pugilistas para se exibirem e Cribb, certamente orgulhoso quando viu seu nome encabeçando a lista.

No ano seguinte Cribb retirou-se definitivamente e em 1824 Jackson cessou as suas atividades pugilísticas. Todos êsses acontecimentos marcam a idade áurea do box e são, ao mesmo tempo o advento da adversidade que o aguardava no futuro.

Título conquistado . . .

(Cont. da pág. 57)

sas", os times entrariam em campo juntos, haveria uma troca de pombas da paz, os capitães sentar-se-iam em campo e fumariam o cachimbo da boa-vontade, sob as vistas do pagé Mário Viana.

Assim aconteceu... Mas quando o Fluminense começou a atacar e a bola

(Cont. na pág. 54)

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



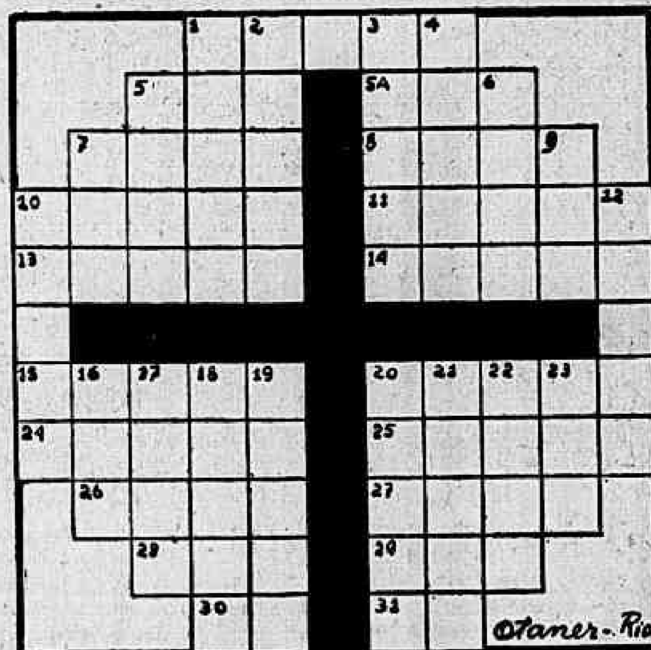
OSCAR FLUES & CIA. LTDA.

Recebemos da firma supra indicada um interessante livro a respeito das suas atividades em quarenta anos de existência — de 1911 a 1951 — E a história da firma é a própria biografia do sr. Oscar Flues, seu fundador. Gravuras interessantes ilustram o texto tudo em ótimo serviço gráfico. O ramo de negócio da firma Oscar Flues é máquinas gráficas.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.º 89 para Veteranos

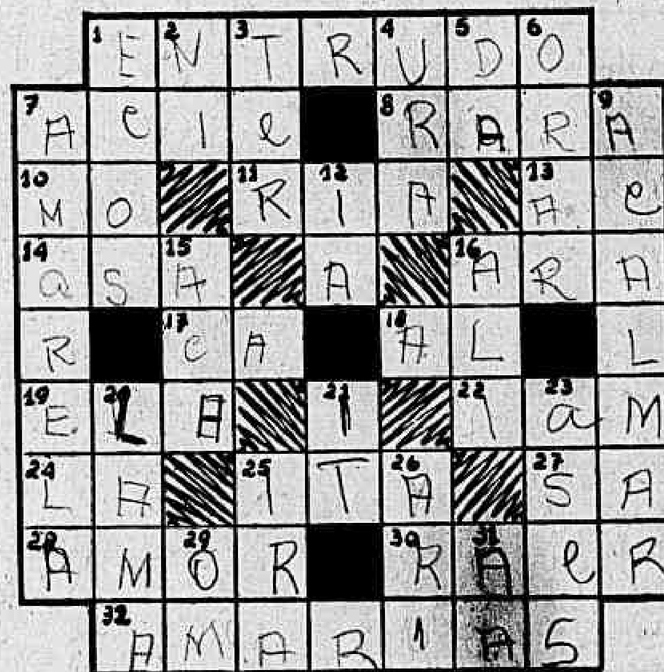
HORIZONTAIS: — 1. Grande balança chinesa — 5. Tempo indefinido — 5-A. Antigo tecido francês do Languedoc — 7. Paz — 8. Mobília — 10. Alamedas — 11. Pecou — 13. Corpo gasoso de pêso atômico igual a 33,50 — 14. Vagalumes — 15. Argúcia — 20. O mais sublime — 24. Esquisitos — 25. Pária — 26. Carne do lombo do boi — 27. Ligar-se — 28. Lado — 29. Abundância — 30. Aspeto — 31. Contração.



VERTICAIS: 1. Pôr em dificuldades —. 2. Planta medicinal da família das Rosáceas — 3. Inspirado por Deus — 4. Magricela — 5. Feito de arame — 6. Planta da família das Canáceas — 7. Rio da Alsácia — 9. Importune — 10. Conserva indiana com vinagre e sal — 12. Penugem — 16. Chá de congonha — 17. Mulher gorda e feia — 18. Medula — 19. Calcular — 20. Aguça — 21. Muro baixo — 22. A maior das três partes do osso ilíaco — 23. Antiga medida de pêso da Índia.

★

Problema N.º 89 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Carnaval — 7. Agudeza — 8. Não comum — 10 Pedra de moinho — 11. Esteiro de rio — 13. Antes de Cristo — 14. Membro de ave — 16. Pedra do altar — 17. Aqui — 18. Outra coisa — 19. Pronome pessoal — 22. Seguiam — 24. Ali — 25. Pedra — 27. Sadiá — 28. Afeição profunda — 30. Vassourar o forno depois de aquecido — 32. Gostarias.

VERTICAIS: — 1. Reflexos do som — 2. Símbolo do niquel — 3. Possuir — 4. Verme que aparece em feridas de animais — 5. Oferta — 6. Rezar — 7. Côr de ouro — 9. Tornar calmo — 12. Caminhas — 15. Mau cheiro — 16. Acolá — 20. Lodo — 21. Graças, donaire — 23. Aviadores exímios — 25. Cólera — 26. Nome de homem — 29. Rio da Sibéria — 31. Rio da França.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 88 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Alapa — Palinódia — Rol — Abt — Umãs — Nata — Aparafusara — Antagonista — Calo — Aluá — Pax — Edt — Santuário — Uariá.

VERTICAIS: — Al — Li — Ann — Pó — Ad — Poupanças — Alma — Iatá — Abaratado — Areal — Sa — Nu — Asnil — Fão — Taxa — Go — Na — Suei — Zur — Nu — Ta — Ai — Ra.

PARA NOVATOS

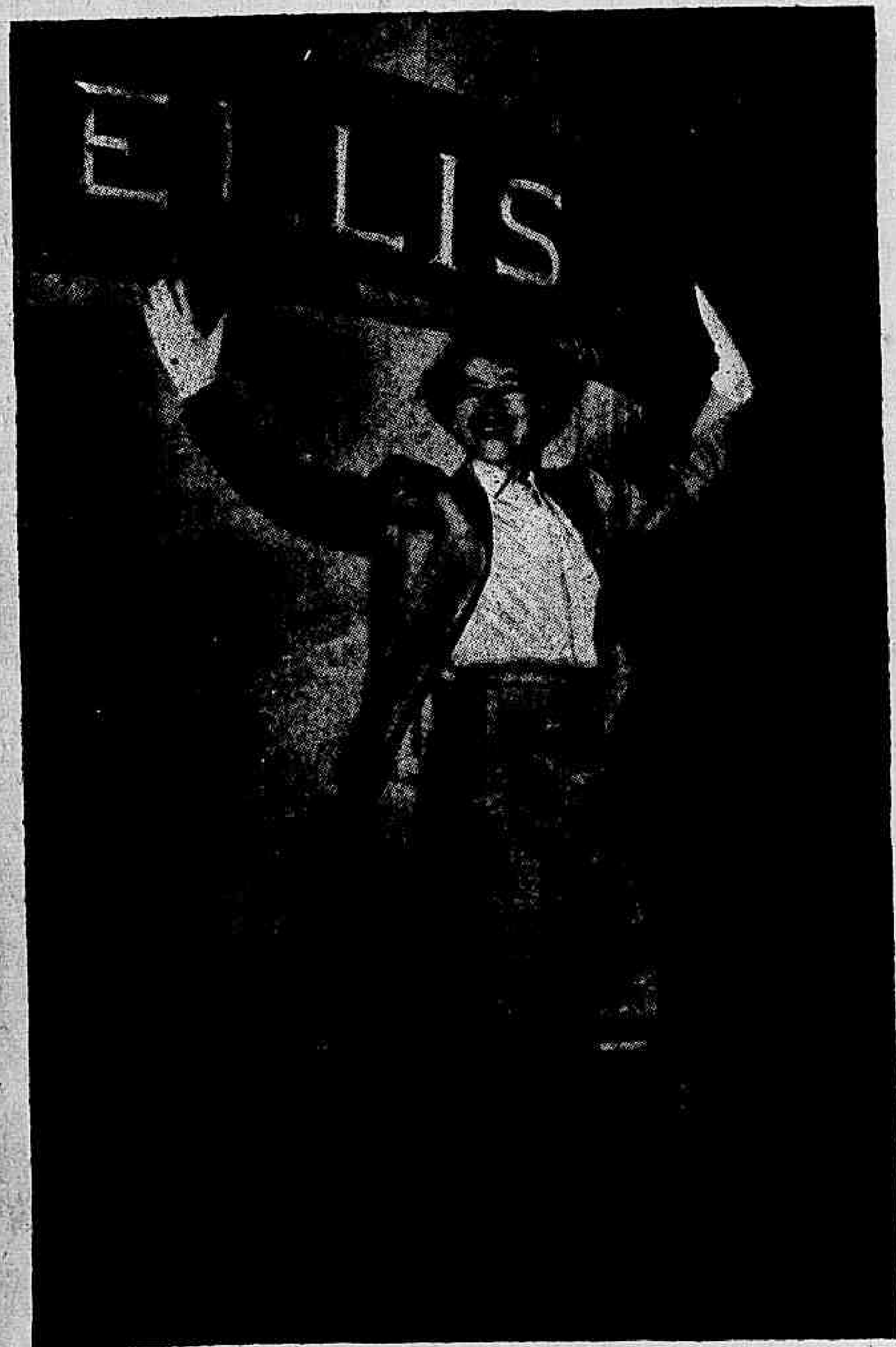
HORIZONTAIS e VERTICAIS: — Mobilizar — Opereta — Berivá — Em — Irite — Ata — Leve — Crer — Ita — Ciara — Za — Aratim — Eteriza — Ramaramas.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

TUDO ISTO A



O AMOR OS UNIU — Hollywood é a terra das novidades fílmicas e dos amores atômicos. A louríssima e bela Shelley Winters, apaixonou-se pelo artista italiano Vittorio Gassmann e não podia mais viver longe dêle. Já eram noivos e devem unir-se brevemente. Ela, então, passou-lhe um telegrama: «Sinto-me isolada». Êle tomou um avião e vôou para a California a fim de libertar sua noiva da cruel solidão. A sua chegada, ela o recebeu carinhosamente, e acendeu o cigarrinho do bem amado Vittorio.



UMA ESPÔSA DE GUERRA — Ellen Knauff, alemã de Berlin, casou-se com o soldado americano Kurt, de origem germânica. Êle voltou para os Estados Unidos e ela não pôde desembarcar com o marido, pois estava acusada de espionagem. Ficou internada durante três anos em Ellis Island, uma espécie de nossa Ilha das Flores, até que as autoridades norte-americanas a desimpedissem e ela pudesse juntar-se ao espôso. E agora aconteceu que o seu grande sonho se realizou: Ellen Knauff já está livre.

Descobrimos um homem!



ATÉ que enfim, Senhor Deus de todos os mundos, apareceu neste planêta sublunar um Homem, com letra inicial bem grande, e, se acharem pouco, escrevam em caixa alta, HOMEM. Sorocaba é o berço dêsse protótipo de dignidade política e de bravura moral, diante da corrupção, do subôrno, da devastação de nossos costumes político-sociais a imperar na ganância de todos os mestres do jabaculê. Há um HOMEM de idéias firmes e claras; de consciência política e de probidade partidária: o Sr. José Lozano, vice-prefeito da cidade paulista de Sorocaba. O Sr. Lozano, membro do Partido Socialista Brasileiro, integrou uma coligação partidária no sentido de levar à prefeitura da gloriosa terra sorocabana o Sr. Emerenciano Prestes de Barros, o que foi alcançado. Um dos postulados para essa campanha era o de lutar-se pela moralidade administrativa. Pois bem: a Câmara Municipal da cidade aprovou um projeto de Resolução conferindo ao vice-prefeito o cargo nunca existente de Supervisor dos Serviços de Assistência Social, com os excelentes vencimentos mensais de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros). Sabe o leitor o que sucedeu? O vice-prefeito fêz uma carta à Egrégia Câmara Municipal de Sorocaba, negando-se a receber título e proventos, em têrmos que devem figurar num futuro Museu de Atitudes Políticas que se fundar neste país. Que lição admirável deu o Sr. Lozano aos que procuravam jogá-lo contra o próprio prefeito e os demais companheiros de saneamento político! Que confortador exemplo para muitos se mirarem nêle e tornar o Brasil uma terra de costumes decentes! Parabéns, Sorocaba!

Nada de bikinis



A Ação Católica Argentina acaba de condenar os trajes de banho para mulheres conhecidos com o nome atômico de "Bikini", por julgá-los incompatíveis com a moral. O maiô "Bikini" é constituido de duas peças. Isto é: de duas pecinhas. As coristas de teatro de revistas é que as usavam sem maiores cerimônias. Depois, porém, as mulheres de tôdas as idades que costumam ir às praias para banhar-se n'água ou sôbre as areias ardentes, passaram a exibir os "Bikinis", escandalizando as pessoas de pudicícia mais aguçada. Por êsse motivo a Ação Católica Argentina acaba de intervir impondo condições: quem quiser tomar banho (isto é, as mulheres) deve usar um tipo de maiô mais decente, como eram aquêles dos tempos do nascimento do cinema. Também foi condenada a promiscuidade nas praias de banho da Argentina. Segundo os preceitos do Diocesano da Moralidade da Ação Católica Argentina, os homens e as mulheres devem banhar-se em praias distintas e me mesmo em piscinas. Tudo junto, misturado, é que não pode ser. Também veio à censura os trajes de ginástica usados em estabelecimentos de ensino e clubes desportivos. Os concursos de belezas, exposições de modas com manequins vivos, fôram condenados. Isso nos faz lembrar aquêle episódio que se passou em Copacabana, há uns seis meses passados. Um cidadão estava sentado num dos bancos da Av. Atlântica, espiando o movimento de banhistas. De momento, passa diante dêle uma criatura divina, com um "Bikini" biquiníssimo. O espectador não suportou e avançou para aquela sereia de carne e osso. E foi uma luta para arrancá-lo daquela deusa pagã.

O drama do Dr. Ferreira



ELE era médico. Iniciou sua clínica na ilha do Governador. Homem de grande tenacidade, de elevadas qualidades morais, apaixonado de sua profissão, tendo-se formado com enormes sacrifícios, em pouco tempo fêz carreira. Para atender à clientela, adquiriu um auto. Certo dia, para evitar atingir uma criança, deu um golpe de direção e foi de encontro a uma casa modesta, derrubando a parede, do que resultou a morte de uma jovem que estava a costurar lá dentro. O médico assumiu as responsabilidades pelo acidente, pagou tôdas as despesas do sinistro e jurou jamais guiar um automóvel. Passam-se os anos. Êle se casa com uma senhora da melhor sociedade carioca, vem morar no Rio, em apartamento comprado na rua Farani. Além de médico de muita clínica, é nomeado para o Ipase. Instala-se num consultório da rua Araújo Pôrto-Alegre e vive feliz. Já sua família crescera com a vinda de duas meninas encantadoras. Em outubro passado, sua espôsa fazia anos e êle teria que comprar-lhe um presente. Ela sugeriu um automóvel. O médico se esquivou: "Para que automóvel quando êle jurara não guiar mais tais carros?" Mas a espôsa ponderou que ela guiaria. Um carro era indispensável para próprios serviços clínicos do espôso. Teria cuidado, seria cautelósa. Êle comprou o carro. A 17 de janeiro, quando sua espôsa saia para comprar presentes para uma das filhas que aniversariava, o médico sugeriu à mulher que não levasse as meninas. As crianças ficariam em casa, ansiosas para receber os mimos. E quem voltou foram os restos mortais da boa mãe dedicada espôsa, estraçalhada com seu carro, por um bonde da "Light", rua Marquês de Abrantes. Terrível destino do dr. Ferreira.

ACONTECEU

Fiu Fiu!



FRANCISCO Pereira, sargento reformado da Polícia Militar do Ceará, estava em trânsito pelo Rio, e gozava das delícias da Cidade Maravilhosa. Ao passar pela praça Duque de Caxias, nas imediações da Central do Brasil, seus olhos pousaram no lindo rosto de uma moreninha que era mesmo um encanto. Pereira se lembrou das morenas cearenses côr de jambo e guagiru e sorriu para ela. A mocinha correspondeu a afabilidade. Achegaram-se. Ela o convidou para dar umas voltinhas. Ora, o sargento estava até se sentindo isolado na grande cidade, e essa moça caíra do céu como um presente dos deuses. Ela o conduziu para um automóvel e mandou rodar por essas avenidas a fora, dentro da noite quente. Ao chegarem defronte da Casa da Moeda, o carro parou. O sargento desceu com a sua amiguinha delicada e amorosa. Mas a ilusão durou pouco. Ouviu então a moreninha dizer para duas outras mulheres que estavam na calçada: "Vamos, meninas, que êste já está no papo!". E as três "fúrias" caíram em cima do sargento, aplicando-lhe golpes de todo jeito, enquanto o "anjinho" côr de jambo lhe tirava do bôlso a carteira com oito mil cruzeiros. Mas o cearense era dobrado. Reagiu com tôdas as fôrças de que dispunha, dominou-as, meteu-as no carro e ordenou ao chofer: "Leve-nos ao pôsto policial". O motorista percebeu que êle não conhecia o Rio e, a um sinal das assaltantes, conduziu-o até ao morro da Mangueira! Ali êle foi novamente agredido e ainda tomaram mais alguma coisa. Mas o sargento é danado mesmo. Vinte dias depois, passando em frente à Central, reconheceu as assaltantes e as prendeu, levando-as para o distrito. Está agora a polícia na pista do chofer, cúmplice das mesmas. No Ceará não tem disso não...

Blusão contra balas

AS guerras trazem novidades cada vez mais aperfeiçoadas para matar, mas também outras no sentido de evitar a morte. As trincheiras, os buracos de lôbo, as blindagens, as camuflagens, tudo isso é artifício para poupar a vida dos combatentes. Nos velhos tempos da arma branca, das flechas e bestas, os guerreiros se revestiam de couraças, empunhavam escudos, desciam os elmos, usavam manoplas, tudo para defender o corpo dos golpes das lanças e cutelos dos inimigos, nos assaltos corpo a corpo em campo raso ou em castelos que eram verdadeiras fortalezas. Mas, com a pólvora, as armas passaram a mandar para muito longe o "recado" dos que desejam matar os outros a longas distâncias. E com os aviões, os enormes canhões de marinha ou de terra; os morteiros terríveis a lançar granadas a grandes distâncias, sôbre as trincheiras inimigas, etc., os combatentes estão de "corpo aberto" para receber estilhaços de granadas a todo momento. Por isso, desde muito, os Estados-Maiores de todos os exércitos modernos têm pensado num recurso exequível para poupar a vida e a integridade física de seus comandados numa guerra como as de hoje. E nos Estados Unidos acabam de fabricar uma espécie de blusão leve, mas resistente às balas, segundo anuncia o Departamento de Estado. E' uma peça que pesa menos de quatro quilos, construída com nylon e matéria secreta. Uma granada que explodir a um metro de distância do soldado vestido com êsse colête nenhum mal lhe fará, se os fragmentos o atingirem nos lugares protegidos pelo blusão. E as tropas americanas na Coréia vão experimentar a sua eficiência dentro em pouco.



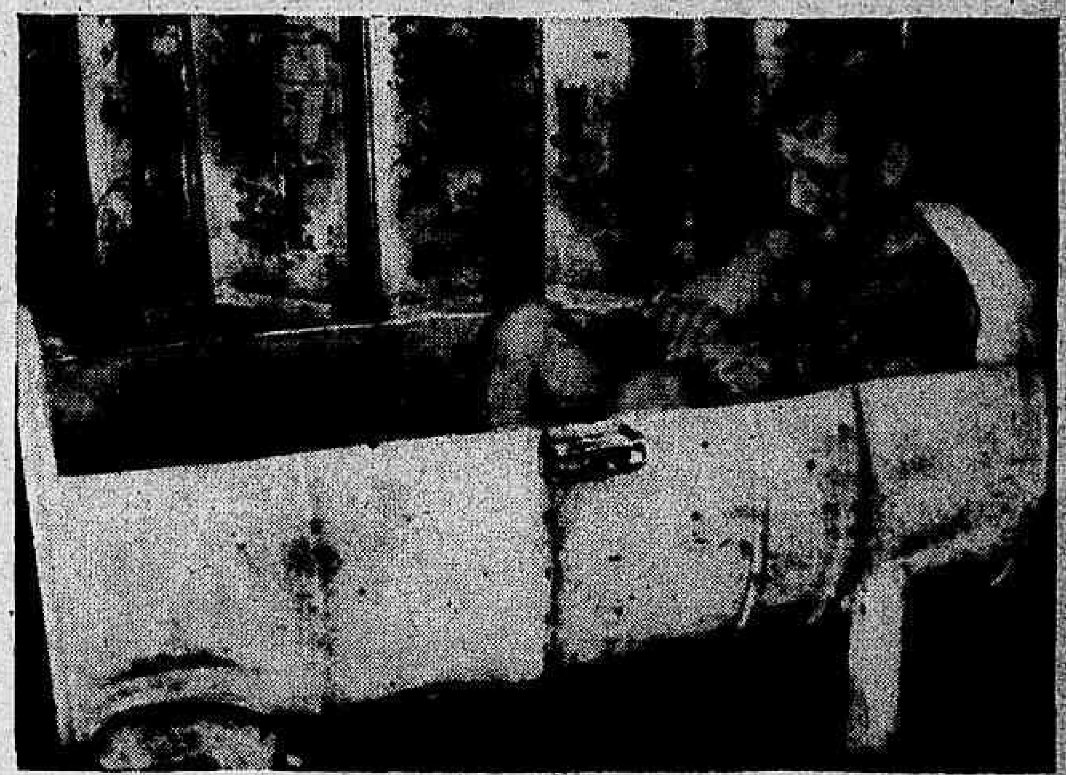
Arte moderna



DENTRE as correntes mais em evidência na pintura e na escultura, há uma a que deram o bonito nome de Abstracionista. O abstracionismo nas artes plásticas é qualquer coisa de irreal, de superpsíquico, de superiormente imaginado, tudo fora da interpretação objetiva e clássica da natureza, dos homens e das coisas. Se observarmos uma tela abstracionista da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, do norte para o sul, sob qualquer ângulo, estaremos malhando em ferro frio, uma vez que a arte abstracionista não se limita a conceitos passadistas de proporções, de perspectivas, de cálculos e linhas geométricas no velho sentido do passado. Um quadro abstracionista tanto pode estar certo da direita para a esquerda, da popa para a prôa, como da prôa para a popa e de cima para baixo. Não há pontos cardiais a obedecer. Não há preconceitos a seguir. A disciplina da arte abstracionista é a natureza íntima e impulsiva do seu autor. Se alguém não entende o que quer dizer um trabalho seu, é porque êsse alguém ainda está amarrado aos punhos de uma escola atrasada e pantanosa. E' preciso sair dos espartilhos da velha arte. Tudo novo, tudo afoitamente voltado para o futuro, para a glória de uma abstração salvadora, poética e vigorosa. Na cidade alemã de Offenburg, o pintor Grieshaber executou alguns quadros abstracionistas, destacando-se o de nome "Meio-Dia". Inscreveu-se como concorrente aos prêmios de uma exposição local e lá dependurou o seu "Meio-Dia". O júri, depois de muita discussão e consultas, concedeu-lhe o segundo prêmio. Grieshaber ficou decepcionado, pois esperava o primeiro; mas, examinando bem o seu quadro, verificou que o colocara de cabeça para baixo. Ninguém notara também.



UMA QUADRILHA REAL — Londres comentou durante muito tempo a festa que Billy Wallace dera e cujos resultados foram em benefício de instituições sociais. A festa constituiu grande êxito, tendo sido convidadas quarenta e duas pessoas da intimidade de Billy. Um jantar magnífico e números de danças antigas, inclusive a inesquecível "quadrilha". Mas, a nota sensacional foi a presença da princesa Margaret, que, com sua graça e jovialidade deu grande brilho a tudo. E falam em namôro...



A BELEZA DELAS E DÊLES — A elegância feminina exige destas coisas: máscaras de clara de ôvo ou de polpas de frutas para amaciar e embelezar a pele. Queira Deus que não usem isto aqui, pois os ovos aumentariam imediatamente de preço. Por sua vez, o tenente John Alkire, resolveu a crise de banheiras na frente coreana, aproveitando um tambor de gasolina. Com decoração muito local, o biombo à sua direita. E achou tudo de um luxo oriental. A guerra tem dessas compensações.





POBRE CORAÇÃO



(POBRE CORAZON)

ELENCO:

Rafael Rios	JORGE MISTRAL
Roberto Lastra	TITO JUNCO
Celeste	LILIA PRADO
Cristina	GUILHERMINA GRIN

e Pedro Vargas, Andrea Salma, Rita Montander, Anjos do Inferno, Hermanta Julian.

Música de Pérez Prado — Bailados de Lília Prado — Cine Montagem de Julian de Meriche — Direção de José Dias Morales — Produção Calderon.



NAQUELA noite, ainda sob os aplausos frenéticos dos freqüentadores da boite elegante, Rafael Rios, dirigente da famosa orquestra que ali se exibe e Celeste, a rumbeira, trocam idéias, no caminho do camarim sôbre a estranha atmosfera que os envolve. Rafael está desesperado, sem dinheiro, e Celeste procura acalmá-lo dizendo que por amá-lo é o suficiente para que êle se sinta bem.

A êsse meio tempo, um entusiasta da rumbeira é percebido por uma das «girls» que a vem chamar dizendo-lhe que o carro em que o rapaz veio promete, pela sua alta classe, que a noite seja vantajosa.

Celeste convida Rafael dizendo-lhe que a buscam para um recital em casa de pessoas de sociedade, onde se reunem numa festa de importância. A casa da senhora Dna. Luiza Mendez que oferece uma recepção para anunciar o noivado de sua filha Cristina.

Rafael se dirige ao piano e Roberto Lastra, um dos convidados, se entretém com Celeste, falando-lhe do amor que nutre por ela há muito tempo e dando-lhe esperanças de uma nova vida com dinheiro e boas roupas. Nesse ínterim o compositor está iniciando acôrdes de uma de suas músicas, quando se ouve o riso cristalino de Cristina.

Rafael, sentindo-se humilhado perante essa atitude ergue-se do piano e dizendo que não está acostumado a que zombem de suas canções, que são escritas humildemente, mas com suficiente entusiasmo para prezá-las, retira-se da festa, onde os convivas permanecem estupefactos.

Roberto interferindo na situação, procura acalmá-lo, enquanto Cristina oferece 500 pesos para que o compositor permaneça, mas Rafael retruca que nem tudo se compra com dinheiro e se retira definitivamente.

Não se conformando com a situação que criou sem intenções de magoar o rapaz, persegue Rafael, no seu automóvel, mas o compositor, deprimido pela injustiça sofrida não aceita seu convite de retornar e nem mesmo suscita a hipótese de reconciliação.

Alguns dias mais tarde, Cristina, seu noivo e uma amiga dirigem-se ao local onde se exibe a dupla Celeste-Rafael.

Nessa ocasião Rafael, percebendo-a, surpreende um instante em que a moça está à mesa desacompanhada e convida-a a retirar-se com êle. Em meio ao caminho convidando-a para que vá à água-furtada em que mora em cuja riqueza consiste um velho piano, dedilha para ela a canção inacabada, dizendo-lhe do seu amor e fazendo da canção suas palavras de carinho para com aquela a quem, sem sentir, havia dedicado sua inspiração.

Cristina também revela-lhe sua paixão e assim unidos pelo ideal que aspiravam não percebem que no quarto contíguo Celeste e Roberto ouvem-nos.

Chegando a casa, Cristina revela à mãe sua intenção de se casar com o pianista no que é combatido por aquela senhora, arraigada nos seus preconceitos de fidalguia e que a desherda, dizendo à filha que pode considerá-la morta se tomar tal atitude.

Cristina não se abala em suas intenções e casa-se com o compositor.

Certa noite, Cristina vai com Rafael a uma boite onde Celeste se exibe. Convidada para dansar, oferece à rumbeira a companhia de seu marido enquanto permanece sentada onde é

(Cont. na pág. 54)







exige outra:



Polvilho Anti-septico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

UM BRASILEIRO . . .

(Cont. da pág. 28)

Recebeu-o o dr. Afrânio de Melo Franco, ministro plenipotenciário do Brasil junto ao Govêrno dos Estados Unidos, que apresentou ao jovem barítono as suas felicitações e lhe desejou tôda a sorte de triunfos, até chegar a ser uma de nossas maiores celebridades no bel-canto.

Gibin visitou ainda a União Pan-Americana, tendo sido recebido por Charles Seeger, Chefe do Departamento de Música e de Artes Visuais. Antes de voltar a Nova York, João Gibin visitou muitos dos pontos mais famosos da capital norte-americana, incluindo os monumentos a George Washington, Lincoln e o Capitólio.

Título conquistado . . .

(Cont. na pág. 49)

ia aos pés de Didi, a torcida banguense gritava: *"E' êsse, é êsse..."*

Os "mulatinhos rosados", como são chamados os jogadores daquele longinquo subúrbio da Central, procuravam desforrar o companheiro que se achava recolhido a um leito de hospital, assistindo a partida pela televisão. Didi corria feito um coelho escaldado, pulava que nem um cabrito montanhês, mas não conseguiram acertá-lo.

O Bangu procurou a todo custo vencer, mas não teve oportunidades. O mesmo não aconteceu com o Fluminense, que soube aproveitar excelentemente as duas ocasiões em que a defesa contrária falhou. Foram dois "goals" que derrotaram o Bangu, o novo milionário do futebol carioca. Dois "goals" de um novato. Telê, deslocado da extrema direita para o centro do ataque para cobrir a posição de Carlyle. Ninguém acreditava nas possibilidades de um menino franzino em setor que, pela natureza das jogadas, exigia um homem forte e que pudesse brigar no corpo-a-corpo com os zagueiros do adversário. Fêz o primeiro "goal" com uma excelente cabeçada e o outro com um tiro longo da grande área. Um torcedor do Bangu não se conteve e gritou, após o segundo "goal":

— "O Carlyle não pôde trabalhar na leiteria, mas deixou um gerente, o Telê!"

Houve um autêntico carnaval em janeiro, com corso, serpentinas, fogos e "champagne". Desde o Maracanã às Laranjeiras, uma procissão de carros, com gritos de "iú-rá-ré Fluminense", proclamou pela cidade que havia um novo campeão. As portas do aristocrático clube foram abertas de par em par para que a torcida em pêso comemorasse o grande feito, a tríplice vitória, a façanha inédita de conquistar, num só ano, três títulos: campeão carioca de juvenis, aspirantes e profissionais.

POBRE CORAÇÃO

(*Cont. da pág.* 53)

abordada por Roberto, que insiste nas suas propostas de casamento. Cristina lhe diz para que desista de tais intenções .E' feliz com o marido e sua pobreza, e enquanto assim lhe fala é acometida de um desmaio, do qual, se refazendo pede a Roberto que não conte ao marido o incidente. Enquanto isso Celeste também corteja Rafael, que se diz imensamente feliz com Cristina e nada lhe fará voltar para ela.

A carreira de Rafael está começando a progredir e Cristina, no dia da estréia do espôso, permanece em casa, para ouví-lo pelo rádio quando é acometida de novo ataque. Procura um médico e é avisada pelo clínico de que só terá vida para seis ou sete meses. Ao mesmo tempo, imaginando que não se trata da doente mas sim de uma sua irmã, o médico lhe conta que houve um caso idêntico em que a moça era casada com um artista e a sua morte provocou o fracasso completo do espôso.

Para não fazer sofrer Rafael, Cristina inicia então uma vida de completa indiferença para com êle que, com todos os desprezos de que é envolvido ainda crê no amor da espôsa. Para lograr seus intentos, porém, Cristina abandona o lar e são falhos os esforços que Rafael faz para encontrá-la. Divorciam-se e o compositor para esquecê-la sai em "tournée" pelo estrangeiro, acompanhado de Celeste.

Dona Luiza, entretanto, encontra-a em um hospital e a conduz para sua casa.

Cristina melhora e quando da volta triunfal de Rafael espera-o no aeroporto, verificando com amargura que êle retorna com uma criança nos braços, a qual vem a ser filha de Celeste, com quem contraiu núpcias. A vida conjugal de Rafael tem uma aparência de felicidade mas Celeste persiste na idéia de que êle continua apaixonado por Cristina. Para vingar-se une-se a Roberto que a convence de abandonar o marido e fugir com seu dinheiro.

Entrementes, um amigo de Rafael convence-o de que Cristina continua amando-o e lhe conta o que de realidade se passou. O compositor não acredita, mas as palavras do amigo despertaram em seu coração, a lembrança daquele amor que tanta felicidade lhe trouxera. Dirige-se à casa onde vivia com Cristina e a vê à janela. Sobe correndo as escadas e se convence de que nunca havia amado a mais ninguém que não fôra ela, jamais a poderia esquecer e agora se tornava um amor impossível e trágico aquêle amor. Retorna a sua casa, onde o dever o reclamava e onde admite existir uma honrada e decente espôsa.

A decepção o aguarda quando, entrando em casa vê Celeste sendo esbofeteada por Roberto. Quer defendê-la, mas Roberto conta que estavam de malas arrumadas para fugir com o dinheiro e as jóias.

Rafael, libertado daquele penoso dever, abandona tôdas as riquezas que possuía para Celeste, carregando-lhe o filho.

Enquanto isso sucede Cristina é novamente acometida de um desmaio e quando chega Rafael, ela já está moribunda. Só tem tempo de reconhecê-lo e exala seu último suspiro ainda pedindo:

— Beija-me coração... Pobre coração...

EU VI A GUERRA . . .

(*Cont. da pág.* 32)

e a febre tifóide. Tudo isso em doses e dias intervalados. Inútil é dizer como fiquei com a minha saúde abalada com tantas reações diferentes, provocadas por essas precauções exigidas pelos respectivos governos.

E' justo meu agradecimento públ ao Prof. Dr. Jaime Vignoli, meu gr de amigo, o qual me ajudou, c o seu saber, a suportar tudo o q acabo de expor, ao pessoal do Se viço Nacional de Febre Amarela, Departamento Nacional de Saúde (Se viço de Saúde dos Portos) e da Pes Todos foram atenciosíssimos para co a jornalista.

O PROBLEMA DOS VISTOS

E, depois disso, o necessário pe dido diplomático, para a minha en trada no Japão, feito carinhosament através da Embaixada de Portugal n Rio de Janeiro ao Ministério dos Ne gócios Estrangeiros em Lisboa e dêst para Washington e dali para o SAC (Supreme Commander of the Allied Powers).

Passado algum tempo, a minha Em baixada comunicava-me que já estav em seu poder a licença que ia se transportada para o meu passaport com os seguintes dizeres: "Embaixad de Portugal no Rio de Janeiro. A portadora dêste obteve autorização d SCAP para entrar no Japão, conforme comunicação da Missão Diplomática Portuguêsa em Tóquio. A re ferida autorização foi concedida n corrente mês de março. Rio de Janeiro, 28 de março de 1951. (a) Antônio de Faria, Embaixador".

CUMPRIMENTOS DE DESPEDIDA AO PRESIDENTE

Na antevéspera da minha partida para o Oriente subi a Petrópolis, a ser recebida pelo Presidente da República do Brasil, no Palácio Rio Negro.

Poderia ter parecido até que ia se estrangeiro em missão do govêrno, visto ir despedir-me do Chefe do Estado... Mas, a explicação é simples. Desde 1944 — ano em que entrevistei S. Excia. pela primeira vez — há um ano, quando me concedeu a segunda reportagem, dias antes da sua posse, sempre admirei sinceramente êsse homem-político, sereno, culto, brasileiríssimo e, com êle, todos os brasileiros. De um e de outros tenho recebido inúmeras provas de gentileza. Indo despedir-me do Dr. Getúlio Vargas, pensava, sentiemntalmente, que o fazia de todo o Brasil. Sua Excelência olhou-me bem sério e disse apenas:

— Correspondente de guerra na Coréia!? A senhora é uma mulher de coragem! Está de parabéns êsse admirável jornal que é "O Globo". E, ao apertar-me a mão, recomendou com o seu ar fino, acolhedor e tão simpático pela sua simplicidade:

— Faça o possível por voltar!

Essa frase, leitores, acompanhou-me sempre como um encantador e feliz "porte-bonheur".

VÉSPERA DE PARTIDA

O dia passou vertiginosament e sob grande nervosismo. Escrevi a minha mãe uma carta tão otimista, tão otimista, que a assustei imenso, pois queria dar-lhe a entender, a todo o custo, que a guerra na Coréia era a única em que as balas haviam sido transformadas em belos "confettis" e "bombons" e a minha ida lá ficava transformada num agradável e inofensivo "fim de-semana" para quebrar a monotonia da minha vida...

Olhei tudo o que deixava com um apêrto bem grande em meu coração e sem pressentir que, ao partir para o meu novo sonho eu desfazia um sonho maior!

A chuva fustigava, arrogante, os vidros da minha janela, como se a natureza, num desespêro, me quisesse fazer antever todo o sofrimento que iria juncar de espinhos meu caminho dessa noite em diante.

E êsse ataque insólito da chuva deprimiu-me tanto que chorei louca

(*Cont. na pág.* 14)

Respostas ao teste

1—Lábios de mel
2—Nova Lisboa
3—Rio de muitas onças
4—Cabelos da côr do sol
5—Natal
6—Salto do peixe
7—Indígena
8—O fígado
9—Um
10—Amálgama
11—Minerva
12—Descansa em paz
13—O crisântemo
14—Para respirar
15—Por ter inventado o primeiro carro motor.

ACABA DE SAIR

CIENCIA ESPIRITA

Fatos e fenômenos da vida fora da matéria em face da Medicina.

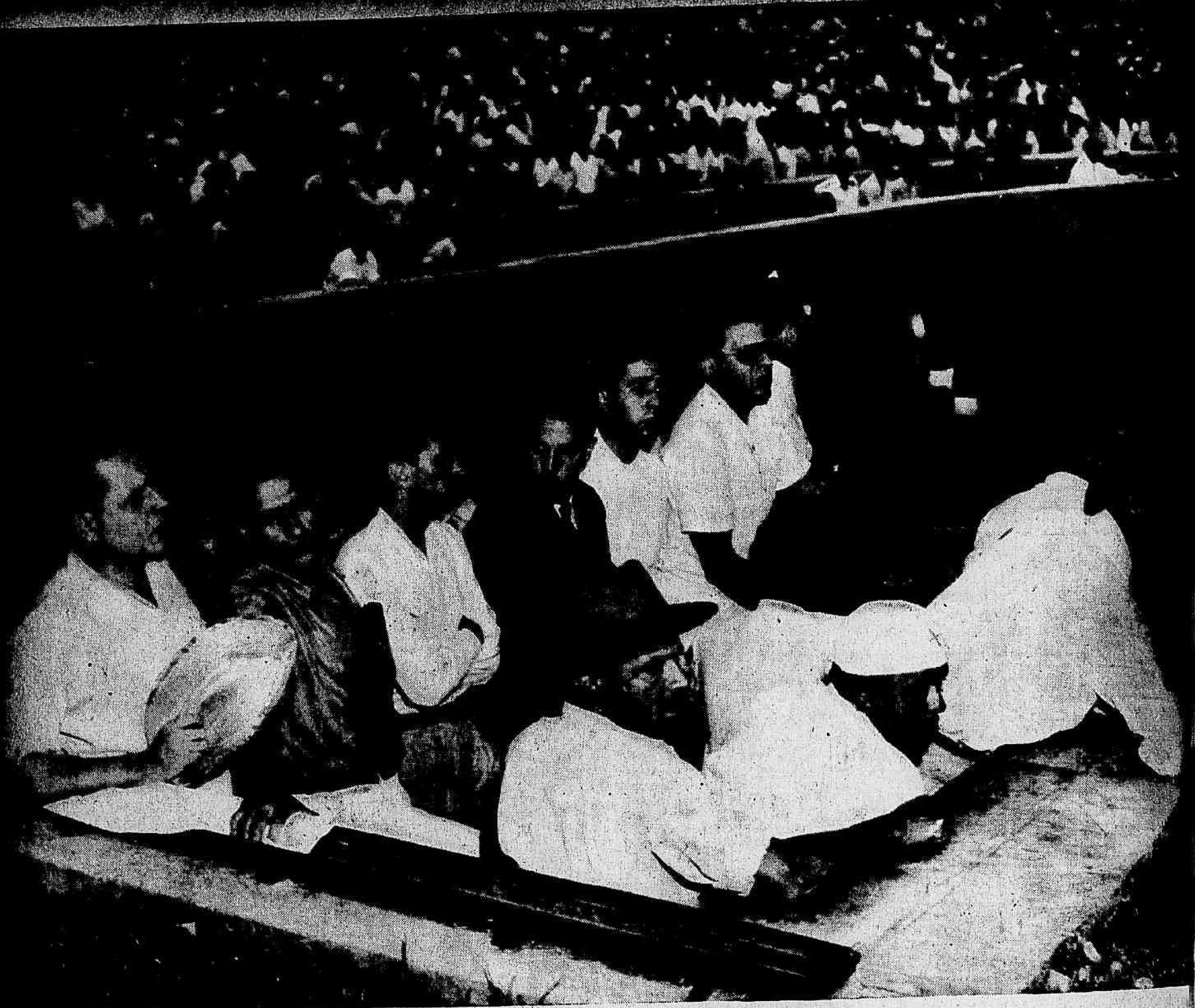
Remessa pelo reembôlso postal — Cr$ 25,00

Centro Redentor

RUA JORGE RUDGE, 121 — RIO DE JANEIRO



FLUMINENSE
CAMPEÃO DE 1951



Duas semanas depois, era Ondino Viera quem sofria o drama da derrota. A dor tomou conta da entrada do túnel do Bangu: campeonato perdido na 2.ª partida.



Título conquistad

TELÊ, UM NOVATO, O AUTOR DA FAÇANHA ★ A GUERRA PELO TÍTULO ★ UM MINISTRO DÁ ADEUS AO BANGU ★ DIDI CAÇADO PELOS BANGUENSES ★ TRÍPLICE VITÓRIA DO CLUBE TRICOLOR

Reportagem de LEVY KLEIMAN
Fotografias de JOSÉ SANTOS

DEZOITO anos depois, voltaram a se defrontar Fluminense e Bangu na decisão de um título do campeonato carioca de futebol.

Em 1933 o Bangu veio à cidade jogar a sua peleja decisiva com o Fluminense, e acabou vencendo e levantando o primeiro cetro da era profissional do futebol metropolitano. Em 1951, aconteceu o contrário, bastava o empate no último jôgo do campeonato para que o clube das Laranjeiras se sagrasse campeão. Não houve vitória, nem derrota, porque um "goal" de Vermelho não quis. Foram precisas mais duas partidas de uma "melhor-de-três" para que o tricolor conseguisse levantar o ambicionado título.

O Fluminense é o clube que até hoje possui maior número de campeonatos, mas nunca ambicionou tanto uma glória como esta de 1951, e conseguiu-a, com sangue, suor e lágrimas, parodiando a frase célebre



Carlyle não jogou na última partida do tricolor frente ao Bangu, limitando-se a "torcer". Ei-lo gritando, após o triunfo, abraçando, ao mesmo tempo, Orlando e Edson.

com Sangue, suor e lágrimas...

dirão que há exagêro nesta nossa afirmação, que não se pode comparar uma coisa com outra, um assunto sério com um assunto tão banal. Enganam-se redondamente, porque no terreno esportivo isto é um assunto seríssimo. Empolga desde o mais humilde operário até um ministro de Estado, como, por exemplo, o Ministro Luis Galotti, que vimos saltar de alegria na tribuna de honra do Maracanã e acenar com o lenço branco depois que o Fluminense consolidou a sua vitória no segundo jôgo, com o segundo "goal" de Telê.

O futebol hoje em dia não é um assunto fútil, é uma autêntica guerra, e assi ms ereferiu há tempos Ondino Viera ao campeonato carioca. Guerra, sim. Guerra de nervos, guerra em campo, guerra de torcidas, guerra de ofertas. O Fluminense ofereceu cinqüenta mil cruzeiros a cada jogador se o time levantasse o campeonato, e o Bangu respondeu prometendo a cada um dos seus defensores uma casa em Bangu e, de quebra, um automóvel do último tipo. Imaginem se o Bangu tivesse sido o campeão! Seu time, quando resolvesse passear, interromperia o tráfego da cidade, onze efetivos e cinco reservas, somaria um total de dezesseis carros, fora o do técnico, o do médico, o do roupeiro, o do massagista e auxiliares.

A coisa estêve tão feia que no primeiro jôgo a indisciplina campeou. Todos queriam vencer. Resultado, o zagueiro Mendonça quebrou a perna numa disputa de bola com o atacante tricolor Didi. Teve que ser operado, talvez nunca mais possa jogar, e já mandou processar o jogador do Fluminense, reclamando indenização por danos materiais. O outro zagueiro do Bangu, Rafanelli, também se machucou e não pôde participar da segunda peleja. Carlyle, artilheiro-mor do campeonato, foi cuspido na cara pelo goleiro-galã do Bangu, Osvaldo. Em represália, o jogador mineiro desmanchou-lhe o célebre topete. Houve uma troca de pontapés entre Mirim e Telê e ambos foram expulsos de campo. O Bangu transformou-se num vasto hospital, segundo a imprensa sensacionalista. O tribunal de Justiça da Federação Metropolitana de Fupendendo Carlyle, Telê e Mirim. O setebol julgou os acontecimentos, susgundo, porém, obteve "sursis" e pôde disputar a segunda partida. O primeiro jôgo deu quilômetros de assunto para os jornais diários e acabou até havendo um pacto de não-agressão entre Bangu e Fluminense para o segundo. Os jogadores do Fluminense chegaram a pesar jurando sôbre Bíblias. De maneira alguma empregariam a violência na segunda peleja. Tudo seria um "mar de ro-

(*Cont. na pág. 49*)



O presidente do Bangu felicita Benício Ferreira Filho, 12.° jogador do Fluminense.

A REVISTA

Há 50 Anos

(Domingo, 2 de fevereiro de 1902)



Idílio ambulante

Ela — As provas da minha afeição são esmagadoras.

Êle — Está-se vendo, está-se vendo.

(Charge de Raul)

OS TEATROS

Vai entrar em ensaios, no Recreio, o drama «A Honra», de Sundermann, a magnífica peça em que Clara Della Guardia, da última vez que trabalhou no São Pedro, tanto se distinguiu. Êsse drama será levado à cena depois do Carnaval e antes do «Quo Vadis?» A emprêsa Dias Braga vai dar-lhe uma «mise-en-scéne» a capricho, como sói ser a de tôdas as peças que põe em cena.

«O deputado das saias» tem continuado a chamar boa concorrência ao Lucinda, o que significa que a peça tem agradado bastante. Para o festival artístico da graciosa atriz Cinira Polônio, a empresária dêsse teatro, efetuou-se a «premiére» do «Quasi!...», excelente comédia da qual diremos no próximo número.

Sansone, o ativo empresário que tão boas temporadas líricas nos proporciona, já deu sinal de vida; promete muitas novidades para a próxima estação; resta agora que os srs. assinantes correspondam aos desejos do simpático empresário.

Continua em crescente sucesso a companhia de operetas italiana Tomba, no Sant'Ana, de São Paulo. Em breve permutaremos: essa companhia virá deliciar os cariocas e a «troupe» Cinira Polônio irá deleitar os paulistas, para o que já tem aquêle teatro contratado.

O dia 29 do passado foi um dia de festa para a Arte Dramática italiana; completou 80 anos a célebre trágica Adelaide Ristori, uma glória quase universal.

Abriu-se mais um jardim-concêrto; o da Maison Moderne, destinado a teatro, reduzido depois a boliche e, mais tarde, a salão de bilhares, voltou agora ao primitivo destino e tem feito sucesso.

O Parque Fluminense, com seu elegante teatrinho, também tem estado concorrido: outro tanto pode-se dizer do Cassino, do Guarda-Velha, do High-Life e do Passeio Público.

No dia 7 realiza-se no High-Life o festival artístico das elegantes «chanteuses - danseuses» Emília e Isabel Vives.

E... aí está o Carnaval, a Folia; nesse interregno da Loucura é absurdo falar-se em teatros, todos êles preparam-se para os bailes à fantasia, cada qual prometendo maior sôma de atrativos. — P.

★

HUMORISMO

O soldado Ruiz anda a miudo cambaleando por causa do grande amor que tem ao sumo da uva. Como pedem para êle ser substituído, por ser sustento de família:

— Hum! diz o coronel, sustento de família! Êle apenas pode suster-se a si mesmo, ao que me parece...

★

Entre Silva e Gomes:

— Como se passou o jantar, ontem à noite?

— Ó homem! não vi lá senão tolos... A propósito por que não vieste?

★

SENSACIONAL!

A cozinha elétrica promete prodígios. De experiências últimamente feitas verifica-se que em 50 minutos pode-se assar um lombo do pêso de dois quilos, um frango em 35 minutos, e um pastel em um quarto de hora. Enfim, com duzentos réis de despesa pode-se cozinhar um jantar para dez pessoas.

A vida vai ficar mais barata, enfim.

POR ÊSSE MUNDO

SEGUNDO afirma o "Echo de Paris", estamos ameaçados de uma inundação de ouro. A produção dêsse metal que, em 1890, foi de 600 milhões de francos, subiu, em 1898, a 1.500 milhões e daí para cá tem crescido sempre, mesmo apesar da guerra do Transvaal. Ora, o fabrico de jóias regula anualmente 320 milhões e a cunhagem de moedas 180 milhões. Todo o excedente se acumulará nos mercados, produzindo uma verdadeira crise.

— Uma casa de molhados de Londres vem de adotar o sistema de conceder uma pensão semanal de doze francos às viúvas dos fregueses que compraram, por mais de um ano, meia libra de chá semanalmente. O sistema caiu no gôto do público de modo que a casa paga já mais de cem mil francos de pensão por mês, porém realiza lucros verdadeiramente fabulosos.

— Um violento incêndio destruiu, na Inglaterra, a grande fábrica de chapéus Cristy e o estabelecimento vizinho. Os prejuízos são avaliados em mais de mil contos de réis.

— Dizem que a palavra "savantsvuxuvilaravwomaatakamwwit" está sempre nos lábios dos esquimáos durante seus colóquios amorosos. Será possível? Como é que êles podem dizer a palavra?

— Na França morrem anualmente 150.000 tísicos e existem pelo menos 500 mil tuberculosos. Em S. Psterburgo há 13.600 óbitos sôbre 929.000 habitantes. Em Portugal morrem anualmente, vítimas da tuberculose, 20.000 pessoas. Na Inglaterra existiram mais de 150 mil tuberculosos e na Suiça são em número de 50 mil sôbre uma população de 2.800.000 habitantes. Em Viena a média anual da mortalidade devida à tuberculose sobe a cêrca de 8.000. Contam-se na Hungria mais de 400.000 tuberculosos. Na Itália a média anual para as doze cidades mais populosas é de 337 óbitos sôbre 100 mil habitantes. Na Alemanha, o professor Leyden avalia em 170 mil o tributo anual pago à tuberculose e calcula haver em todo o império perto de 1.300.000 tuberculosos. Na Austria, Kuty afirma que sôbre dez mil habitantes morrem 35 tuberculosos.

— Em Paris, no prédio 176 da rua de Nauves, quarteirão de Plaisence, está funcionando uma instituição destinada a prestar grandes serviços. Trata-se da "Ecole Menagére", fundada por mlle. Courvoisin, e que já conta perto de seiscentas alunas. Ali se aprende a lavar roupa, cozinhar, engomar, costurar, etc.

— Na França estão em atividade 330 fábricas de açúcar de beterraba, as quais consumiram em 1900, 3.092.369 toneladas da referida planta. — Felp.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 5 ★ 2-2-52

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

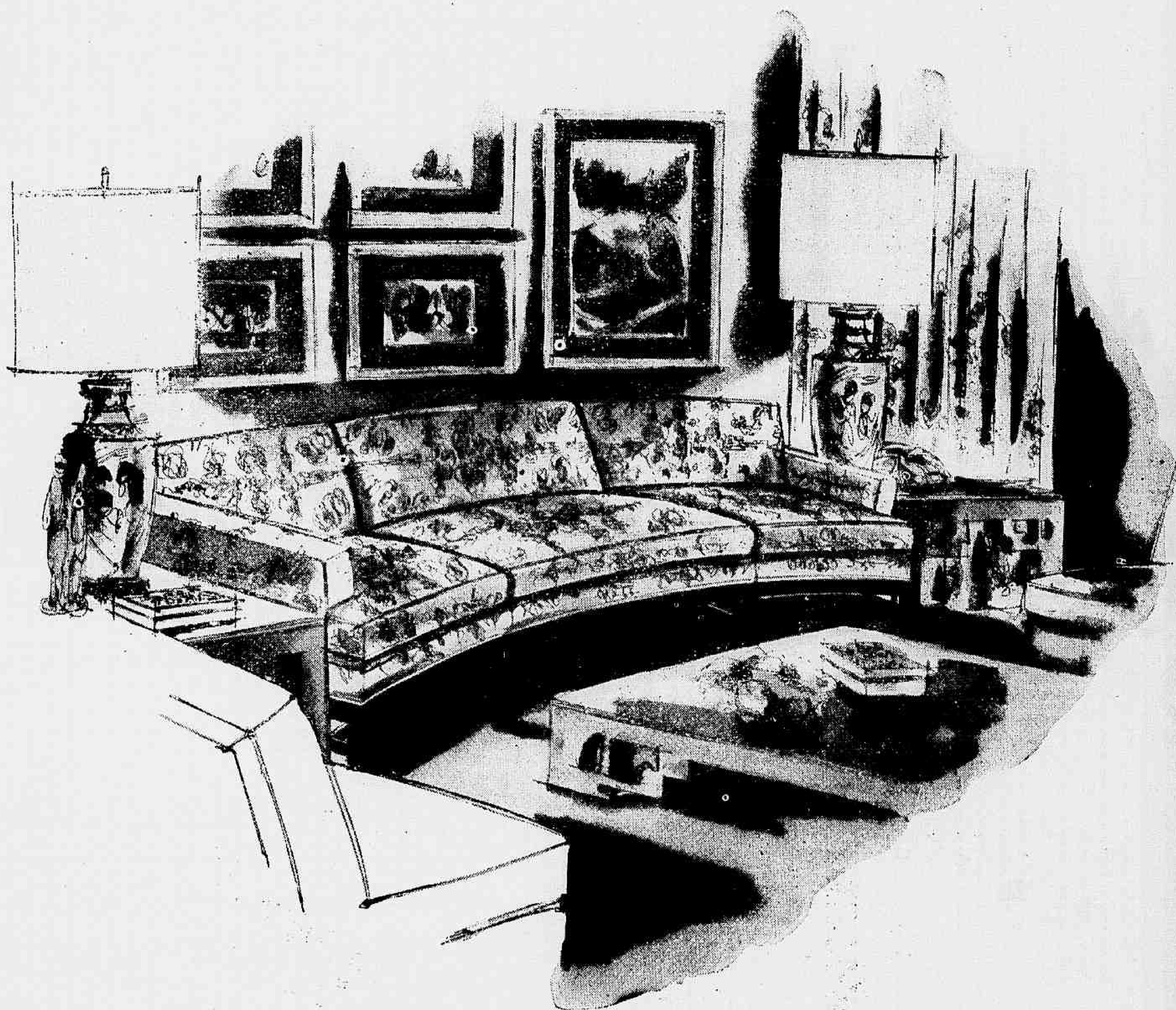
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores



GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO



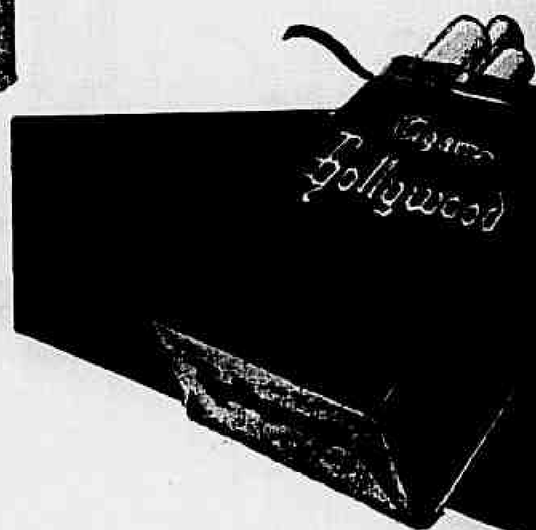
é o fumante que faz o cigarro...



A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!

cigarr **Hollywood**

uma tradição do bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ